



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE AMBIENTE E
TRABALHO



**MULHERES DAS ÁGUAS: SIGNIFICAÇÕES DO CORPO-QUE-
TRABALHA-NA-MARÉ**

Thais Mara Dias Gomes

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Salvador (Bahia), 2012

SIBI/Bibliotheca Gonçalo Moniz:Memória da Saúde Brasileira

Gomes, Thais Mara Dias.
Mulheres das águas : significações do corpo-que-trabalha-na-maré /
Thais Mara Dias Gomes.- Salvador: 2012.
130 f. : il. [fotogr., tab.].

Orientadora: Profª Drª Mônica Angelim Gomes de Lima
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina,
Salvador, 2012.

1. Pesca artesanal. 2. Mulheres - pesca. 3. Corpo - trabalho. 4. Dor. I. Lima, Mônica
Angelim Gomes de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Medicina. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE AMBIENTE E
TRABALHO



**MULHERES DAS ÁGUAS: SIGNIFICAÇÕES DO CORPO-QUE-
TRABALHA-NA-MARÉ**

Thais Mara Dias Gomes

Professora-orientadora: Mônica Angelim Gomes de Lima

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Saúde Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Saúde, Ambiente e Trabalho.

Salvador (Bahia), 2012

Thais Mara Dias Gomes

Mulheres das águas: significações do corpo-que-trabalha-na-maré

Data da defesa: 23 de abril de 2012

Banca Examinadora:

Professora Mônica Angelim Gomes de Lima

Professora Maria do Carmo Freitas

Professora Maria da Purificação Nazaré Araújo

À minha incrível mãe Solange, a meu pai Pedro e
irmã Tati pelo exemplo,

À minha querida tia-mãe Germina†, nossa eterna
"Geu", pela sua imensa coragem e sabedoria,

Com amor,

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta etapa de minha vida acadêmica, com a apresentação desta Dissertação, os agradecimentos são inevitáveis. Agradecer por ter escrito, por ter vivido, ou melhor, sobrevivido. Foi um caminho marcado por prazeres e dores, no corpo e na mente, mas guiados por aqueles que hoje eu venho a agradecer.

Muitas foram às pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui. Por mais difícil que seja eleger dentre tantos, preciso registrar alguns agradecimentos especiais a pessoas e instituições que mais diretamente participaram deste trabalho.

À Deus, por me permitir chegar até aqui, mesmo com todas as dificuldades vivenciadas nesse último ano do Mestrado. Entre partidas e chegadas me vi dependente de algo maior e que vivia em mim, a sua presença.

Às todas as mulheres das águas, em especial às que residem na Ilha das Fontes, foram muitos ensinamentos durante esse anos que transitei no território da pesca. Às organizações da pesca artesanal como a Pastoral da Pesca e o Movimento de Pescadores Artesanais. Agradeço os encontros, gentilezas, banquetes, acolhida e todas as vastas conversas durante meu aprendizado na ‘Arte de Mariscar’.

Aos professores do Mestrado em Saúde Ambiente e Trabalho - MSAT, presentes ao longo da minha formação, meu reconhecimento. Em especial à minha orientadora, Professora Mônica Angelim, obrigada por me conduzir às saídas dos labirintos que muitas vezes me coloquei. Ao Professor Paulo Pena pelos conselhos, abertura ao diálogo e por aquele abraço, não imagina o quanto me fez bem. Às Professoras Maria do Carmo “Carminha” e Cristina Larreia pelas contribuições ao meu projeto inicial, pelos ensinamentos que foram o pilar da minha imersão em campo e nos caminhos da fenomenologia e etnografia. Ao Professor Eduardo Reis minha gratidão pela sua atenção e carinho.

Aos funcionários do MSAT, em especial à Solange, pelas conversas descontraídas, por sempre me lembrar dos prazos, por ser a melhor secretária que o Mestrado poderia ter. A Ricardo, guardador de carros ‘oficial do MSAT’, pelo carisma e praticidade, você também faz parte dessa conquista.

Aos colegas do Ambulatório de Fisioterapia do Hospital das Clínicas, Viviane Burgos, Paulo Lessa e Achilles Motta; minha ‘porta de entrada’ que possibilitou o contato com a Saúde do Trabalhador.

Ao Serviço de Saúde Ocupacional/SESAO do Hospital das Clínicas, seus funcionários e “agregados”. À médica do trabalho Vera Martins, “tia Vera”, pelas portas abertas a imaginação, pela sensibilidade e carinho aos meus devaneios, pelas longas conversas sobre a vida, a minha vida, a sua vida, a nossa vida. Ao nosso grupo de itinerâncias às comunidades pesqueiras da Bahia e Pernambuco, Yuri, Solange, Luis, meu agradecimento especial, meu campo de pesquisa nasceu assim, junto com vocês.

Aos meus amigos e colegas de mestrado pela presença e o estímulo de muitas formas, nos momentos mais difíceis. A Jacqueline Seixas pela companhia de tantos anos, as muitas ajudas, sonhos, conversas e leituras. Ao nosso querido Maxwell Pimentel “Max”† pela ajuda em organizar nossa turma, em lutar por nós.

Ao meu amigo Arudi Azevedo†, pela insistência e o exemplo em continuar sempre estudando, mesmo com todas as adversidades da nossa trajetória. Muito obrigada pelas risadas que me proporcionou.

Aos meus familiares e amigos por compreenderem e suportar minhas ausências físicas e mentais.

À todos vocês muito obrigada.

'Quando a maré encher' não mais serei coleta
Serei corpo em locomoção, transposição
Em casa sou fumaça, sou cata, sou prosa, sou pirão
Aos sábados sou feira, sou venda, sou arrumação
'Pra' no domingo ser farra e dança até o chão
'Quando a maré encher', volto a ser canção...

Thais Mara Dias Gomes

RESUMO

Comunidades pesqueiras, comunidades tradicionais de pesca e mariscagem ou, simplesmente, povos do mar, representam, no Brasil, um contingente populacional de aproximadamente 800 mil pescadores artesanais cadastrados. Metade desse contingente é representado por mulheres. É no espaço das areias das praias embebidas pelas lamas dos manguezais, que elas se lançam desvendando tradições, mitos, ritos, riquezas, belezas e estratégias de trabalho. O estudo objetivou compreender os significados do corpo-que-trabalha-na-maré atribuídos por mulheres pescadoras/marisqueiras. Apresenta como objetivo específico descrever o cotidiano de trabalho na maré. Realizou-se um estudo qualitativo, aproximando-se do método etnográfico, no período de janeiro de 2011 a janeiro de 2012, em uma comunidade pesqueira do município de São Francisco do Conde/BA, a Ilha das Fontes. Foram realizadas 6 entrevistas com marisqueiras da comunidade, assim como observado e vivenciado a atividade de trabalho. Abordar os aspectos socioculturais dos povos do mar, não é tarefa fácil, tendo em vista a reduzida produção acadêmica brasileira no âmbito das culturas populares da pesca. A atividade de mariscagem apresenta-se como uma arte, com possibilidade de execução não só por mulheres, mas idosos e crianças. É um ambiente que permeia entre a liberdade e o prazer; a dor e sobrevivência. Observou-se o corpo nas 7 fases que compreendem o trabalho na maré na Ilha das Fontes, executadas ao longo de uma jornada de 12 horas diárias que permeia também o ambiente doméstico. A dor surge nas mais variadas formas, representadas no corpo como uma dor generalizada, cansada, com riscos de acidentes no trabalho. Dessa forma, o corpo-que-trabalha-na-maré configura-se não apenas com o olhar da avaliação biomecânica realizada pela Fisioterapia, mas extrapolando esse olhar sistemático para compreender o corpo em sua dimensão subjetiva e cultural.

Palavras-chave: 1. pesca artesanal; 2. marisqueira; 3. trabalho; 4. corpo; 5. dor (illness)

ABSTRACT

Fishing communities, fishing communities and traditional shellfish or simply people of the sea, are in Brazil, a contingent of approximately 800 000 registered fishermen. Half of this contingent is represented by women. It is in the space of sandy beaches soaked by mangrove mud, they throw themselves unraveling traditions, myths, rituals, wealth, beauty and work strategies. The study aimed to understand the meanings of the body-that-works-in-tide assigned by fisherwomen / seafood. Its objective is to describe the specific daily work in the tide. We conducted a qualitative study, approaching the ethnographic method, from January 2011 to January 2012 in a fishing community of São Francisco do Conde / BA, the Isle of Springs. Six interviews were conducted with seafood community, as seen and experienced the work activity. Addressing the sociocultural aspects of the Sea People, and not an easy task in view of the small Brazilian academic production in the context of popular culture fisheries. The activity of shellfish presents itself as an art, with the possibility of running not only women but children and the elderly. It is an environment that permeates between freedom and pleasure, pain and survival. There are seven stages in the body comprising the work in the tide of sources on the island, run along a journey of 12 hours per day that permeates the home environment. The pain comes in many forms, represented in the body as a generalized aching, tired, with risks of accidents at work. Thus, the body-that-works-in-tide sets up not only with the eyes of biomechanical evaluation performed by physiotherapy, but extrapolating this look systematically to understand the body in its subjective dimension and cultural.

Keywords: 1. fishing 2. seafood 3. work 4. body 5. pain (illness)

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Ilhas da Baía de Todos os Santos
- Figura 2: *Mytella guyanensis* ‘sururu’
- Figura 3: *Macoma constricta* ‘tarioba’
- Figura 4: *Anomalocardia brasiliana* ‘chumbinho’
- Figura 5: *Crassostrea rhizophorae* ‘ostra do mangue’
- Figura 6: *Aratus pisonii* ‘aratu’
- Figura 7: Entrada na Ilha das Fontes
- Figura 8: Casa de lona
- Figura 9: Fases, ritmos e ciclos da mariscagem
- Figura 10: Instrumentos de trabalho
- Figura 11: Coleta com a ‘coluna fletida’ e ‘agachada’
- Figura 12: Coleta com presença de crianças
- Figura 13: Retorno da maré
- Figura 14: Cozimento do marisco
- Figura 15: Cata do marisco

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de pescadores por Estado da região Nordeste no ano de 2009

Tabela 2: Produção por espécie de peixes, crustáceos e moluscos da pesca no Brasil nos anos de 2007, 2008 e 2009.

LISTA DE SIGLAS

ZEE – Zona Economicamente Exclusiva

RGP – Registro Geral da Pesca

OIT – Organização Internacional do Trabalho

MPA – Ministério da Pesca e Aquicultura

FAO – Food and Agriculture Organization

GERMAN – Grupo Ecológico

NMA – Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente

UFBA – Universidade Federal da Bahia

HUPES – Hospital Universitário Professor Edgar Santos

SESAO – Serviço de Saúde Ocupacional

LER/DORT – Lesão por Esforço Repetitivo / Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho

INSS – Instituto Nacional de Segurança Social

SEAP – Secretaria Especial de Agricultura e Pesca

ANAMT – Associação Nacional de Médicos do Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RLAM – Refinaria Landolfo Alves

CNS – Conselho Nacional de Saúde

PAS – Programa de Assistência Social

PNDU – Programa das nações Unidas para o Desenvolvimento

DPOC – Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Breve panorama da pesca/mariscagem no Brasil/Nordeste/Bahia	17
Que trabalho é esse? A pesca artesanal/mariscagem em evidência	23
A pesca artesanal nas ciências sociais.....	29
Estudos em saúde do trabalhador da pesca artesanal na Bahia.....	31
O corpo que trabalha.....	35
A experiência corporal	37
Do corpo objeto ao corpo sujeito	38
A dor no corpo	40
Dor: um modo-de-ser-no-mundo	40
A relação médico-paciente: disease e illness	43
Práticas de cuidado em relação à dor: do científico ao popular	45
O PERCUSSO METODOLÓGICO	47
Entrando na Ilha das Fontes.....	51
Ilha das Fontes: uma paisagem viva	52
Os Participantes	57
Breve perfil das mulheres entrevistadas.....	58
Análise e Interpretação	59
A ARTE DE TORNAR-SE/SER MARISQUEIRA.....	61
O caráter tradicional: “Mamãe mariscava, papai vivia na maré”	62
Mariscagem: um espaço feminino e inclusivo.....	66
Os ensinamentos da maré.....	69
A liberdade do trabalho no território das águas	75
O CORPO-QUE-TRABALHA-NA-MARÉ.....	78
As etapas do trabalho	80
1ª etapa: a preparação para o trabalho – o que vestir, o que levar, o que comer?.....	80
2ª Etapa: ida à maré.....	82
3ª Etapa: coleta – a mariscagem propriamente dita	83
4ª Etapa: retorno da maré.....	91
5ª Etapa: cozimento do marisco.....	93

6ª Etapa: cata do marisco	95
7ª Etapa: a venda.....	98
A DOR NO CORPO-QUE-TRABALHA-NA-MARÉ.....	100
“A gente toma muita frieza, pode acontecer alguma inflamação”: teorias leigas e a experiência de doença (illness).....	100
“O cansaço que eu falo é o cansaço da maré”: quando todo o corpo dói	103
Naturalizações e tolerâncias: a dor normal e a dor dos acidentes.....	106
Entre terapêuticas e a comunicação médico-paciente: aproximações necessárias	110
OUTRAS PALAVRAS	116
REFERÊNCIAS.....	119
ANEXOS	124

INTRODUÇÃO

“A medicina que a todos socorre, como disse Hipócrates, não deixará de dar atenção menor aos pescadores do que aos agricultores, todas as vezes que se sintam doentes, coisa que não é rara; se algum dia cabe a um médico receber um pescador que em seus cuidados, considere ele quão penosa e quão difícil é essa profissão, obrigada que está a tolerar as terríveis rajadas de vento, os violentíssimos frios inverniais e os mais pesados calores do verão; que espécie de alimentação usam esses homens, que gênero de vida diferente levam, pois, quando os demais operários cansados do labor diurno metem-se na cama para passarem comodamente à noite, num sono reparador, as noites dos pescadores estão cheias de trabalho e insônias” (RAMAZZINI, 1985).

Ao iniciar com esta epígrafe pretendo situar a proposição desse estudo como um esforço em dar visibilidade às populações que sobrevivem da pesca artesanal do ponto de vista da relação saúde e trabalho. Ao discutir essa relação transito em um território ainda menos explorado, o trabalho das marisqueiras. É no espaço das areias das praias embebidas pelas lamas dos manguezais, que elas se lançam desvendando tradições, mitos, ritos, riquezas, belezas e estratégias de trabalho. Nesse cenário elas vivenciam o adoecimento, mas também a saúde inerente a esse modo de vida e sua relação com a natureza.

A temática da saúde do trabalhador artesanal em geral é pouco explorada. Verifica-se relatos históricos como o do médico Bernardino Ramazzini (1985), pioneiro em descrever sistematicamente doenças do trabalho para 54 profissões artesanais, dentre elas, o ofício de pescador e suas respectivas doenças profissionais. Há de se ressaltar que o estudo em questão transita na pesca tradicional marítima e fluvial e não na atividade de extração de mariscos.

A construção da Saúde do Trabalhador envolve o reconhecimento da multiplicidade de mundos do trabalho e por isso, suas práticas devem adotar abordagens inclusivas de categorias tradicionais. A pesca artesanal representa um desses desafios. Trata-se de homens, crianças e principalmente mulheres expostas aos mais variados riscos e a processos de adoecimento sem acesso à proteção da saúde dos trabalhadores. São categorias de trabalhadores vulneráveis no mundo contemporâneo, em condições de pobreza e que resistem à gigantesca hegemonia da sociedade industrial e terciária, preservando o saber-fazer do pescador artesanal/marisqueira.

Breve panorama da pesca/mariscagem no Brasil/Nordeste/Bahia

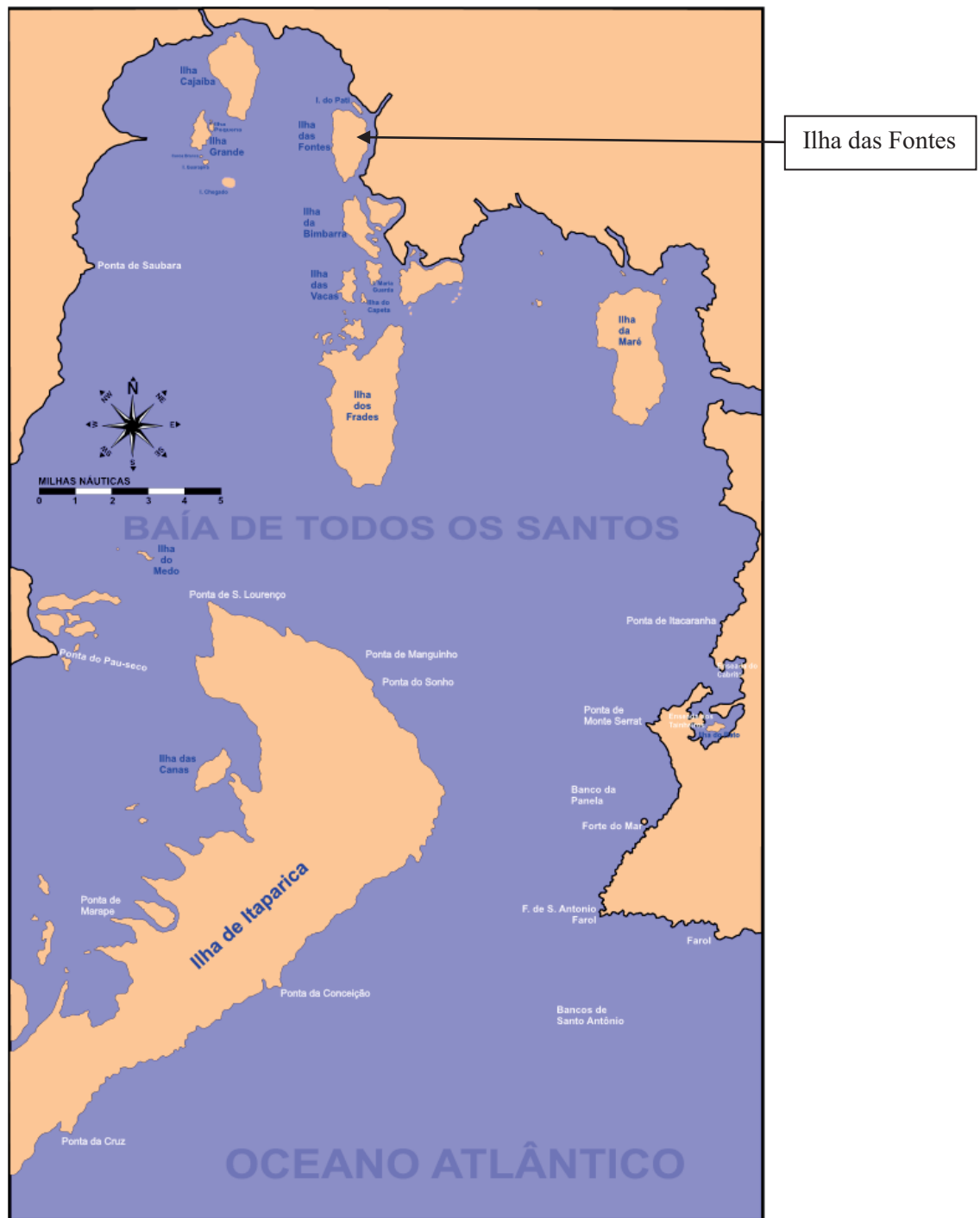
O Brasil apresenta uma extensão litorânea de cerca de 8.500 quilômetros e uma Zona Economicamente Exclusiva - ZEE¹ de 3,5 milhões de km², representados principalmente pela região Nordeste (IBAMA, 2006). O estado da Bahia possui 427 milhas e cerca de 800 km em linha reta. Ao considerar as reentrâncias essa distância aproxima-se de 1.200 km, representando 14% da costa brasileira (IBAMA, 2006). As áreas denominadas Litoral Norte, Baía de Todos os Santos/Recôncavo, Baixo Sul, Litoral Sul e Extremo Sul são formadas por 44 municípios, estando inseridas 347 comunidades pesqueiras, sendo 9 delas localizadas no município de São Francisco do Conde² (BAHIA PESCA, 2005).

Esse vasto litoral (Figura 1) possui um grande número de estuários, formando um complexo de manguezais e coroas. Segundo Marta Vannuci (1999), a pesca artesanal/mariscagem brasileira ocorre principalmente nos ambientes de mangue, possuindo o Brasil a segunda maior área do mundo, com cerca de 25.000 Km² (IUCN³, 1983). Neste enorme complexo de manguezais, ecossistema cuja riqueza biótica é fartamente comprovada, habitam espécies que possuem parte ou todo o seu ciclo de vida nesses ambientes.

¹ Um novo conceito de espaço marítimo foi introduzido a partir da criação ZEE que dá uma série de direitos ao estado dela detentor. Direitos exclusivos de soberania para fins de exploração e aproveitamento, conservação e gestão dos recursos naturais, vivos ou não vivos, das águas sobrejacentes ao leito do mar, do leito e seu subsolo, bem como para a produção de energia a partir da água, marés, correntes e ventos (IBAMA, 2006).

² Comunidades pesqueiras de São Francisco do Conde: Sede, Caipe, Engenho de Baixo, **Ilha das Fontes**, Madruga, Monte Recôncavo, Ilha do Pati, Santo Estevão e Paramirim.

³ IUCN – International Union for Conservation of Nature and Natural Resources. A União Internacional para Conservação da Natureza e Recursos Naturais contribui nas soluções para os principais desafios ambientais e os problemas enfrentados no planeta, com atuação continental em temas como biodiversidade, mudanças climáticas e energia.



Fonte: André koehne, 2008

Figura 1: Ilhas da Baía de Todos os Santos

Nos ambientes existentes entre os manguezais e os estuários dos rios, locais onde ocorrem à mistura entre as águas marinhas salgadas e as águas doces encontra-se uma variedade de mariscos. Sob o domínio de marés, a movimentar-se quatro vezes por dia o ambiente marítimo oferta: a) *Mytella guyanensis* “sururu” (FIGURA 2), b)

Macoma constricta “tarioba” (FIGURA 3), c) *Anomalocardia brasiliana* “chumbinho” (FIGURA 4) e d) *Crassostrea rhizophorae* “ostra do mangue” (FIGURA 5), e) *Aratus pisonii* “aratu” (FIGURA 6), entre outros.



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

A Organização Internacional do Trabalho/OIT estima um contingente de 25 a 34 milhões de homens e mulheres, envolvidos na pesca no âmbito global, sendo aproximadamente 75% artesãos (ARNASON, 1998). Segundo dados do Registro Geral da Pesca (RGP) do Ministério da Pesca e Aquicultura, até 31/12/2009 estavam registrados 833.205 pescadores profissionais, distribuídos nas 26 Unidades da Federação e no Distrito Federal.

A região Nordeste concentra o maior número de pescadores, com 386.081, que representa 46,3% do total do país, seguida pela Região Norte, com 266.476 (31,9%). Juntas, essas regiões respondem por 78,3% do universo de pescadores profissionais do Brasil (BRASIL, 2011). Organizações não governamentais adiantam que esses números

podem chegar ao dobro do oficial, considerando o alto grau de informalidade típica das atividades desses povos das águas que sobrevivem cultuando tradições milenares.

O estado da Bahia possui um total de 105.455 mil pescadores cadastrados (Tabela 1), sendo 54,9% do sexo masculino e 45,1% do sexo feminino, ocupando o primeiro lugar na Região Nordeste em quantidade de pescadores cadastrados (BRASIL, 2011).

Tabela 1. Quantidade de pescadores por Estado na Região Nordeste no ano de 2009.

Região Nordeste/Estados	Homens	Mulheres	Total
Alagoas	15.368	14.469	29.837
Bahia	57.859	47.596	105.455
Ceará	24.161	6.023	30.184
Maranhão	52.200	49.387	101.587
Paraíba	14.077	5.466	19.543
Pernambuco	8.713	5.739	14.452
Piauí	20.247	11.236	31.483
Rio Grande do Norte	21.268	11.244	32.512
Sergipe	10.447	10.581	21.028

Fonte: BRASIL/MPA, 2011

Como observado na tabela 1, aproximadamente metade do contingente de trabalhadores da pesca artesanal na Bahia são constituído por mulheres. Uma particularidade desse trabalho da região é a clara divisão do trabalho da captura do peixe realizada pelos homens e do marisco pelas mulheres, salvo algumas exceções. Juntos representam a única fonte de renda para uma parcela significativa da população do litoral que vive da pesca artesanal, proporcionando o sustento e base alimentar de elevado contingente de pescadores e marisqueiras.

Segundo a FAO (2006), a pesca de captura somada a aquicultura, é responsável por 20% da oferta mundial de proteínas e atende aproximadamente 2,6 milhões de pessoas em todo o mundo. A Região Nordeste passou a ser a maior produtora de pescados marinhos, subindo de 155.625 t, referente a 28,8% do total em 2007, para 215.225 t em 2009, representando 36,8% de toda produção pesqueira nacional. A Bahia passou a ser o terceiro maior produtor nacional em 2008 e 2009, com 66.486 t e 83.537 t, respectivamente (BRASIL, 2011). A tabela 2 demonstra um panorama da produção por espécie de peixes, crustáceos e moluscos da pesca no Brasil que apresentaram maior produção nos anos 2007, 2008 e 2009.

Tabela 2 Produção por espécie de peixes, crustáceos e moluscos da pesca no Brasil nos anos de 2007, 2008 e 2009.

Espécie	Produção (t)		
	2007	2008	2009
Peixes			
Sardinha-verdadeira	55.939	74.630	83.287,47
Corvina	44.373	41.479	45.750
Crustáceos			
Camarão-sete-barbas	15.060	14.659	16.168
Caranguejo-uça	6.818	8.184	9.027
Siri	1.461	2.180	2.405
Moluscos			
Mexilhão	5.361	3.587	3.956
Sururu	1.289	2.029	2.238
Ostra	800	1.173	1.294

Fonte: BRASIL/MPA, 2011 (*modificada*).

Esses dados são importantes principalmente para países ou regiões litorâneas com baixo nível de renda e com problemas de segurança alimentar. Em termos de geração de emprego e renda, o número trabalhador ligado à pesca e aquicultura apresentou um aumento considerável durante as últimas três décadas (FAO, 2006). Porém, os dados de produção pesqueira refletem em maior magnitude a captura de peixes, em detrimento da atividade de mariscagem (captura de moluscos e crustáceos).

A falta de informação ocorre em decorrência da pesca, quase sempre, está associada à atividade em alto mar, provavelmente porque o principal produto da sua captura, o peixe, é simbolizado pelo pescador, no barco, em mar aberto (LEITÃO, 2009). Corrobora com esse cenário a forma de pesagem do marisco acontecer com o produto final já beneficiado. Essa ideia contribui para que as atividades desenvolvidas pelas mulheres no setor pesqueiro não sejam abordadas claramente nos estudos, ou apareçam como uma prática de complemento à renda familiar.

A realização das tarefas não é uma situação estática ou padronizada, pode variar de uma comunidade para outra, assim como o perfil socioeconômico da região também se altera (CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS JOSUÉ DE CASTRO, 2000). Por

ocuparem espaços de natureza exuberante e não delimitam seus territórios de coleta de marisco e pesca, são alvos do turismo predatório ou da própria especulação imobiliária.

Outros dois grandes problemas territoriais da atualidade é delimitação de áreas costeiras realizadas pela Marinha brasileira e a ocupação de áreas de mariscagem para produção privada de mariscos (PROST, 2010). Os fatos citados resultam em redução dos estoques pesqueiros e perda do território da pesca, tornando-se trabalhadores sem mar (PENA et al, 2007). Essas são realidades presentes nas diversas comunidades pesqueiras do Brasil. As consequências em decorrência desse cenário são muitas, tornando ainda mais complexas as condições de determinação dos processos saúde/doença, que se adicionam às condições precárias relativas aos processos saúde/doenças do trabalho.

Diante do cenário apresentado cabem alguns esclarecimentos sobre que tipo de trabalho artesanal o estudo aborda. Apresenta dessa forma a pesca artesanal/mariscagem e sua interface com as questões socioculturais e caminhos percorridos nas Ciências Sociais.

Que trabalho é esse? A pesca artesanal/mariscagem em evidência

A pesca artesanal é uma atividade que remonta os primórdios da humanidade. Constitui-se como a primeira forma de organização produtiva. Como atividade extrativista, ela antecede a atividade agrícola. Nesta fase, a divisão do trabalho apresentava-se pouco desenvolvida e com uma maior extensão da divisão natural no seio da família (MARX e ENGELS, 2002). Traços desta forma de organização do trabalho, como também a relação direta com a natureza, os instrumentos de trabalho, o mar como espaço sem proprietários e a pescaria enquanto atividade econômica principal; são mantidos até os dias atuais.

Sua história no Brasil tem influência de três correntes étnicas que formaram a cultura das comunidades litorâneas: a indígena, a portuguesa e a negra (SILVA et al, 1990). Da cultura indígena as populações litorâneas herdaram o preparo do peixe para a alimentação, o feitio das canoas e jangadas, as flechas, os arpões e as tapagens; da cultura portuguesa, herdaram os anzóis, pesos de metal, redes de arremessar e de arrastar; e da cultura negra, herdaram a variedade de cestos e outros utensílios utilizados para a captura dos peixes (DIEGUES, 1983).

Cada uma dessas sociedades corresponde a uma tradição cultural situado no tempo e no espaço, como uma trama complexa de relações que resulta na produção histórica da população das águas. É interessante ressaltar o conceito de cultura aqui empregado. Partir-se da compreensão de cultura realizada por Clifford Geertz (1989), como um sistema simbólico, característica fundamental e comum da humanidade de atribuir, de forma sistemática; racional e estruturada, significados e sentidos “às coisas do mundo”. Neste sentido,

“O homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e suas análises, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura do significado” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Para José Martins, “a cultura seria um produto da experiência grupal e, conseqüentemente, algo local, inerente ao contexto onde existe um grupo definido e possuidor de uma história comum e significativa” (MARTINS, 2002, p. 106). Segundo Roberto da Matta, “ter tradição significa mais do que viver ordenadamente certas regras

plenamente estabelecidas”, ao vivenciá-las de modo consciente cada membro percebe sua tradição como algo que lhe pertence (MATTA, 1984, p. 76).

As culturas tradicionais coexistem na relação do homem com o meio natural (DIEGUES, 2004), com práticas, valores e conhecimentos empíricos adquiridos e acumulados através das várias gerações. Nesse contexto o homem modifica o meio assim como o meio impõe ao homem suas características, tornando-se parte de sua cultura. Em meio ao processo adaptativo de sobrevivência as comunidades tradicionais desenvolvem técnicas produtivas inseridas num processo de produção particular, o da pequena produção mercantil (DIEGUES, 1983). Entende-se por Povos e Comunidades Tradicionais:

“grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007, art. 3, § I).

Segundo Edna Castro, a cultura é indissociável do processo de produção, pois contém e combinam formas materiais e simbólicas da ação dos grupos nos territórios. Trata-se de uma atividade não apenas econômica, mas que reúne aspectos visíveis e invisíveis. “Nas sociedades ditas ‘tradicionais’ e no seio de certos grupos agroextrativos, o trabalho encerra dimensões múltiplas, reunindo elementos técnicos com o mágico, o ritual, e enfim, o simbólico” (CASTRO, 2000, p. 167).

Para Mário de Andrade (1963), o objeto artesanal pode se tornar um testemunho, uma revelação da relação homem e sociedade. É na tensão entre repetição e criação que Andrade (1963) considera a possibilidade da revelação do objeto artesanal: o que desponta de criação em meio à repetição contém a rebeldia e a transgressão da própria repetição.

A situação da pesca está expressa na tradição dos pescadores e marisqueiras. São eles que imprimem o aspecto cultural às diversas comunidades pesqueiras, daí por que o cenário e a imagem fazem compreender a cultura codificada pela prática dos pescadores e perceber a dinâmica do processo de identificação do pescador com a comunidade. Segundo Ramalho (2004), as práticas subjetivas e objetivas tecem e moldam modos de vida ao projetar formas de sociabilidades reveladoras de particularidades sociais. Para Alfred Schutz (1979) a sociabilidade é considerada como atos comunicativos entre um

“eu” que se volta aos outros e os apreende como pessoas. Esse processo se dá a partir da percepção do outro enquanto um corpo no espaço que compartilha comigo um ambiente comunicativo comum.

Há uma carência significativa de informações sobre as particularidades do gênero no setor pesqueiro⁴. Segundo o Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro (2000), a pesca e a coleta por mulheres constituem um trabalho invisível. Diante de tamanha invisibilidade é importante caracterizar a atuação de marisqueira dentro do contexto da pesca artesanal como esclarece a Lei 9.605/98 pescar não é o simples ato de capturar peixe, porém:

"todo ato tendente a retirar, extrair, coletar, apanhar, apreender ou capturar espécimes dos grupos dos peixes, crustáceos, moluscos e vegetais hidróbios, suscetíveis ou não de aproveitamento econômico, ressalvadas as espécies ameaçadas de extinção, constantes nas listas oficiais da fauna e da flora" (BRASIL, 98).

Segundo Mirian Goldenberg (1997), a ideia de invisibilidade da mulher denota a posição inferior ou secundária que ocupa nas diversas instituições. Para o Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro (2000), essa divisão sexual do trabalho acarreta desigualdades. A jornada de trabalho das mulheres adquire uma rotina exaustiva que gera desgaste físico e emocional constante e sem reposição. Além da atividade extrativista, ela é responsável pelos cuidados com a família e algumas militam e se dedicam à Colônia de Pesca, o que gera uma maior sobrecarga. Já os homens, mesmo os militantes, têm menor volume de atribuições, o que lhes confere maior autonomia e liberdade de ir e vir (2000).

A construção social do gênero está diretamente relacionada às representações produzidas sobre os homens e as mulheres em cada cultura e em cada sociedade. Ambos pertencem a universos de domínios distintos e em muitas culturas, como no caso a pesqueira, estas atividade não caberiam ao gênero feminino (BECK, 1989). Estudiosos como Maldonado (1986) e Cristina Maneschy (1995) enfatizam que pescar em alto mar é uma atividade masculina, cabendo às mulheres exercer suas atividades em terra.

“Quando elas se relacionam diretamente com o meio aquático, fazem-no mais frequentemente nos limites do

⁴ Dados da Rede Latino Americana das Mulheres no Setor Pesqueiro - organização suportada pela FAO (Food and Agriculture Organization) a qual o Brasil está inserido. Fonte: <http://mujeres.infopesca.org>

“mar raso” que compreende aquelas áreas próximas a terra, tais como rios, lagos, manguezais e praias, lançado mão de instrumentos não mecanizados, mas cujo uso não prescinde de um conjunto de conhecimentos acerca do meio ambiente, das espécies procuradas e das técnicas” (MANESCHY, 1995, p.146).

O conhecimento das comunidades pesqueiras não parte de concepções prévias da lógica e da ciência, mas como foi afirmado por Lévi-Strauss (1978), ele é baseado em observação contínua dos fenômenos naturais. A construção desse corpo complexo e detalhado de conceitos e símbolos baseia-se numa observação empírica de longo prazo. Esse conhecimento “etnoecológico” permite uma decisão consciente dos pescadores e marisqueiras quanto ao melhor momento da pescar, local mais adequado, e instrumentos e técnicas mais apropriadas (DIEGUES, 2004).

O corpo de saberes que orienta o comportamento e as estratégias de pesca e mariscagem é essencial para prever situações em que a pesca pode ser produtiva. Sem esse conhecimento preciso seria impossível à sobrevivência e reprodução dessas comunidades num ambiente marinho sujeito a frequentes e perigosas mudanças de tempo. Tais conhecimentos caracterizam-se por:

- a) relações de tradição, conhecimento transmitido através de gerações e marcado pelo trabalho familiar de por homens, mulheres e crianças;
- b) relações simbólicas e econômicas com o mar, o mangue e estuários da pesca;
- c) pelo domínio do ciclo de vida dos peixes e mariscos, ritmo das águas; do tempo; da lua;
- d) pelo domínio das técnicas e captura/coleta, transporte, cata/beneficiamento e venda de peixes e mariscos;
- e) pela ligação com o território onde o grupo social se reproduz socialmente;
- f) ser uma atividade de caráter individual, com baixa divisão técnica, e uso de tecnologia simples, já que muitas vezes o próprio trabalhador confecciona o instrumento de trabalho;
- g) baixo impacto sobre o meio-ambiente;
- h) pela importância das atividades de subsistência, ainda que as relações com o mercado desempenhem um papel importante na reprodução do modo de vida;
- i) pela acumulação limitada de capital e relações sociais baseadas principalmente no parentesco;

- j) fraco poder político e dependência política e econômica dos centros urbanos;
- l) por um nível de identidade sociocultural que a distingue das demais.

(IBAMA, 2004; PENA et al, 2011; *modificada*)

No que concerne à dimensão temporal, Thompson (1998) fornece um interessante contraponto para entendermos a situação dos pescadores artesanais na contemporaneidade: o *tempo natural* – expressão do ritmo das chamadas sociedades tradicionais – e o *tempo do relógio* – expressão do ritmo dominante nas sociedades capitalistas industriais –, duas ordens temporais que estão presentes, de forma simultânea e contraditória, no ritmo de vida do pescador artesanal, quer no universo produtivo, quer em suas representações simbólicas.

Despossuídos de um tempo fixo e vazio, os pescadores artesanais eram, pois, portadores das mais ricas e variadas formas de temporalidade, contrapostas ao tempo quantitativo, cronometrado e mecânico dos tempos modernos ainda que, recentemente, forças exógenas tendam a alterar essa situação. De qualquer forma, os ritmos sociais e naturais daquelas sociedades imbricam-se às suas atividades concretas e ao seu mundo imaginário.

Nesse sentido, o conhecimento das artes de pesca e mariscagem surgem e se desenvolvem num espaço físico e de práticas culturais que moldam ao modo de vida, a visão de mundo e linguagem, distintas do mundo urbano-industrial (MALDONADO, 2000). Ser artesão é possuir a capacidades de realizar qualquer tarefa do ofício, em qualquer região (HOBSBAWM, 2000). Vale ressaltar que pescador artesanal possui uma lógica diferenciada na relação com a natureza o que lhe permite transitar em seu meio através do domínio de sua técnica. As concepções apresentadas levam ao entendimento da pesca artesanal de acordo com o que propôs Diegues, “um conjunto de práticas cognitivas e culturais, habilidades práticas e saber fazer transmitidas oralmente nas comunidades de pescadores artesanais com a função de assegurar a reprodução do seu modo de vida” (2004, p. 32).

Mais do que uma atividade econômica, a pesca artesanal/mariscagem no Brasil revela-se como um modo de vida, como um elemento organizador das demais dimensões da vida social (DIEGUES, 2004). Por ser o artesão o proprietário os meios de produção, a concepção do trabalho e a execução encontravam-se unidas. Ao invés de controlado pelo processo da produção, é o homem que o domina submetendo-o à sua vontade.

A cultura pesqueira da mariscagem e, por conseguinte seu processo produtivo se distingue daquelas associadas ao modo de produção capitalista, em que não só a força de trabalho, como também a natureza, se transformam em objeto de compra e venda. Para Marx, os homens produzem seus meios de existência a partir das formas de existência já encontradas, e que por necessidade precisam reproduzir, correspondendo a um modo de vida determinado. “O que eles são coincide, pois, com sua produção (...), com o que produzem, quanto com a maneira como produzem” (MARX; ENGELS, 2002, p. 11). Desta forma, a conformação dos indivíduos e, por consequência, seus grupos, depende das condições materiais da sua produção.

Portanto, é necessária uma inflexão nos elementos característicos do processo de produção artesanal, dentre os elementos característicos, inexistente um mercado de compra e venda da força de trabalho, com formalidades contratuais trabalhistas, situação de emprego e desemprego (PENA et al, 2011).

Apesar de possuírem semelhanças, as populações tradicionais dependem de formas diferenciadas dos recursos do meio ambiente e com relação a esse aspecto não podem ser consideradas de forma homogênea. No caso da terra, sua privatização existe em praticamente todo o território brasileiro, mas nos espaços aquáticos, teoricamente e de direito, não acontece o mesmo. Seu rendimento destina-se aos que dominam o processo de produção. Dessa forma o trabalhador da pesca artesanal/mariscagem nada pode criar sem a natureza, sem o mundo externo sensível. O ambiente marítimo é o local onde ele é ativo, a partir do qual e por meio do qual produz as coisas.

Essa relação que se mantém com a natureza sensível provavelmente possibilita a existência de outras formas de produção além da capitalista, com a produção de bens de subsistência direta do pescado não comercializado. Se por um lado os pescadores convivem com o processo de produção capitalista, existindo claramente a exploração de capitalistas sobre os que trabalham nas atividades desenvolvidas na pesca artesanal, por outro lado, neste meio também se configuram outras formas de produção, pois alicerçadas em um meio natural, sem proprietários privados, emergindo outras possibilidades de relações sociais e dos homens com a natureza (DIEGUES, 2004).

Essas relações emergem em um contexto de liberdade, compreendida como o poder fundamental que se tem de ser o sujeito de todas as experiências, não se distingue de sua inserção no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). A liberdade emerge, já, do fato da inserção da pessoa ao mundo; para Merleau-Ponty, é algo natural, espontâneo e não hostil, enquanto, para Sartre, há uma luta angustiante, pois o homem é fadado a ser

livre. Para Merleau-Ponty (1999) fato da inserção do homem-no-mundo é dado pela percepção que lhe revela que é um ser situado e alheio a uma liberdade absoluta.

A pesca artesanal nas ciências sociais

Estudos sobre populações tradicionais têm sido realizados atualmente com maior frequência por sociólogos, antropólogos, geógrafos e biólogos. Até a década de 40 observa-se um número reduzido de trabalhos sobre a pesca artesanal. Destacando-se trabalhos como dos antropólogos Pierson e Teixeira (1947): *Survey de Icapara, uma vila de pescadores do litoral sul de São Paulo*, que descreveram o modo de vida e técnicas de pesca utilizadas pelos pescadores caiçaras⁵ do litoral de São Paulo (apud DIEGUES, 1999). O trabalho etnográfico realizado por Gioconda Mussolini em 1945 permitiu a compreensão das comunidades caiçaras em seu estudo: *O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião*. Como pano de fundo do artigo tem-se a distinção entre a pequena pesca à tainha e a praticada pelos barcos e pelas traineiras das companhias de Santos, distinção que a autora desdobra em termos econômicos, técnicos e ideológicos (MUSSOLINI, 1945).

Entre as décadas de 50 e 60 uma contribuição significativa na literatura dos povos das águas foi viabilizada pelos geógrafos humanos. Os trabalhos descreviam aspectos da distribuição e formas de vida dos pescadores entre o Rio de Janeiro e Santa Catarina (FRANÇA; BERNARDES; BRITO SOEIRO apud DIEGUES, 1999). Outros trabalhos descritivos como o de Câmara Cascudo (1957): *Jangadeiros*, Hélio Galvão (1968): *Novas cartas da praia* e Cordell (1967): *The lunar tide fishing cycle in Northeastern Brazil*. Os dois primeiros trazem aspectos das comunidades de jangadeiros, suas tradições e conhecimentos, o último explora os conhecimentos sobre os ciclos naturais e sistemas de manejo na pesca artesanal (apud DIEGUES, 1999).

A partir dos anos 70 a pesca no Brasil sofreu profundas transformações, com investimentos na indústria da pesca, principalmente nas regiões sul e sudeste. Como consequência das transformações ocorridas nas comunidades de pescadores dessas áreas surge um novo estrato social, os pescadores artesanais com embarcações motorizadas (MOURÃO, 1971). Uma nova lógica orienta o sistema de comercialização, orientado pelas demandas do mercado. Diegues (1973) analisa as relações de conflito entre pesca

⁵ Comunidade oriunda da miscigenação entre o colonizador português, o índio e o negro).

artesanal e empresarial, a relação de dependência da primeira em relação à segunda, culminado em sua desorganização. As mudanças são acompanhadas de novas relações econômicas, com distribuição de riquezas segundo interesses alheios aos da pesca artesanal (DIEGUES, 1999).

De acordo com Marx (1964, p. 158), dentro desta perspectiva o trabalhador perde o domínio do produto de sua própria atividade e, suas ações passam a ser impostas pela necessidade dos capitalistas e do sistema socioeconômico vigente. Ao seguir as premissas de Marx (1964, 159), compreende-se que o pescador artesanal:

“(...) torna-se uma mercadoria tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e em extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior o número de bens que produz”.

Dessa forma, quanto maior a produção, mais barato fica os seus produtos, mais degradantes ficam suas vidas e o meio ambiente. Isto porque, no mesmo momento que produz o pescado e este entram no circuito da mercadoria, os pescadores produzem a si mesmos enquanto mercadorias a disposição do mercado de trabalho capitalista, justamente na mesma proporção que produzem o pescado, pronto para ser industrializado e comercializado (DIEGUES, 2004).

Até o final da década de 70 alguns trabalhos foram publicados analisando as transformações ocorridas nas comunidades pesqueiras com o avançar da pesca industrial e seus mecanismos ideológicos de ocupação nas regiões sul e sudeste (BECK; DUARTE, 1979). Segundo Antônio Diegues (1999), a desordem causada pelo modelo industrial só pode ser alterada com a volta do modelo artesanal, que por sua vez, não existe mais como no passado.

A partir da década de 80 os estudiosos da pesca no Brasil avançaram seus trabalhos para outras áreas, como a região Norte. Esse fato deve-se ao avanço da indústria pesqueira para Belém/PA, em virtude da riqueza marítima dessa região. Trabalhos como o de Alex Mello (1985): *A pesca sob o capital: a tecnologia a serviço da dominação*, Lourdes Furtado (1987): *Curralistas e Rendeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará* apontam para a análise e descrição de regiões litorâneas do Pará que vivenciaram o processo de transformação da economia pesqueira tradicional (apud DIEGUES, 1999).

Ainda nesse período, a antropóloga Simone Maldonado (1986): *Pescadores do Mar* analisa as questões do saber, da territorialidade e dos segredos entre os pescadores de bote da Paraíba. Alguns desses autores reuniram-se nos anos de 1986, 1988, 1989 e 1990 para o Encontro de Ciências Sociais e o Mar. O objetivo do encontro era a troca de informações sobre as pesquisas, ocorrendo à publicação desses trabalhos em atas dos encontros (DIEGUES, 1999).

A década de 90 foi marcada por uma mudança nas temáticas que envolviam os estudos da pesca. Questões sobre preservação de recursos pesqueiros, parques nacionais, turismo, sobrevivência da cultura, o papel da mulher, o etnoconhecimento e a organização social pesqueira passaram a constituírem-se como objeto de pesquisa nas mais variadas áreas das ciências sociais. Entre eles Antônio Carlos Diegues (1994): *Mito da natureza intocada*, discutindo as consequências de políticas públicas para conservação ambiental sobre as comunidades de pescadores artesanais. Luís Geraldo Silva (1996): *A faina, a festa e o rito: gentes do mar e escravidão no Brasil*, analisando o papel dos escravos libertos na atividade pesqueira ao longo dos séculos XVII ao XIX. Cristina Maneschy (1995): *A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança do papel da mulher na manutenção doméstica entre família de pescadores do litoral do Pará*, relatando sobre o trabalho feminino na pesca e no ambiente doméstico. Eraldo Neto (1998): *Etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade no litoral norte baiano: um estudo de caso entre pescadores do município do Conde*.

É importante ressaltar dentre esses estudos a discussões sobre a mulher são relativamente novos, principalmente no que concerne a escassa literatura em saúde, adoecimento e condições de trabalho dessas populações. A Antropologia Marítima tem apontado para interessantes investigações a cerca da pesca como sistema cultural, abordando os processos cognitivos e simbólicos dos problemas de quem vive do mar, porém pouco se ressaltou sobre variáveis como sexo e etnia, marcadores culturais que visam à construção de identidade social (DIEGUES, 1999).

Estudos em saúde do trabalhador da pesca artesanal na Bahia

Na primeira década do século XXI surgiu na Bahia, alguns poucos estudos sobre este assunto. Algum comentário se encontra na obra, *Baía de Todos os Santos - Diagnóstico sócio-ambiental e subsídios para gestão*, elaborado pelo Grupo Ecológico – GERMEN, e pelo Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente – NIMA / UFBA

(TAVARES, 1997). Ao chamar atenção para os problemas ambientais o trabalho pretende propor às autoridades constituídas, o desenvolvimento de um processo de gestão ambiental integrada. Objetivando contemplar um monitoramento contínuo no corpo hídrico e no entorno da Baía de Todos os Santos.

Outro trabalho que merece destaque é o *Relatório de pesquisa sobre condições de pesca artesanal de mariscos, riscos ocupacionais e doenças relacionadas ao trabalho na comunidade de Bananeiras, Ilha de Maré – BA* (PENA et al, 2007) que identificou a necessidade de problematizar a temática em saúde dos trabalhadores da pesca artesanal. Ao trazer a realidade de vida e trabalho de pescadores artesanais este relatório contempla aspectos da saúde do trabalhador, como riscos ergonômicos e acidentes com animais peçonhentos próprios da atividade. No decorrer desse estudo, notou-se uma demanda de ações e intervenções na avaliação, diagnóstico e tratamento de LER/DORT em pescadores artesanais, sendo esta segunda etapa desenvolvida pelo Serviço de Saúde Ocupacional (SESAO) do Complexo Hospitalar Professor Edgard Santos/Universidade Federal da Bahia (HUPES/UFBA)⁶.

Essa demanda de ações possibilitou o surgimento um grupo de estudo, em 2007 o qual faço parte, que futuramente veio a ser denominado Grupo de Pesquisa em Saúde dos Trabalhadores da Pesca Artesanal. Apresenta como foco inicial do estudo, a saúde ocupacional das mulheres pescadoras; composto por médicos do trabalho, médico otorrinolaringologista, neurologista, enfermeiro, fisioterapeuta, assistente de comunicação e profissionais parceiros que atua no diagnóstico clínico e epidemiológico, na prevenção e nas atividades itinerantes nas comunidades pesqueiras da Bahia.

As ações do Programa Saúde Ocupacional para Pescadores Artesanais desenvolvidas pelo SESAO, produziu resultados importantes para o serviço, profissionais de saúde e população das marisqueiras, destacando-se:

- I Fórum de Controle Social em Saúde do Trabalhador para os profissionais da pesca artesanal – marisqueiras,

⁶ Até o momento foram atendidas e diagnosticadas 120 marisqueiras no período de 2005 a 2008. A partir de um universo de 8.129 pescadores e marisqueiras cadastradas pertencentes às comunidades de Salinas das Margaridas, Maragogipe, Santo Amaro e Ilha de Maré, que apresentavam sintomas sugestivos de LER/DORT, o que representa um percentual de aproximadamente 15% do total. Para 40 casos dos 120 diagnosticados, encontraram situações de incapacidades funcionais em que as pacientes foram encaminhadas para o INSS.

- Elaboração do Protocolo clínico de diagnóstico das LER/DORT em marisqueiras; a identificação do perfil das líderes pescadoras artesanais – marisqueiras das comunidades que fazem parte da construção do programa;
- Avaliação de atividade elétrica de grupos musculares importantes na prevenção de LER/DORT em marisqueiras;
- Ação Itinerante em Saúde Ocupacional para os pescadores artesanais - Marisqueiras da Bahia.

O Fórum foi realizado com o intuito de comunicar à sociedade civil quanto às ações desenvolvidas pelo SESAIO e demais atores sociais: Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP); Liderança de Comunidade Pesqueira; Universidade Federal da Bahia (UFBA), na perspectiva de fomentar a reflexão nos meios, acadêmico e político da necessidade iminente de discussões das questões referentes à saúde dos trabalhadores da pesca artesanal da Bahia e Brasil.

O Protocolo LER/DORT em marisqueiras surgiu da necessidade de estruturar os procedimentos para investigação diagnóstica considerando a escassez de estudos existentes na literatura sobre doença ocupacional nessa categoria. Além do mais, havia interesse em fundamentar os procedimentos para o reconhecimento pela perícia médica da previdência quanto ao nexo das doenças ocupacionais dessas trabalhadoras.

As Ações Itinerantes formulam-se com a execução das novas estratégias de atendimento a nível primário e secundário. Um primeiro momento ocorre na comunidade com o desenvolvimento de atividades assistenciais e preventivas em Saúde do Trabalhador. As atividades contemplaram a prevenção de doenças e de acidentes do trabalho, além de avaliar condições de trabalho para configurar fundamentos para realização de relatórios de nexos técnicos. O encaminhamento ao ambulatório do SESAIO é feito nos casos de identificação de queixas musculoesqueléticas para realização de exames complementares como ultrassonografia e eletroneuromiografia.

Esse grupo já apresenta diversos resultados, alguns em tramite para publicação. Dentre eles os estudos realizados durante o ano de 2008 destacam-se dois já apresentados nos eventos: IX Fórum Presença ANAMT e o IX Congresso Ibero-Americano de Medicina do Trabalho. Um versa sobre o “Levantamento de dados de LER/DORT em pescadores artesanais/marisqueiras atendidos no SESAIO” e o outro realiza uma “Avaliação eletromiográfica dos músculos do membro superior envolvidos na atividade laboral de mariscagem de uma comunidade de marisqueiras”. O primeiro baseado em dados provenientes da demanda de atendimentos do Serviço de Saúde

ocupacional do Hospital universitário Professor Edgar Santos. O segundo é fruto de uma avaliação realizada durante a atividade de trabalho de cata do marisco para análise da atividade muscular.

Dois instrumentos de atividade educativa foram produzidos no decorrer de 2011. A cartilha “*Saúde no trabalho das pescadoras marisqueira*”, contruída pelas marisqueiras de Pernambuco e Paraíba através de uma atividade realizada pelo Projeto Gente de Maré⁷ e instituições convidadas, como o grupo de pesquisa do SESAIO/UFBA. Um segundo instrumento elaborado pelo SESAIO/UFBA foi direcionado para atividades de capacitação de agentes multiplicadores, o “*Guia de orientações para identificação de casos LER/DORT em pescadores artesanais – marisqueiras*”, com enfoque nos profissionais do Programa de Saúde da Família.

Os mais recentes artigos publicados nessa perspectiva foram conduzidos por Paulo Pena et al: *Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, Bahia* (2011) e Antoniel de Oliveira Rios et al: *Doenças em trabalhadores da pesca* (2011). O primeiro analisa os movimentos repetitivos inerentes ao processo de trabalho das marisqueiras colocando em evidência a gravidade das condições de trabalho, em particular para enfermidades LER. O segundo trata-se de uma revisão bibliográfica acerca dos fatores de riscos para doenças ocupacionais e agravos a saúde dos trabalhadores da pesca. Conclui que os principais fatores de risco são relativos ao ambiente de trabalho, comportamentais, fatores sociais e os principais agravos à saúde foram do sistema musculoesquelético, lesões de pele, alergias respiratórias, problemas oftalmológicos, respiratórios e urogenitais.

Atualmente observa-se um movimento de integração de grupos de pesquisa e extensão da Universidade Federal da Bahia/UFBA que trabalham com pescadores artesanais. Representantes da Saúde Ocupacional, Nutrição, Biologia, Ciências Contábeis, Administração e Direito reuniram-se em 2012 para apresentar e articular estudos desenvolvidos em comunidades pesqueiras da Bahia. O grupo responsável pela Saúde Ocupacional apresentou os projetos em andamento e novas perspectivas de atuação, como a continuidade do Projeto Itinerante objetivando dois direcionamentos: a capacitação das Unidades de Saúde da Família no que concernem as questões de

⁷ Projeto financiado pela Agence Canadienne de Développement International – ONG World Fisheries Trust.

trabalho na pesca artesanal e a realização do diagnóstico e reconhecimento do trabalho em novas comunidades.

Este estudo atual se inclui na continuidade das demandas em pesquisa em comunidades pesqueiras surgidas no decorrer das inserções em comunidades pesqueiras da Bahia. Transitar nesses espaços há poucos mais de três anos possibilitou a aproximação com a discussão por ora apresentada. É no decorrer dessa caminhada que se revela um cotidiano de vida e trabalho denso, permeado por sofrimento e dor; mas ao mesmo tempo repleto de significados, com uma realidade ainda pouco discutida e muito menos vivenciada pelos demais atores da sociedade. Nesse sentido um estudo baseado em significações permite o retorno ao ponto de partida das análises até o momento realizadas, interpretando o trabalho a partir das narrativas da própria marisqueira.

O corpo que trabalha

Atualmente, o corpo tem sido alvo de estudos e debates, quer nos aspectos da saúde/doença, da estética ou da educação. Cotidianamente nos meios de comunicação, nas conversas informais a corporeidade é pensada depositando nela uma preocupação que pretende remediar um “esquecimento” e, com isso, construir uma vida com mais prazer e significado (LE BRETON, 2003). Como reflexo, o corpo visto nessa óptica distancia-se da sua relação com o mundo do trabalho.

Não somente presente em diálogos empíricos, o corpo também é temática frequente nas diversas áreas do conhecimento que analisam seu significado, seja na Antropologia ou na Sociologia. Dentro da perspectiva da Socio-antropológica do Corpo encontramos a compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginário (LE BRETON, 2007). Um corpo tendo como anteparo o mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que o trabalho analisado pelas questões do corpo.

Dentre todas as atividades humanas existentes, talvez nenhuma sintetize mais a construção do homem tão bem como o trabalho. Apesar da discussão aqui apresentada transitar na compreensão do ‘corpo que trabalha’ numa perspectiva fenomenológica há de se iniciar remetendo à principal ideia de Karl Marx (1994) ao analisar o mundo do trabalho. Mesmo não ambicionando o estudo do corpo diretamente, suas análises focalizam as questões do corpo no interior da sociedade capitalista através do consumo da força de trabalho e a produção da mais-valia.

O enfoque dado à categoria trabalho geralmente pressupõe a existência de assalariamento típico, formal ou informal. No entanto, diferente do que se costuma verificar nos estudos de base estruturalista, com foco no trabalho industrial de base taylorista/fordista, o trabalho artesanal estabelece-se por meio da tradição, que incluem saberes e práticas que perpassam gerações. É nessa perspectiva que a construção desse trabalho dialoga com Bordieu (1989) e sua conceituação de *'habitus'*, pois ele marca o lugar do agente social ou sujeito histórico. Ao possibilitar uma mediação entre indivíduo e sociedade, o conceito de *'habitus'* coloca a questão do corpo como central na análise do sujeito social (BOURDIEU, 1989). Definido como:

“Um sistema de disposições socialmente construídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 1989).

Para Marcel Mauss (2003), a noção da natureza social do “habitus” é entendida não como “hábito”, esse hábito metafísico. Ele não varia simplesmente com os indivíduos e suas imitações, “mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde de ordinário veem-se apenas a alma e suas faculdades de repetição” (MAUSS, 2003).

Ao construir, desconstruir e reconstruir as concepções de mundo no decorrer da história, o trabalho transforma a vida e o homem, seus sonhos e lutas, alegrias e decepções, fartura e miséria, preconceito e aceitação social. O trabalho coloca o indivíduo numa situação de experiência vivenciada. Dessa forma, o indivíduo experimenta, em si, o seu trabalho; vivencia intimamente a sua atividade. Algo acontece nesse acoplamento “trabalhador-atividade” que não pode ser observado por um observador externo, mas experimentado pelo trabalhador, intimamente, em sua consciência, em sua interioridade (BOUYER, 2006). O corpo representa-se como o “vetor semântico” (LE BRETON, 2007) dessa relação com o mundo do trabalho, contemplando:

“atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. (LE BRETON, 2007, p. 7).

De acordo com Luc Boltanski (2004), as preocupações relacionadas ao corpo variam entre as camadas sociais, sendo a atenção prestada ao corpo nas classes populares menos freqüente. Particularmente neste grupo, o uso do corpo pode compreender uma visão mais utilitária, fruto da importância da força física nas ocupações desempenhadas.

Boltanski (2004) afirma que, para muitas mulheres das classes populares, o corpo pode se apresentar como condição para a produção do trabalho. No cotidiano de luta pela sobrevivência diária sobressaem duras e longas jornadas de trabalho, incluindo os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos. Assim, o corpo tende a não ser percebido em toda sua plenitude, prevalecendo à dimensão instrumental voltada para a sobrevivência material.

A experiência corporal

A primeira aproximação a ser feita, é com a tradição da fenomenologia do corpo ou o *embodiment*. O corpo para a fenomenologia é um *estar-no-mundo*, lançado a um projeto por inteiro: “ser corpo, [...] é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 205). Ele afirma que o primeiro dos objetos culturais é o corpo do outro como portador de um comportamento. A questão está em saber como um objeto no espaço pode tornar-se o “rastros falante de uma existência” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 467), assim como, inversamente, saber se uma intenção, um pensamento, pode sobressair-se do próprio sujeito e tornar-se visível fora dele, em seu corpo, nas ações que o sujeito realiza.

A experiência para Alfred Schutz é "o ponto de partida básico para todas as considerações fenomenológicas [...]. A experiência se torna experiência subjetivamente significativa somente através de um ato de reflexão, através do qual uma experiência essencialmente real é, em retrospectiva, conscientemente apreendida e cognitivamente construída" (1989, p. 312).

O processo de socialização da experiência corporal é uma constante da condição social do homem. Na infância e na adolescência, esses momentos são mais fortes. Mas, a aprendizagem das modalidades corporais, da relação do indivíduo com o mundo, não se limita à infância. Durante toda a vida, conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, os diferentes papéis são assumidos no curso da

existência (LE BRETON, 2007). Na nossa sociedade, o corpo é o suporte de uma construção identitária realizada pela estrutura social sobre a pessoa, construção da qual o próprio indivíduo não é inteiramente sujeito (BOURDIEU, 1989).

O problema da experiência do outro se coloca por assim dizer num sistema de quatro termos: existe o eu, meu psiquismo – a imagem que faço de meu corpo por meio do tato ou da cinestesia, que chamaremos, para resumir de imagem interoceptiva de meu próprio corpo - há um terceiro elemento, que é o corpo do outro tal qual o vejo, e que chamaremos de corpo visual, e enfim, um quarto termo, hipotético, que se trata justamente para mim, de reconstituir, de adivinhar, que é o 'psiquismo' do outro, o sentimento que o outro tem de sua própria existência, tal como o posso supor, imaginá-lo, através das aparências que o outro me oferece por seu corpo visual. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 33)

Dessa forma, percebe-se que cada indivíduo marcas originadas de experiência vivenciadas ao longo da vida, e estas experiências formam um todo que caracteriza o ser em sua totalidade. É dessa forma, um sujeito e um objeto, um corpo que sente e ao mesmo tempo é sentido. Não é somente um objeto no mundo, mas é um corpo sensível e perceptível.

Do corpo objeto ao corpo sujeito

A caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas (LE BRETON, 2007). A visão moderna do corpo nas sociedades ocidentais, que de alguma forma oficial é representada pelo conhecimento biomédico, da anatomofisiologia, repousa sobre uma concepção particular de pessoa. De acordo com Daolio (1995):

“Ao pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal, já que homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que o corpo é de maneiras variadas” (p.25-26).

Nas sociedades ocidentais modernas, ela participa de um processo chamado de “descorporalização”, que significa, segundo Gonçalves (1994), que o ser humano se tornou independente da comunicação empática de seu corpo com o mundo, reduzindo

sua capacidade de percepção sensorial, aprendendo a controlar seus afetos, transformando a livre manifestação de seus sentimentos em expressões e gestos formalizados, permitindo um crescente processo de manipulação do corpo, com consequências graves.

Nessa lógica, ao invés de fazer da corporeidade ser um efeito da condição social do homem, essa corrente de pensamento faz da condição social o produto direto do corpo (LE BRETON, 2007). Trata-se de submeter a uma objetivação meramente biológica, naturalizando as diferenças sociais e culturais. Essa compreensão difundida das áreas da saúde reduz a dimensão corporal do homem e está inscrita na biomecânica do movimento, quando concebida longe do aparato simbólico envoltos nos gestos, posturas, mímicas corporais. Essa concepção de corpo implica no isolamento do sujeito em relação aos outros. O avanço do individualismo enquanto estrutura social, o abandono das tradições populares em face do racionalismo positivista impõe uma fragmentação e dualidade que opõe o homem ao seu corpo. (LE BRETON, 2001).

No entanto, a construção de corpo que adquirida nesse estudo retoma as sociedades tradicionais e comunitárias, onde a existência de cada um flui na presteza ao grupo, ao cosmo, à natureza, o corpo não existe como objeto. Nas populações tradicionais, o corpo permanece sob a influência do universo que lhe dá energia, sendo parte do cosmo, da natureza. O corpo não se distingue da pessoa, não separando o homem do seu corpo nem da trama comunitária e cósmica em que ele está inserido (LE BRETON, 2007).

Esse cotidiano depende muito menos de uma ciência do que de uma arte, centrada em envolvimento do corpo com o mundo. Quando o corpo torna-se nosso “ponto de vista do mundo”, em lugar de um objeto, a estrutura espaço-temporal da experiência perceptiva é reavivada e o pensamento objetivo em geral é suprimido (MERLEAU-PONTY, 1999). Dessa forma, o corpo é, antes de tudo, um sistema, onde os diferentes aspectos interoceptivos e exteroceptivos se exprimem reciprocamente, e que comporta, ainda, relações com o espaço-temporal (MERLEAU-PONTY, 1999).

Além disso, esses diferentes domínios sensoriais (visuais, táteis, cinestésicos, outros) que são de interesse para a percepção do corpo, não se oferecem como regiões estranhas uma às outras, mas apresentam-se interligadas, formando um sistema. Marcel Mauss (1974) considera os gestos e os movimentos corporais como técnicas próprias da cultura, e, portanto, possíveis de transmissão com seus significados específicos através

das gerações. É nesta distinção de corpos culturalmente produzidos que notamos a ocorrência de uma verdadeira ruptura no tecido conceitual envolvendo o corpo.

O corpo é assim ‘d’escrito como um texto, revelando marcas, mitos, símbolos, gestos, movimentos, traços sociais e significação cultural (LE BRETON, 2003). Como construção simbólica, as representações sociais do corpo refletem uma visão de mundo das diferentes comunidades humanas. O corpo é assim socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém o próprio homem. Esse processo de socialização é essencial ao desenvolvimento de crenças, atitudes e valores referentes à dor.

A dor no corpo que trabalha

“A dor, seja qual for a sua forma, é parte inseparável da vida cotidiana”
(HELMAN, 1994, p. 170).

Dor: um modo-de-ser-no-mundo

A partir da afirmativa expressa por Cecil Helman (1994), entende-se que a dor permeia, além da vida cotidiana, o corpo, a mente, a história de vida, sendo esta multidimensional. Talvez ela seja o sintoma mais comum na prática clínica de profissionais de saúde como fisioterapeutas, enfermeiros, médicos. É parte de inúmeras transformações fisiológicas normais, como a menstruação, a gravidez e o parto, assim como ferimentos e doenças.

Segundo Artur Kleinman (1978), a dor é mais que um simples evento fisiológico e deve ser compreendido também em seu aspecto social, psicológico e cultural. Nessa perspectiva a dor também pode ser definida como um certo *modo-de-ser-no-mundo* (MEARLEU-PONTY, 1999), resultado do movimento da existência, quando eventos fisiológicos e psicológicos não são mais distinguíveis respectivamente como a ordem do *em-si*, e do *para-si*, mas ambos estão dirigidos em direção ao pólo intencional ou em direção ao mundo (HONKASALO apud LIMA e TRAD, 2005).

Na dor, manifesta-se claramente a relação entre o indivíduo e a sociedade. O aprendizado da dor se inicia na unidade familiar e se modifica, integra e mantém com a ampliação da convivência social, sendo o processo de socialização essencial ao

desenvolvimento de crenças, valores e atitudes relativos à dor (PIMENTA e PORTNOI, 1999).

Nas sociedades mais tradicionais, a ligação entre dor física e os aspectos sociais, morais e religiosos da vida cotidiana geralmente é muito mais direta e influencia a maneira como as pessoas percebem os problemas de saúde (KLEINMAN, 1978 HELMAN, 1994). Para Pimenta e Portnoi (1999), as religiões desempenham um importante papel no processo de socialização ao moldar a percepção do indivíduo sobre si mesmo e também a sua resposta a dor.

Segundo Cecil Helman (1994), a sensação e expressão da dor são moldadas por códigos culturais, como fato humano. A dor constitui-se a partir dos significados conferidos pela coletividade, que aprova ou desaprova as formas de manifestação dos sentimentos. Embora singular para quem a sente, a dor se insere num universo de referências simbólicas, configurando um fato cultural (SARTI, 2001).

Ao constituir-se como uma experiência privada e subjetiva, a dor é entendida não apenas resposta de uma lesão tecidual, mas integrada a fatores emocionais e culturais individuais. A dor é elemento crucial para a proteção e a manutenção da vida, pois é sinal de algum dano, tem papel biológico fundamental e pode ser manifestada por dois tipos de reações: involuntária e voluntária. A reação involuntária é instintiva, mas a reação voluntária à dor pode envolver outras pessoas e é influenciada, além do fator biológico, por fatores sociais e culturais (HELMAN, 1994).

Ao considerar a dor como um fenômeno sociocultural compreende-se o corpo como uma realidade que não existe fora do social, tão pouco lhe antecede. O social não atua ou intervém sobre um corpo pré-existente, conferindo-lhe significado (SARTI, 2001). A partir da significação atribuída pela coletividade o corpo ou a dor se constituem realidade, a qual prescinde da dimensão social.

A dor como realidade social é simbolizada (MAUSS, 1979), ainda, mediante os distintos lugares sociais dos indivíduos. Segundo Marcel Mauss (1979), tem a obrigatoriedade dos fatos sociais: “mais do que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica” (p. 153).

As formas de comunicação da dor estão intimamente ligadas a padrões culturais de valorização ou desvalorização e da exteriorização da resposta à dor e ao sofrimento.

Esta exteriorização da dor é uma maneira de tornar a dor privada em dor pública e é determinada, principalmente, pela intensidade percebida da sensação dolorosa, isto é, a tolerância à dor (HELMAN, 1994; PIMENTA e PORTNOI, 1999).

“Parte da decisão de tornar pública ou não a dor privada depende da interpretação individual da significância da dor, por exemplo se a dor é considerada normal ou anormal. A dor vista como anormal tem maior probabilidade de ser levada ao conhecimento de outras pessoas” (HELMAN, 1994, p. 171).

O lugar social do sujeito qualifica a sua dor e determina a reação do outro em face da sua dor. Nas distinções de classe social o sofrimento e o sentimento da dor das classes populares aparecem naturalizados (BOLTANSKI, 2004; HELMAN, 1994). A experiência de dor é um sintoma presente nas classes popular, muitas vezes decorrente de uma jornada de trabalho extensa. Isso pode também ser influenciado pelo contexto social e econômico no qual a vida está inserida, no caso das mulheres observa-se questões referentes à necessidade de cuidar dos filhos e continuar trabalhando, mesmo sentindo dor (BOLTANSKI, 2004).

A interiorização dessa concepção distancia a população socialmente desfavorecida da ideia de bem-estar, suposto atributo da classe dominante. Esta auto-desvalorização, expressa o que Pierre Bourdieu (1989, p. 14) chamou de "violência simbólica", isto é, quando o dominado age e pensa contra si próprio, internalizando como legítimos os mecanismos de sua dominação.

Por isso, a bagagem cultural tem um poderoso efeito na tolerância à dor (PIMENTA e PORTNOI, 1999). O limiar de percepção à dor é muito semelhante entre os indivíduos, porém há uma grande variação no que diz respeito a tolerância à dor, pois ela está relacionada a fatores sensoriais como extensão e localização da lesão tecidual; a fatores genéticos; emocionais como medo, ansiedade, raiva; culturais como aprendizagem, experiências anteriores, significado simbólico da dor; e sociais (BUDÓ et al, 2007).

Nessa perspectiva a dor deve ser compreendida como um fenômeno subjetivo, reveladora da singularidade do sujeito frente à ‘sua’ dor, da particularidade da cultura na qual se manifesta, e da universalidade da condição humana (SARTI, 2001). A partir dessa compreensão deverá pautar-se a atenção à saúde e as relações com os profissionais responsáveis.

Dessa forma, o fenômeno da dor está situado em um escopo bem mais amplo e necessita ser apreendido a partir de uma visão multidimensional. Para tanto, impõe-se uma interlocução entre as ciências humanas e sociais e as ciências biológicas, a fim de alcançar uma aproximação mais adequada à complexidade do tema.

A relação médico-paciente: *disease* e *illness*

A OMS (1988) define saúde como “um estado de bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade”. Observa-se que as definições de “saúde” e “doença” variam entre indivíduos, grupos culturais e classes sociais (BOLTANSKI, 2004). A maioria das vezes o significado atribuído à saúde extrapola os limites de sua definição como mera ausência de sintomas desagradáveis.

Autores como Allan Young (1982) e Artur Kleinman (1978) contribuíram na diferenciação de termos como *illness*, *disease* e *sickness*. Segundo esses autores, *disease* designa uma anormalidade no funcionamento, ou na estrutura, de órgãos ou sistemas corporais. É a "doença" concebida pelo modelo científico da medicina moderna e reduzida a um distúrbio dos processos biológicos ou psicológicos. A enfermidade, *illness* é construída a partir do processo interativo representado pela doença vivida pelo indivíduo, percebida e significada enquanto experiência subjetiva de um estado de descontinuidade no desempenho de papéis sociais e na sua forma de "estar no mundo". A doença, *sickness*, representa o entendimento do distúrbio pelo seu senso genérico dado pela população e fala das forças macrossociais (econômica, política, institucionais e organizacionais), que dão o caráter de determinação social da doença.

Segundo (ALVES, 2006), o termo ‘doença’ (*illness*), utilizado para o paciente, denota o que este sente quando procura auxílio médico. Trata-se de uma interpretação subjetiva dele e de todos os que o cercam, incluindo a importância atribuída ao agravo, bem como suas consequências. Dessa forma, a pessoa entra no consultório com uma doença (*illness*) e sai com uma enfermidade (*disease*).

Ocorre redução do contato do médico com seu paciente, dando ao médico uma visão mais fragmentada. Muitas vezes, o profissional não ouve e não confia na queixa do paciente, sua visão recai sobre a doença, não sobre o doente como um todo, como um ser biológico, social e cultural. Essa perda do contato mais direto com o paciente poderia intervir na capacidade de estabelecimento de uma comunicação mais efetiva entre médico e paciente.

Segundo Luc Boltanski (2004), os doentes das classes populares reprovam a comunicação do médico em relação a sua doença, existe uma barreira linguística que separa o médico do doente das classes populares e que apenas reforça a ansiedade frente a seu problema de saúde. Observa-se com frequência uma visão preconceituosa a respeito da compreensão e das explicações sobre o adoecimento atribuído pela visão popular. Nessa relação, a concepção sobrenatural é considerada “atrasado”, em contraposição aos conceitos da história natural do adoecimento, próprios da medicina biomédica (MINAYO, 1988).

Segundo Cecil Helman (1994), o profissional de saúde deve saber se comunicar com as pessoas comuns, tomando a precaução de se fazer entender, para que não haja confusões.

O uso de termos médicos, utilizados quando da interação médico-paciente, pode provocar sérios problemas de interpretação e de comunicação. Para que haja aperfeiçoamento desta interação, é necessário que o profissional tenha perfeita compreensão da interpretação do fenômeno pelo doente e por seus familiares, levando em consideração as características culturais e sociais. É importante a familiarização do profissional com a linguagem do paciente e a interpretação de termos utilizados por este (HELMAN, 1994).

A relação médico-paciente é também sempre uma relação de classe, modificando a atitude do médico em função principalmente da classe social do doente (BOLTANSKI, 2004). As explicações dadas, a duração da consulta, as atitudes autoritárias são, portanto modificadas pela classe social ocupada.

Além disso, a visão da dor pode ser muito diferente entre os profissionais de saúde e os pacientes. Alguns pacientes podem não se sentir doentes, se não sentirem dor, pois a sua sensação de desprazer torna sempre implícita a sua associação com uma enfermidade. Considera-se que isso ocorre, principalmente, por obstrução da comunicação médico-paciente. Muitas vezes, o profissional, por não ter sofrido o que o paciente apresenta, não atribui o mesmo juízo de valor que este aos sintomas e consequências do agravo. Não há empatia entre ambos. Não é o enfermo que diz o que sente, mas o médico com todo seu aparato tecnológico que sentencia seu diagnóstico (BOLTANSKI, 2004).

A relação médico-paciente tem sido focalizada como um aspecto chave para a melhoria da qualidade do serviço de saúde e desdobra-se em diversos componentes,

como a personalização da assistência, a humanização do atendimento e o direito à informação (ARDIGO, 1995).

O desamparo dos membros das classes populares diante da doença é em primeiro lugar pela representação que o médico, pouco familiar, ao seu cotidiano e às práticas de saúde da comunidade. A proposta compreendida na Estratégia da Saúde da Família busca construir uma nova significação da relação médico-paciente, a partir da inserção dos profissionais da saúde na comunidade (BRASIL, 1997). Aos profissionais cabe o desenvolvimento da capacidade de “traduzir” os termos científicos para a linguagem popular, sempre procurando confirmar se houve acertada compreensão das expressões utilizadas. Assim como, compreender as práticas populares frente aos problemas de saúde.

Práticas de cuidado: do científico ao popular

Apesar da Medicina Científica ou oficial ser a única a ter credibilidade por parte dos profissionais o fenômeno cultural entendido mediante a Medicina Popular Brasileira é o resultado de uma heterogeneidade, multiplicada pelas descendências e cruzamentos da cultura indígena, africana e portuguesa (LAPLANTINE e RABEYRON, 1989).

O cuidado da saúde no ambiente familiar ocorre de variadas formas, e depende do momento social, cultural, econômico e ambiental (BOLTANSKI, 2004). Essa forma específica dos indivíduos ou grupos situar-se no mundo influencia a maneira pela qual buscam a saúde. As alternativas permeiam em torno da ‘prática informal’ (automedicação, aconselhamento com outras pessoas, assistência em igreja e cultos), passando pela ‘alternativa popular’ (curandeiros), até chegar ao ‘setor profissional (fisioterapeuta, enfermeiro, médico)’ (KLEINMAN, 1978; HELMAN, 1994).

A cura por intermédio das alternativas populares oferece diversas vantagens a seus usuários, se comparadas à medicina ocidental moderna, tais como proximidade, afeto, informalidade, visões de mundo semelhantes, linguagem coloquial e envolvimento da família no tratamento (HELMAN, 1994).

Há uma tendência no fazer dos profissionais de saúde em torná-lo mais inclusivo e resolutivo. Entretanto, esse processo de construção do cuidar deve dialogar com as práticas populares, a partir da compreensão das diferentes culturas. Valorizar os saberes não significa perda na qualidade do atendimento, mas saber incorporar à evolução do conhecimento informações ricas de experiências de vida, promovendo um pensamento

mais sistêmico, completo, aberto a compreensão da cultura humana (BOLTANSKI, 2004).

Por isso, cabe aos profissionais de saúde decifrar a linguagem do paciente. O cuidado é uma prática que acontece nas relações sociais e como práticas sociais se constituem pelos movimentos de aproximação dos saberes populares com o científico. A coexistência de procedimentos convencionais com os não convencionais torna-se necessária para a construção do cuidado.

Na tentativa de se aproximar desta realidade, a autora se propõe a descrever uma comunidade pesqueira em São Francisco do Conde, a Ilha das Fontes. É a partir da compreensão desse espaço que se apresenta o cenário da pesquisa. ‘Em cena’, as mulheres pescadoras/marisqueiras e a própria autora numa perspectiva compreensiva, tomada por uma problemática que emerge do campo empírico e transita pelo simbólico: como mulheres pescadoras/marisqueiras significam o corpo que trabalha na mariscagem?

Nessa perspectiva, o estudo busca compreender os significados do corpo-que-trabalha-na-maré atribuídos por mulheres pescadoras/marisqueiras na comunidade da Ilha das Fontes em São Francisco do Conde/BA. Apresenta como objetivo específico descrever o cotidiano de trabalho na maré.

O PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma abordagem etnográfica na comunidade pesqueira de Ilha das Fontes/São Francisco do Conde, onde se buscou compreender o corpo-que-trabalha-na-maré, o cotidiano de vida e os significados da dor no trabalho de mariscagem. Foram utilizadas entrevistas em profundidade, conversas informais, registro de observação participante do cotidiano da Ilha: trabalho na maré, ambiente doméstico, áreas de lazer como praças e bares, espaços religiosos, análise do trabalho e análise documental. Utilizadas de maneira complementar permitiu a aproximação necessária para compreensão dos significantes e de outros signos das narrativas, através dos fragmentos de histórias de vida dos sujeitos. Optou-se pela perspectiva fenomenológico-compreensiva como referencial metodológico, pois ao longo desse campo foi privilegiada a interação e auto-observação para construção do entendimento. Esse estudo também requereu uma aproximação com a ergonomia da Escola Francesa como referencial teórico na análise e compreensão do trabalho na maré.

Assume-se a Antropologia Interpretativa orientada pela perspectiva hermenêutica, dominante na fenomenologia compreensiva na construção desse trabalho (TRAD, 2006). Como refere François Laplantine,

“o etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda. (...) uma verdadeira aculturação invertida, na qual, longe de compreender uma sociedade apenas em suas manifestações "exteriores" (Durkheim), devo interiorizá-la nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos” (2003, p. 121, 122).

Esse “encontro etnográfico” requer “um olhar devidamente sensibilizado pela teoria disponível” (OLIVEIRA, 1998, p. 19). As emergências das categorias corpo e gênero favorecem o giro do olhar etnográfico para o ‘próprio umbigo’ (TRAD 2006). Ao buscar essa perspectiva o fazer etnográfico é entendido “não somente uma política, mas também uma poética” (PRINCE, 2004, p. 297). Dessa forma, a observação participante sobre o trabalho etnográfico formulada em termos hermenêuticos é uma dialética entre a experiência e a interpretação (CLIFFORD, 2003).

Ao aproximar o Outro/Eu do cotidiano de trabalho da mariscagem, a pesquisa estreita a relação existente entre quem é marisqueira e quem não é marisqueira. O eixo etnográfico visa às narrativas autobiográficas e permite uma imersão na trama de

significações que norteia a dinâmica dos fatos sociais em uma comunidade pesqueira, com foco no corpo-que-trabalha-na-maré. Para Gilberto Velho (1986), as narrativas autobiográficas apresentam-se aos antropólogos como uma fonte de acesso às continuidades e descontinuidades da vida social e do mundo do qual fazem parte os sujeitos da narrativa. Segundo Ângela Moroni (2008), o método autobiográfico contribui nos debates das ciências sociais discorrendo sobre o lugar da subjetividade nas pesquisas científicas.

“Ao propor religar a linguagem simbólica à compreensão de si, penso satisfazer o desejo mais profundo da hermenêutica. Toda interpretação se propõe a vencer um afastamento, uma distância, entre a época cultural revoluta, à qual pertence o texto, e o próprio interprete (...). Portanto, o que ele persegue, através da compreensão do outro, é a ampliação da própria compreensão de si mesmo. Assim, toda hermenêutica é, explícita ou implicitamente, compreensão de si mesmo mediante a compreensão do outro” (RICOEUR, 1978, p. 18).

Um olhar ‘anestesiado’, sem sensibilidade, indiferente aos aspectos sociais, culturais e econômicos do trabalho da marisqueira jamais o revelará da cortina que sempre está a encobrir-lhe os significados. Para situá-lo nos debates inerentes ao campo da Saúde e Trabalho a alternativa às limitações sistêmicas do enfoque no corpo-que-trabalha foi encontrada na perspectiva fenomenológica-hermenêutica.

O primeiro momento da pesquisa consistiu na identificação de uma comunidade pesqueira do município de São Francisco do Conde/BA. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para “negociar” sua entrada na área. Uma fase exploratória é, assim, essencial ao desenrolar ulterior da pesquisa.

O município de São Francisco do Conde é o terceiro município brasileiro com maior PIB per capita. Sua população estimada pelo IBGE em 2009 era de 31.699 habitantes, 95% negra. É importante salientar que as comunidades pesqueiras da Baía de Todos os Santos são localidades antigas da nação brasileira e se constituem em áreas povoadas por remanescentes de Quilombos desde o século XVI. Nesse sentido é uma região importante pela herança cultural no Brasil, locais onde geralmente persistem sistemas produtivos tradicionais como a produção do pescado.

A arrecadação municipal de impostos ligados à produção e refino de petróleo pela Pefinaria Landolfo Alves/RLAM, da Petrobras, é de cerca de R\$ 200 milhões por

ano (IBGE, 2009) Em que pese este fato, as condições de vida no município se encontram muito abaixo do esperado. Existe no município de São Francisco do Conde 9 comunidades que sobrevivem da pesca artesanal.

Para isso, foi viabilizado em meados do mês de dezembro de 2010 o contato com um dos representantes da comunidade de pesca artesanal existente no município. Os primeiros contatos foram estabelecidos junto a três comunidades pesqueiras, São Bento das Lages, Ilhas das Fontes e Ilha do Pati. Alguns momentos de diálogo com o presidente da Associação de São Bento das Lajes foram necessários para identificar ainda superficialmente, as características das comunidades em questão. A partir desse ponto, verificou-se a necessidade de visitá-las, constituindo-se o momento de contemplação. Regiões agraciadas por belezas naturais e população acolhedora. Ao analisar a realidade de acesso aos serviços de saúde, distância da sede e localização geográfica, a região de Ilha das Fontes destacou-se como local de estudo.

Famosa pelas inúmeras fontes espalhadas por toda a sua extensão – daí o seu nome -, a Ilha das Fontes fica a cerca de 5 km de São Francisco do Conde. É considerada a melhor água das redondezas, e suas fontes são tidas como as maiores. A ilha abriga, ainda, as ruínas de um antigo engenho⁸ com um legado histórico-cultural amplo.

O trabalho de campo ocorreu entre os meses de janeiro de 2011 a janeiro de 2012, com variações no período de estadia na comunidade pesqueira, entre 1 a 6 dias. A estadia foi viabilizada por uma das marisqueiras da comunidade. As visitas ocorriam em dias programados pela pesquisadora em comum acordo com os informantes identificados, observando o calendário lunar, o horário de chegada e possíveis alterações marítimas (maré tardeira ou cedoira).

A escolha dos interlocutores ocorreu por indicação da própria comunidade, em conjunto com a observação da autora da pesquisa, sendo escolhidas as que realmente poderiam contribuir para ajudar a responder à questão de pesquisa. As entrevistas e conversas ocorreram em diferentes contextos como na maré e em casa. Preserva-se a identidade dos entrevistados não revelando seus nomes verdadeiros.

⁸ Não podemos esquecer que os engenhos eram dotados de recursos naturais, sobretudo matas e mangues, de onde os cativos podiam retirar parte dos gêneros de subsistência. Nos engenhos próximos ao mar, alguns escravos se especializaram na profissão de mariscador. Quando o cativo acabou, muitos deles continuaram ligados a essas atividades como alternativa ao trabalho nos canaviais [...], as atividades independentes poderiam abrir possibilidades de alcançar a alforria. (FRAGA FILHO, 2006, p. 40).

Para condução das entrevistas partiu-se de uma pergunta disparadora sobre como tornar-se/ser marisqueira na Ilha das Fontes. O fluir livre da resposta foi aprofundado de acordo com aspectos significativos identificados no decorrer da entrevista. O entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência, sistemas de valores, mitos e ritos (MINAYO, 1994).

Toda esta produção simbólica foi gravada, transcrita e compilada, dada à complexidade do processo interpretativo. Depois, foram realizadas análises das informações de forma artesanal com cuidadosa interpretação das falas. Durante a observação sistemática do trabalho foi possível o cálculo do número de movimentos/hora através da filmagem do processo de coleta do marisco e visualização dos movimentos repetitivos. Todos os recursos, utilizados no estudo, inicialmente tiveram o intuito de compreender os significados atribuídos pelos sujeitos, marisqueiras, a respeito do adoecimento no trabalho.

A inserção em campo descortinou uma realidade singular, rica em características que a distingue das outras comunidades pesqueiras já visitadas, sendo a pesquisadora tomada por este campo que a faz transitar neste tornar-se/ser marisqueira na Ilha das Fontes. Dessa forma, buscamos compreender seu universo sociocultural, valorizando-se as manifestações e eventos sobre os modos, gestos, hábitos, signos, palavras, silêncios, sentenças do corpo e do lugar, decifrando os significados elucidados pelas marisqueiras para que se possa compreender o corpo que trabalha e suas expressões. Nesse contexto realizamos aproximações sucessivas, primeiro com o tornar-se/ser marisqueira e em seguida explorando como é esse corpo que trabalha na maré.

Algumas dificuldades surgiram durante a trajetória dessa pesquisa, algumas previsíveis e superadas durante o trabalho. Inicialmente deparou-se com a dificuldade de inserção em campo e a necessidade de se fazer compreender, devido experiências com outras pesquisas (nenhuma na área de Saúde do Trabalhador) e pela desconfiança da ação fiscal da prefeitura. Essas dificuldades foram superadas a partir do momento que me coloquei a não apenas observar, mas também realizar o ofício de mariscagem durante sua extensa jornada de trabalho.

Esse projeto de pesquisa obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira. Nesse sentido, os aspectos éticos foram contemplados em conformidade com a Resolução CNS 196/96, para pesquisa em seres humanos, e ainda a discussão com representantes dos pescadores do município de São

Francisco do Conde. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido segue em anexo (Anexo I).

Entrando na Ilha das Fontes

Um braço de mar divide o Ferrolho⁹ da Ilha das Fontes. Seu acesso é viabilizado por pequenas embarcações, a travessia dura em torno de 3 a 5 minutos. A depender da maré a descida do barco ocorre em solo firme, sem pisar no arenoso (maré alta), ou pisando nele, o que necessita andar descalço até solo firme (maré baixa). O acesso muitas vezes é difícil, em dias chuvosos e de ventos fortes a dificuldade aumenta, pois pequenos barcos são utilizados para o deslocamento.

Ao entrar na Ilha das Fontes a primeira lição a ser aprendida é o calendário lunar. Conhecer as complexas variações do tempo e suas relações com a movimentação das marés é de fundamental importância. Como já relatado por Paulo Pena et al (2011), “o tempo natural é formado por ciclos solar, lunar e das marés, influenciando uma cosmologia gravitacional”. Partindo dessa lógica, não adiantava uma ‘chegada’ para observação do trabalho em dia e hora que não contemplasse um conhecimento prévio a cerca de tal fato. Ao chegar num dia de ‘maré-morta’, recebi a seguinte explicação:

“Olha, pra semana a maré já tá melhor, entendeu. Ai você vai ver como é, você vai ver como a maré tá. Ela não toma a praia toda não, ela só toma a praia toda quando ela vem crescendo. Ai fica aquele marezão grande não é? A maré boa pra coroa é a maré grande!” (Solange, 56 anos, setembro de 2011).

Lua e sol se posicionam de forma variada e cíclica em relação à Terra e determinam a dinâmica das marés, rios e canais litorâneos. Nas fases da lua nova e cheia o alinhamento da lua com o sol proporciona a adição de gravidades sobre a terra e por isso ocorre maior variação das marés, conhecidas como “*maré-grande*”. Contrariamente, nas “marés-mortas”, durante os quartos crescentes e minguantes, não ocorrem adição de gravidades e resultam em marés de fraca elevação.

⁹ Localização da base da Petrobras.

Além de compreender o fluxo das marés, outro ensinamento essencial é o traje apropriado para a coleta do marisco. A depender o ambiente de coleta ele se modifica, exigindo novas vestimentas, outros calçados. Nem sempre é possível, às vezes é feita com a que se tem, estando o calçado furado ou a calça curta. Porém sempre me aconselhavam quando em dia de trabalho no mangue eu estava de sandália aberta.

“essa sandália ai., era melhor ter vindo de sapato velho, você não tem um sapato velho não? É peridoso, você pode cortar o pé, olha aqui eu já me cortei, aqui no mangue tem que vim assim ô, meu sapata não tá bom, mas ele cobre o fundo do pé! (Vera, 60 anos, novembro de 2011)”

“quando é maré de mosquito tem que vestir mais blusa, ficar de calça longa, para evitar os bichos mordendo, assim nem consegue mariscar (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011)”.

Não obstante, é inevitável a compreensão das relações de amizade e inimizade, de parentesco, as histórias antigas e novas, os problemas da comunidade, as relações pessoais. Cada gesto, olhar, silêncio e atitudes deverão ser notadas para que cada retorno a Ilha seja continuação da sua primeira entrada.

Ilha das Fontes: uma paisagem viva

“A vista ao chegar a Ilha das Fontes é encantadora, lembra uma pequena cidade de interior, daqueles que tudo gira em torno da igreja e da praça. Só que com a grande vantagem de estar rodeada por água, o que a torna ainda mais encantadora. A praça é ampla, contém duas árvores frondosas, sendo cada uma, rodeada por um banco de cimento. O chão possui pedras também de cimento, um dos poucos locais da Ilha que possui calçamento. À esquerda fica a Igreja Católica, além de uma grande sala pertencente à comunidade onde acontecem reuniões, cultos da Igreja Pentecostal e atividades da igreja católica. Logo ao lado está a escola Municipal que tem turmas

até o 5º ano. Seguindo nessa mesma direção está o Programa de Saúde da Família/PSF. À direita dois bares e uma pequena escada que permite o acesso a uma área de mangue sem vegetação onde aos finais de semana ocorrem partidas de futebol” (Diário de Campo, descrição do acesso principal à Ilha, 10 de janeiro de 2011).



Fonte: fotos da pesquisa, Thais Dias Gomes, 2011.

Figura 7: Entrada da Ilha das Fontes “parte da frente”.

Observa-se uma divisão territorial na Ilha feita pelos próprios moradores, a “parte da frente” relativamente descrita anteriormente, a “parte alta”, a “ponta” e a “costa”. Geralmente se observa grupos familiares residindo em cada área, às terras foram herdadas de seus antepassados e distribuídas ao longo dos anos aos filhos e netos. Após casar os membros da família recebem seu espaço nas proximidades da casa dos pais para erguer a sua moradia. Uma particularidade é percebida, as três primeiras são regiões habitadas por moradores antigos, nascidos e criados na Ilha, a costa é sinalizada como o local dos moradores que vem de fora.

“O pessoal da costa é gente de fora, às vezes o povo de fora vem se esconder lá. Tem muita gente que eu não conheço e que mora lá, nem vejo., tem ladrão que vem de Candeias e se esconde lá” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

Ao observar o cenário geral verifica-se uma infra-estrutura habitacional bastante deficitária, com existência de casas de lona (Figura 8), taipa e alvenaria. Segundo os moradores, a atual prefeita garantiu a substituição das casas de taipa e lona por casas de alvenaria. No entanto, as ações do setor público são insuficientes e ocorrem de forma muito lenta e precária. As populações de pescadores podem ser caracterizadas como vulneráveis, pois possuem baixos níveis de renda, portanto, socialmente carentes, desempenham ocupações exclusivamente informais e possuem baixa escolaridade. A principal fonte de renda dos moradores é a pesca artesanal (mariscagem principalmente para as mulheres), observa-se, no entanto, alguns moradores vinculados à prefeitura e com benefícios sociais como: Programa de Assistência Social/PAS e Bolsa Família. A existência do PAS é uma particularidade do município de São Francisco do Conde, com critérios de recebimento como: possuir filhos em idade escolar, residir no Município por mais de 5 anos e não possuir emprego com carteira assinada.



Fonte: Fonte: fotos da pesquisa, Thais Dias Gomes, 2011

Figura 8: Casa de lona “parte alta”.

A infra-estrutura social é bastante precária, não existe tratamento de esgotos na Ilha das Fontes. Há aproximadamente 3 anos uma parte da comunidade teve acesso a água encanada. Corroborando com a informação empírica os dados do PNDU (2003) revelam que o acesso água encanada chegou ao Município para apenas cerca de metade

da população. Já o candeeiro deixou de ser utilizado na comunidade de Ilha das Fontes há aproximadamente 7 anos.

“Aqui não tinha energia, não tinha água era de fonte, aqui tem muita fonte. Ai a gente pegava a água da fonte pra beber, e era com candeeiro. Ai agora as coisa melhorou não é? A gente pegava água de lata, agora já é encanada não é? Luz não tinha, a gente usava candeeiro com gás” (Solange, 56 anos, setembro 2011).

Além disso, escolas de ensino fundamental e médio, policiamento e tantos outros serviços públicos deixam os moradores dependentes da sede municipal para atender suas necessidades básicas. Algumas histórias permanecem sem esclarecimento na Ilha, como o aparecimento de um corpo decapitado, companheiro de uma marisqueira local. Assim como o assalto do bar de um morador da comunidade (Anexo II).

“Quando a gente precisa de polícia é difícil, às vezes é mais perto Candeias e mesmo assim quando eles aparecem, você mesmo viu no dia do Bar de Renato?” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

Na comunidade de Ilha das Fontes não existe assistência médica permanente, a visita médica é realizada uma vez na semana. A demanda relatada por dois funcionários do PSF, enfermeiro e agente comunitária de saúde, segue as proposta das políticas de intervenção básica como programa de hipertensão arterial, diabetes e pré-natal. Com pouco relato de idas ao posto em decorrência de dor ou acidente proveniente do trabalho. Algumas queixas surgem em relação ao atendimento médico prestado:

“Essa que tá aqui, ela nem pega na gente, de cabeça baixa ela passa o dipirona se tá com dor, se tá com qualquer outra coisa, é assim, aqui tinha um que todo mundo gostava, ele ficava horas no atendimento, pegava na gente, olhava tudo” (Germina, 49 anos, dezembro de 2011).

Diante dessa precariedade, as práticas preventivas e curativas no âmbito da saúde do trabalhador inexistem, tanto para doenças como para acidentes de trabalho. Em consequência, não ocorre o diagnóstico das doenças do trabalho, com o respectivo tratamento e garantia de procedimentos securitários relativos ao afastamento das atividades de pesca e coleta de mariscos para reabilitação quando indicados. O desconhecimento de doenças relacionadas ao trabalho na mariscagem é geral, assim como medidas de prevenção de acidentes do trabalho.

Algumas rotinas religiosas são percebidas como as missas da Igreja Católica aos domingos pela manhã, o culto pentecostal as terças e sextas-feiras. Fui convidada para participar das cerimônias de ambas as igrejas, chegando a presenciar um batizado na Igreja Católica e dois cultos da Igreja Pentecostal.

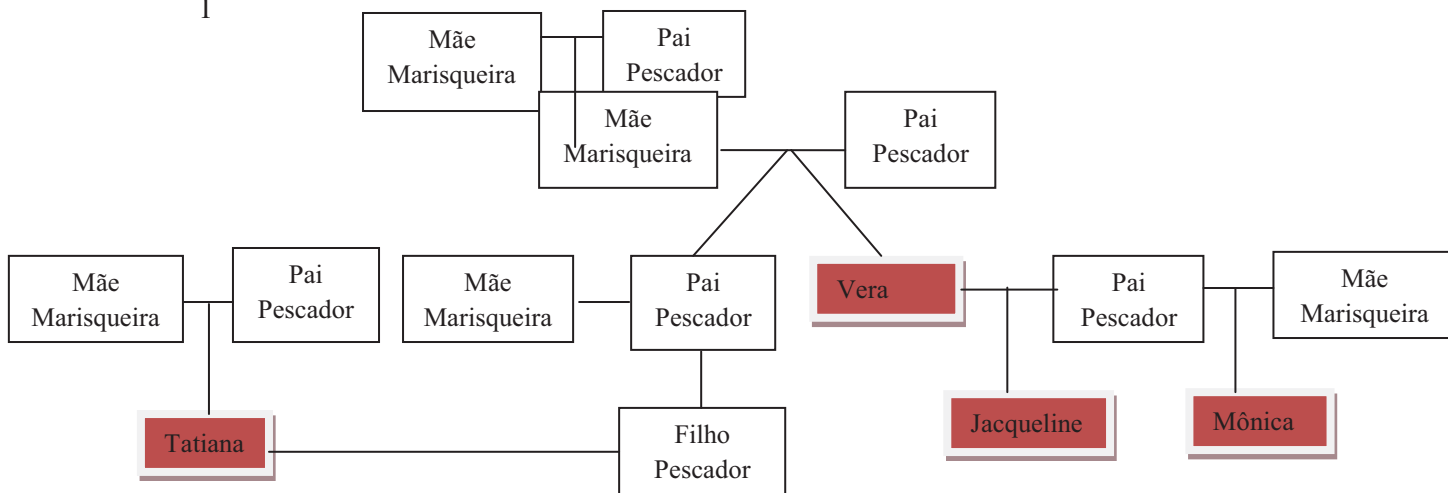
O culto já havia começado, com a presença de muitas mulheres, a espaço se fazia cheia, nos aproximamos do fundo, mas fomos convidadas a sentarmos a frente. Muitas crianças acompanham suas mães ao culto. Duas participam tocando uma bateria e um timbau, que soam no ritmo das músicas cantadas pelos participantes. Três mulheres que estavam à frente começaram a danças, cada uma de uma forma, uma girava em torno de seu próprio eixo, a outra gingava com o corpo recurvado e a terceira dançava com os braços abertos. O ritual perdurou por quase duas horas, em alguns momentos logo após fui informada que dança representava o espírito santo, só as “irmãs (os) batizadas (os)” recebiam (Diário de campo, Culto Pentecostal, maio de 2011).

O lazer acontece nos mais diversos espaços da Ilha, seja na praça ou na varanda da casa dos vizinhos, mas a programação principal daqueles que a religião não proíbe é a camaradagem que ocorre em frente aos bares localizados na Ilha ou Ferrolho. As famílias se reúnem, bebem e dançam ao som do “arrocha”, gosto musical que predomina da região. Aos domingos a festa não tem hora para acabar, sendo muitas vezes a segunda-feira dedicada ao descanso da farra e bebedeira. Neste dia, poucos são os que enfrentam a maré, seja pescador ou marisqueira.

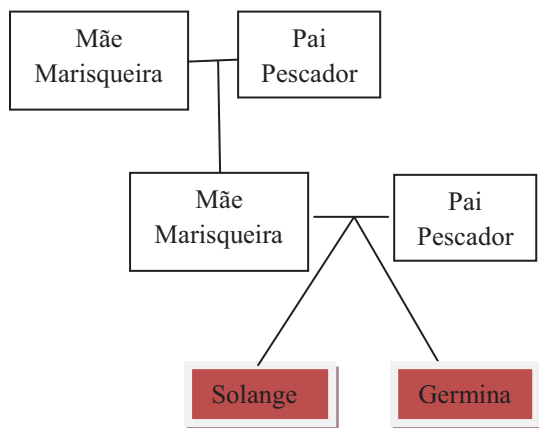
Os Participantes

As marisqueiras que colaboraram com este estudo apresentam uma singularidade característica das comunidades tradicionais, a trama de laços familiares perpassa o trabalho da mariscagem. Abaixo segue a representação herodográfica dos núcleos envolvidos.

1



2º Heredograma



Breve perfil das mulheres entrevistadas

Solange, negra, 56 anos, natural da Ilha das Fontes, casada, mãe 7 filhos, dois falecidos ainda pequenos, reside em uma casa de alvenaria próximo ao posto de saúde local. Aos 10 anos já iniciava o ofício de marisqueira, há 3 anos trabalha para uma firma de limpeza que presta serviço à prefeitura, varrendo a praça da Ilha, nas horas vagas marisca;

Germina, 49 anos, negra, natural da Ilha das Fontes, separada devido alcoolismo do ex-marido, mãe de 7 filhos, reside em uma casa de alvenaria com dois cômodos próximo ao posto de saúde. Aos 13 anos iniciou no trabalho doméstico em Salvador, aos 20 iniciou a mariscagem, trabalhou na prefeitura por 12 anos e atualmente retornou a atividade de marisqueira. Recebe o PAS e o bolsa família;

Vera, 60 anos, negra, natural da Ilha das Fontes, mãe de 6 filhos, dois deles com comprometimento mental, tendo criado ainda os 9 filhos do seu primeiro companheiro, hoje convive com um segundo companheiro. Trabalha desde os 15 anos, já trabalhou em casa de família, mas nunca deixou de mariscar. Reside em uma casa de taipa na parte alta da Ilha, há poucos meses conseguiu ter sua carteira de identidade. Não recebe nenhum benefício social;

Jacqueline, 34 anos, negra, natural da Ilha das Fontes, mãe de dois filhos, um deles com comprometimento mental, marisca desde os 10 anos, mora em uma casa de lona, na parte alta da Ilha. Acompanhava seu último companheiro na pescaria em outras regiões, armando barraca e retornando após uma semana. Possui o PAS e o bolsa família;

Mônica, negra, 40 anos, natural da Ilha das Fontes, mãe de 4 filhos, 3 do seu primeiro relacionamento. Há 33 anos exerce a mariscagem, seu atual companheiro vive da pesca, atualmente ela o ajuda tecendo rede, marisca com menor frequência e às vezes o acompanha no mar. Mora em casa de alvenaria na parte alta da Ilha, recebe o PAS e o bolsa família;

Tatiana, 27 anos, negra, natural de Santo Amaro, casada, mãe de 2 filhos e cria uma sobrinha. Marisca desde os 13 anos, traz as marcas de uma velhice precoce. Migrou para a Ilha em busca de melhores condições de vida e trabalho, reside em uma casa de lona na parte Alta da Ilha, recebe o bolsa família.

Análise e Interpretação

Na descrição do presente estudo utilizou-se como referencial Paul Ricoeur no que diz respeito à identificação dos significantes, entendido aqui como unidades de análises e construindo subconjuntos das falas (RICOEUR, 1994; GEERTZ, 1989), enquanto partes de uma rede de significados que orientam esse está no mundo. Estes significantes são tecidos pela própria fala dos sujeitos, interligadas ao seu contexto social.

Os principais significantes explorados nesta apresentação foram:

- “tornar-se/ser marisqueira”: tradição/trajetória de trabalho, aprendizagem, laços familiares;
- “corpo no trabalho”: ciclos do trabalho, corpo frágil/forte, corpo sujo/odor, ciclos da vida;
- “dor no corpo que trabalha”: queixas do corpo, adoecimento e acidentes no trabalho;

Juntos configuraram-se como os significantes mais analisados e compuseram os laços de identidade das marisqueiras em Ilha das Fontes. Nessa teia de significações surgem também relatos de pobreza, liberdade, benefícios sociais e a religiosidade que compõem a trajetória de vida e trabalho dessas populações que vivem da maré em Ilha das Fontes.

Os resultados são apresentados em uma sequência de três capítulos. No primeiro retrato a história dessas mulheres na trajetória de tornar-se/ser marisqueira na Ilha das Fontes. Percorre-se um tecer histórico de tradição inerente ao ofício de mariscagem, seguindo a compreensão desse espaço feminino e inclusivo, com presença de crianças, idosos e excepcionais. Ainda no primeiro capítulo o tecer do aprendizado na maré e a liberdade no território das águas são construídos a partir de suas narrativas das marisqueiras da Ilha das Fontes.

O segundo capítulo permitiu a autobiografia a partir da interação do meu corpo no trabalho da maré, agregando a experiência da pesquisadora no aprendizado da mariscagem. Apresentam-se as sete etapas do trabalho da mariscagem: “a preparação para o trabalho”, “a ida à maré”, “a coleta”, “o retorno da maré”, “o cozimento do marisco”, “a cata do marisco” e “a venda”. Nessa longa jornada de trabalho desvendam-se estratégias, mitos, interpretações do corpo, identidade e pertencimento. Como uma

sequência de atos, tendo como palco os ambientes de trabalho na maré e como personagens as marisqueiras e a própria autora.

Em seguida o terceiro capítulo apresenta a dor no corpo que trabalha na maré privilegiando a compreensão desse corpo sujeito ao adoecimento e acidentes de trabalho. Surgem assim relatos de dor, adoecimento e acidentes na maré, assim como são narradas às interações médico-paciente e as práticas terapêuticas vivenciadas na Ilha das Fontes.

Se couber o termo, eu busquei nesse trabalho uma ‘aproximação etnográfica de minha memória’ e rastreei na minha própria narrativa os motivos que me levaram a pesquisar ‘os significados da dor atribuído por marisqueiras’, inicialmente como havia proposto do projeto de pesquisa, porém o campo mostrou-se ‘arte, trabalho e dor’, o que posteriormente me levou aos estudos sobre o ‘corpo-que-trabalha-na-maré’. Parafraseando Márcio Goldman, “passei por uma experiência que gostaria de narrar brevemente” (2006, p. 164). Nessa perspectiva os capítulos a seguir foram construídos.

1 A ARTE DE TORNAR-SE/SER MARISQUEIRA

"o fazer do artista ressalta o aspecto artesanal de seu trabalho, no sentido de ver sua obra acabada após ele próprio ter percorrido as etapas necessárias a sua realização" (LOPES, 1976, p. 36).

O conceito de arte aqui apresentado possibilita entender a arte como elemento da capacidade criativa, domínio da técnica e acompanhamento de todas as etapas produtivas de um trabalho. Como relata Mário de Andrade (1963, p. 10): "O artesanato é a parte da técnica que se pode ensinar. Mas há uma parte da técnica de arte que é, por assim dizer, a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista".

"Tenho paixão de trabalhar, ia para o mangue, pegava a ostra e depois ia pra Candeias vender. Nunca gostei de ficar em casa. Eu sempre gostei de mariscar, era com ele que eu sobrevivia"
(Dona Creuza¹⁰, 104 anos, maio de 2011).

O que há nessa parte, como nos explica Mário de Andrade (1963), obedece aos segredos, caprichos e imperativos do ser subjetivo, sejam como indivíduo ou ser social. Isto não é ensinado e sua reprodução é mera imitação. A arte de tornar-se/ser marisqueira o saber local, enquanto patrimônio de uma população inscreve-se como expressão simbólica e material, a partir do seu jeito de ser, estar e ver o mundo (GEERTZ, 1989).

Segundo Paulo Pena (et al, 2011), a marisqueira dispõe de um saber próprio de ofício que se expressa no universo simbólico de crenças, valores e mitos apreendidos por meio de uma herança cultural. Mais do que uma categoria marxista que pressupõe o trabalho como externo, onde alguém planeja e impõe ao trabalhador um processo de trabalho, a mariscagem é construída no cotidiano cultural, na vida em comunidade. Dessa forma, as pessoas se constituem marisqueiras numa relação que extrapola o trabalho, ganhando dimensões de arte, a arte de tornar-se pescador artesanal.

¹⁰ Dona Creuza é a marisqueiras mais antiga na Ilha, tanto no que diz respeito ao tempo de permanência como na idade. Aos seus 104 anos, essa senhora negra, que conheceu os antigos Engenhos da cidade de São Francisco, é a principal referência na comunidade. Avó de quase todos os moradores ela me concedeu alguns momentos de seu tempo para preencher este trabalho da riqueza cultural de alguém que enfrentou o trabalho na maré, sustentou seus 8 filhos e lamenta não mais conseguir andar, pois sua grande vontade era retornar ao ofício de mariscagem.

“Eu sei mariscar todo tipo de marisco. A pessoa que assim já viveu desde criança, aprendeu a trabalhar, a pessoa não consegue ficar em casa. Eu gosto de mariscar” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

O cenário de trabalho é um convite à inspiração. Muitos ao verem imagens de praias, barcos e trabalhadores da maré contemplam admirados tamanha tranquilidade e ‘facilidades’ do ofício. O desconhecimento torna invisível essa organização do trabalho secular, caracterizada pela produção artesanal, de natureza extrativista, predominantemente individual e de baixa divisão técnica (PENA et al, 2011). É essencial compreender o universo do tornar-se/ser marisqueira na Ilha das Fontes, por isso os caminhos percorridos neste capítulo versa sobre o caráter tradicional da pesca artesanal, a mariscagem como um espaço feminino e inclusivo, os ensinamentos da maré, a liberdade no território das águas e o descanso da mariscagem.

O caráter tradicional: “Mamãe mariscava, papai vivia na maré” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

O caráter tradicional da pesca é inerente ao ato de pescar, “algo é entregue” de geração a geração para reproduzir-se ao longo do tempo. Segundo Lévi-Strauss (1982), onde há tradição há sabedoria. Imbricados nessa lógica transcendental a vida é lembrada em sua história passada para construção e reconstrução da vida presente. A reprodução social da família (BOURDIEU, 1989) de pescadores em Ilha das Fontes é intencionalmente estruturada a partir da transmissão dos saberes e elementos socioculturais que envolvem o universo da pesca artesanal e se constitui como fator determinante para continuidade desse trabalho e modo de vida.

A referência é atribuída aos mais velhos da comunidade, que vivenciaram situações de extrema dificuldade e adaptações e garantiram a permanência do trabalho nos dias atuais. Hoje estes mestres na arte da pesca se já não exercem mais a atividade prática, permanecem com a transmissão oral das experiências na maré e são referenciados na comunidade, como nos conta Solange:

“Creuza não lhe contou não? Ela já catou ostra até 1 hora da noite, de candeeiro, aquela mariscava mesmo! Antes a gente

pegava o marisco e ficava até de noite catando para poder levar no outro dia pra Candeias, para vender, pois não tinha luz nem geladeira”. (Solange, 56 anos, setembro de 2011.)

Não podemos perder de vista que a linguagem é a expressão da experiência vivida e é um dos elementos da realidade (RICOEUR, 1978). Ao problematizar as noções de tradição e herança cultural busca-se um diálogo com as evidências e com as narrativas orais dos sujeitos (HALL, 2006). E assim Dona Creuza relata como era sua vida de marisqueira:

“Antes eu acordava 4 horas, levantava, botava água (antes da água encanada eles tinham que percorrer até a fonte mais próxima para obter água), ver lenha, ia para o mangue, pegava ostra, catava e depois ia pra Candeias, andava até lá, era mangue, era chão e a gente ia com o marisco na cabeça” (Dona Creuza, 104 anos, maio de 2011).

Antes mesmo de nascer, ainda na barriga da mãe o processo de aprendizagem é iniciado e possibilitado por essa construção do simbolismo familiar (MAUSS, 2003), na história progressa de ancestrais pescadores. É na infância que ela se materializa, sendo circunscrita entre a casa, a rua, a maré e a escola. As práticas de trabalho no âmbito desses grupos se caracterizam como familiar, exigindo a participação de todos os membros da família.

“Desde os 7 anos que eu marisco, eu era a mais velha tinha que ajudar, que eles sozinhos não aguentava (Mônica, 40 anos, setembro de 2011).

“Eu comecei desde moça, eu aprendi a mariscar com a cabeça boa não é? Eu via mamãe na maré, a gente ficava espiando, olha como é? Minhas filhas, todo mundo tira ostra, vai pra maré, aprenderam pequenas também” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

Para Diegues (2001, p. 88) “Um dos critérios mais importantes para definição de culturas ou populações tradicionais, além do modo de vida, é, sem dúvida, o

reconhecer-se como pertencente àquele grupo social particular”. E torna-se mais particular porque a comunidade da Ilha das Fontes se constitui essa grande família, no que concerne o sentido científico, mas principalmente simbólico (GEERTZ, 1989). Observam-se a todo o momento interações típicas de laços de parentescos e amizade, troca de favores, empréstimos de utensílios domésticos e de trabalho (canao), casamentos que são bem visto quando o (a) cônjuge é eleito(a) dentro desse nicho familiar da comunidade como relatado por Germina,

“A menina arrumou namorado, mas eu estou deixando que é gente daqui, a mãe é Lúcia, que mora ali em cima, é marisqueira”. (Germina, 49 anos, dezembro de 2011).

Uma vez que os moradores de alguma forma são relacionados uns aos outros pelo parentesco, a reciprocidade, entendida aqui como a experiência da retribuição e necessidade de cooperação (LÉVI-STRAUSS, 1982), configura-se como um elemento estrutural e estruturante para a constituição da rede de sociabilidade (SCHUTZ, 1979) e, por conseguinte da sobrevivência do povoado. Esta reciprocidade acaba por gerar uma série de arranjos de sobrevivência que facilitam a vida cotidiana, a exemplo de troca de vestimentas em caso de necessidade.

“Os moradores daqui que me ajudam, me dá roupa pros meninos, pra mim, mas também o povo só dá coisa boa, a gente veste como nova! O dinheiro da gente não dá pra comprar roupa e comida, se a gente compra roupa fica com fome, se a gente compra comida fica sem roupa. Todo mundo sabe que eu preciso mesmo, tem muita gente que também precisa que quando eu tenho também divido” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Nesse cotidiano se processa a esfera da proximidade, da vizinhança, do conhecimento e do reconhecimento, da horizontalidade das relações afetivas, caracterizada pela ajuda mútua entre os moradores a partir da “urgência da necessidade” a qual configura os requintes da divisão e da distribuição, como afirma Lévi-Strauss (1982). Por isso, foi necessário compreender o processo de elaboração dessa identidade

da população da Ilha das Fontes, em que os laços de tradição e parentesco têm uma participação fundamental na construção do aprendizado da mariscagem.

É evidente a necessidade de refletir que essas tradições estão em constante movimento, pois como afirma HALL (2006),

“Os elementos da “tradição” não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. Com frequência, também, a luta cultural surge mais intensamente naquele ponto onde tradições distintas e antagônicas se encontram ou se cruzam” (HALL, 2006, p. 260).

Observa-se que, os mais jovens são atraídos pelas possíveis ofertas de emprego no setor de serviços na expectativa de uma melhor qualidade de vida e trabalho. Além disso, à diminuição da fauna é observada nas proximidades da Ilha e na baía por causa de casos de derrame de óleo de navios e lançamento de detritos industriais (JESUS e PROST, 2011).

Ao se projetar para o futuro pode-se inferir que a transmissão dos saberes específicos sobre a pesca artesanal/mariscagem poderá perde-se ou ser ignorado entre as novas gerações. Revela também que a atividade pesqueira está deixando de fazer parte da visão de futuro dessas mulheres às novas gerações, que compreendem que a pesca tem se tornado um recurso difícil.

“Meu mais velho está fazendo curso em Candeias, estuda lá com a tia. Foi difícil criar eles na maré, é trabalho pesado. Eu falo para eles pra estudar, que essa vida na maré é muito difícil” (Germina, 49 anos, dezembro de 2011).

Essa transformação vem acarretando a diminuição do número de pescadores e marisqueiras na Ilha das Fontes. Verifica-se que filhos e filhas das marisqueiras entrevistadas não mais exercem a atividade como fonte principal de renda, mesmo que durante a infância tenham aprendido o ofício da pesca e mariscagem.

“Araci e Edney formam um dos muitos casais da Ilha que criaram seus filhos na maré, porém nenhum deles permaneceu no ofício que foram ensinados quando pequenos. Dos 5 filhos, uma é técnica de enfermagem e os 4 homens prestam serviço em

uma firma de Salvador, e regressam a Ilha aos fins de semana para estar com a família, com os amigos e no convívio da comunidade” (Diário de campo, chegada dos filhos de Araci, junho de 2011).

Em meio a essa circunstância observa-se outra relacionada ao pertencimento (HALL, 2006) à comunidade pesqueira. Mesmo que os mais jovens partam em busca de novas perspectivas de trabalho, as relações com o mar permanecem constituindo a base da sustentabilidade nos momentos de retorno à comunidade em decorrência do desemprego.

“Eu trabalhei na Prefeitura durante 4 anos, foi quando melhorou um pouquinho. Depois que fiquei sem o emprego voltei a catar meu marisco. Enquanto tiver mar eu tenho o trabalho na maré” (Mônica, 40 anos, setembro de 2011).

A sobrevivência da pesca artesanal/mariscagem parece apontar para uma resistência enquanto o "fazer", enquanto "forma de trabalho", que envolve a história familiar, cultural, geográfica de aprendizado e, sobretudo, a garantia de quando tudo lhe faltar, o mar estará sempre a servi-lhe os recursos da sobrevivência.

Mariscagem: um espaço feminino e inclusivo.

“Aqui na Ilha só as mulheres são chamadas de marisqueiras” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

Na comunidade de Ilha das Fontes são as mulheres que exercem a atividade de mariscagem, por não possuírem embarcação transitam nas proximidades da costa, seja no mangue ou na “coroa”, onde extraem com auxílio de facas o “sarnambi” (*Phacoides pectinatus*), “sururu” (*Mytella guyanensis*), “tarioba” (*Macoma constricta*, “chumbinho” (*Anomalocardia brasiliiana*) e “ostra” (*Crassostrea rhizophorae*). Ao homem cabe a pesca em mar aberto, a confecção e manutenção de redes, a preparação de armadilhas com monzuá para captura de caranguejo e são os proprietários das pequenas embarcações a motor encontradas na Ilha. Às mulheres a continuidade de sua

jornada de trabalho é ampliada pelo cuidar da casa, dos filhos e do marido, por isso logo cedo é ‘iniciada’ no serviço doméstico.

*“Em casa a gente ajudava a arrumar e cuidar dos mais novos”
(Solange, 56 anos, setembro de 2011).*

Essa distinção entre os saberes femininos e masculinos ocorre conforme o espaço de construção de identidade e construção social deste mesmo espaço (BECK, 1989). Acresce que existem saberes exclusivos a cada gênero, domínios que envolvem competências diversas, construídos a partir dos espaços ocupados por homens e mulheres.

*“A maioria das vezes ele pesca e eu cato. Mas como ‘ostra, sururu’, ele não tira, ele não é muito chegado, aí eu vou”
(Mônica, 40 anos, setembro de 2011).*

Na fala de Mônica fica evidente essa distinção entre quem pesca e quem marisca. Os estudos realizados por Maneschy (1995) e Maldonado (1986) corroboram com o cenário encontrado na Ilha das Fontes, observa-se que a maior parte dos grupos pesqueiros que desenvolvem a pesca fora do mar tendem a ter participação das mulheres e, em alguns casos, de crianças.

É na infância, fase de reconhecimento do ambiente marítimo, que tradicionalmente são definidos os papéis ocupados pelo homem e pela mulher na comunidade pesqueira (DIEGUES, 1983). Os papéis são passados de pai para filho e de mãe para filha, como se houvesse ‘domínios reservados’, os quais atribuem valor desigual às tarefas (HÉRITIER apud RIAL et al, 2006).

A pesca como vimos é uma atividade basicamente masculina, de tal modo que em comunidades que vivem do mar, o trabalho feminino é praticamente invisível (BECK, 1989). Em comunidades que tem acesso a esses dois ecossistemas, mar e manguezal, o mangue torna-se um espaço ligado à mulher. “As necessidades de sobrevivência das famílias de pescadores, agora mais dependentes do mercado, continuam a exigir o trabalho das mulheres, assim como das crianças e dos idosos em condições de trabalhar” (MANESCHY, 1995, p. 150). Esse caráter inclusivo da mariscagem contempla também os excepcionais como observado na Ilha das Fontes.

“Nota-se dois jovens e uma criança portadores de deficiência pertencentes à mesma família. Talvez em outros espaços a inclusão desses jovens trabalhadores ainda necessite de regras e cotas para viabilizar o direito ao trabalho. A mariscagem não estratifica os que dela necessitam viver, a partir do aprendizado na maré, construído ao longo dos anos um jovem com deficiência torna-se também marisqueiro” (Diário de campo, abril de 2011).

A presença das crianças é marcante principalmente nos períodos de férias, muitas vezes por não ter com quem deixá-las, são levadas pelas mães à maré. *“Criar filho na maré não é brincadeira, levava quando não tinha com quem deixar” (Solange, 56 anos, setembro de 2011).* Mesmo que essas não assumam tarefas diretamente ligadas à extração do produto ou a venda do marisco, essa ida à maré lhes permite a prática do trabalho de mariscagem, através das brincadeiras cotidianas e nos espaços diversos da maré, até mesmo no mangue. *“Ele lá sentado, às vezes ele saía engatinhando, pegava aqueles buzinhos que fica no mar, botando na boca, eu ia correndo tirar da mão dele” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).*

Ir à maré, pegar o peixe, o marisco, aprender a tecer a rede, constituem-se em modos de socialização importantes para a manutenção do grupo e da cultura da pesca (SCHUTZ, 1979).

“Desde criança, desde assim ó, do tamanho do pequeno ali ó (aponta o filho) eu já ia pro mangue, a gente pegava e começava a brincar, ai ficava brincando assim de casinha, e já ia aprendendo. Tem gente que não sabe, se não tá aqui não sabe mariscar esse bicho aqui não.” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

As narrativas não constituem uma subordinação do trabalho feminino, mas uma naturalização dessas relações. É possível que a tradição tenha prescrito comportamento que não se consegue explicar, pois alguns fatos se perdem com o tempo. No entanto, a condição de gênero inerente à atividade de mariscagem é atribuída por valores e pelas

condições econômicas que proporcionam a divisão por sexo no trabalho (SALIM, 2003).

Os ensinamentos da maré

“Minha mãe falava, olha aqui Tati, se você ver um talhinho na lama é sururu, e se você vê parecendo uma pedra é ostra. Ela foi sempre me ensinando, e eu fui aprendendo” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Esse conhecimento tradicional dos pescadores artesanais não é pré-lógico ou pré-científico. Segundo Diegues (2001), ele é baseado em observação contínua de fenômenos naturais, o que permite tomar decisões sobre o momento de ir pescar/mariscar, sobre o local mais adequado, e sobre o uso das técnicas mais apropriadas. A construção desse corpo complexo e detalhado de conceitos e símbolos baseia-se numa observação empírica de longo tempo. Sem esse conhecimento preciso seria impossível à sobrevivência dessas comunidades e a reprodução de um modo de vida num ambiente marinho sujeito a frequentes mudanças de tempo. Fato que pode ser percebido na fala de Vera:

“Quem não tá aqui não sabe tirar esse negócio aqui não. Se não fosse o marisco eu tava lenhada, como ia comprar, fazer compra pra dentro de casa? Eu não ganho nada além da maré” (Vera, 60 anos, outubro de 2011).

A mariscagem comporta uma diversidade de “modos” e se diferencia de lugar para lugar. Natural de Santo Amaro, Tatiana nos conta o aprendizado adquirido na Ilha das Fontes:

“Aqui eu já aprendi tirar, coisa que lá não tirava: aribi, eu já aprendi tirar aqui; bebe-fumo, que o povo trata mais como chumbinho, eu já aprendi tirar aqui; peguari eu aprendi tirar aqui; só não aprendi o sambá ainda, porque o povo diz que o sambá fica no meu do limo, na coroa, eu ainda não aprendi

tirar esse ainda. Mas Vera disse que vai me ajudar, vai me ensinar a tirar ainda, eu vou aprender a tirar, porque é um marisco que dá mais dinheiro, o peguari é 20 reais o quilo, mas peguari só dá no verão” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

A narrativa de Tatiana expressa a definição de Hobsbawm (2000) quando este define o ser artesão como aquele que é capaz de realizar qualquer tarefa do ofício, em qualquer região. Por isso, a construção de sua *Identidade*, de seu *Habitus* (BORDIEUR, 1989) responde objetivamente a uma série de fatores. O clima, espécie procurada, se é realizada durante o dia ou à noite, se possui aparatos técnicos ou não (canoa ou barco), se a pesca se dá no rio ou no mar. Além desses fatores há os mais diretamente ligados às relações de produção (propriedade dos meios de produção, relações de trabalho, etc.).

O nascer e crescer na maré é o que permite a prática e o desenvolvimento de habilidades no ofício de mariscagem: a confecção dos instrumentos que maneja com perícia, saber a melhor localização da mariscagem, o tipo de maré, o treino do olhar na identificação do marisco:

Minha mãe falava, olha aqui Tatiana, se você vê um talhinho na lama é sururu, e se você vê parecendo uma pedra é ostra” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

As habilidades na arte da mariscagem também são significadas pelas estratégias de em situações enfrentadas na maré, como relata Tatiana:

“Uma vez já se perdemos no mangue, a gente marcou um lugar da gente entrar com uma folha do mangue mesmo, o aratu já tinha carregado aquela folha que a gente deixou. A gente já foi sair no outro mangue que a gente entrou, de lá pra cá foi uma ‘paletada’ boa com um saco na cabeça. Dentro do mangue logo minha mãe olhou pro sol e disse - olha Tatiana se a gente vê o sol na nossa direção é o lugar da saída. Se não a gente estava dentro do mangue perdida, ou então ninguém ia achar, a maré ia encher e a gente tinha é que subir nos paus, trabalho difícil” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Esse corpo de saberes orienta o comportamento das marisqueiras e as estratégias de trabalho e também é essencial para prever situações de perigo e dificuldade. Nesse sentido, o conhecimento tradicional ajuda as marisqueiras na construção de seus próprios mapas mentais que as orientam onde e como mariscar, o entrar e sair da maré.

A percepção visual para identificação do marisco ou espacial para localizar-se no mangue através da análise da posição do sol se relacionam e se constroem no aprendizado prático, o sentir, o estar ali, o viver o cotidiano da mariscagem interagindo com o ambiente. A percepção constitui-se na interpretação do mundo pelo indivíduo a partir do que se vê, sente, cheira, escuta, enfim, apreende com os sentidos. É na existência, o ‘esta ali’, que não escapa do passar dos dias, que se cria, se imagina, se sente, se entende a vida, a vida na maré.

Fazer-se pescador artesanal é tornar-se portador de um conhecimento e de um patrimônio sociocultural, que permite conduzir-se, ao saber o que vai fazer nos caminhos e segredos da maré. Na compreensão de Diegues (1983), “o importante não é conhecer um ou outro aspecto, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas às capturas” (DIEGUES, 1983, p 199).

A definição é apropriada à medida que é vivido e nestas formas de apropriação a prática é um dado fundamental, como relata Tatiana e Vera, respectivamente:

“Meu pai foi pra maré uma vez, mas não pegou quase nada, que ele não tinha costume de tirar esses negócios de marisco, minha mãe que era acostumada tirava, catava e no outro dia vendia”.
(Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

“É vapt vupt, eu cato ostra ligeiro, já to acostumada a catar, só paro quando terminar aqui”. (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

Ao comparar a arte da pesca a outros trabalhos artesanais, Diegues (1983) coloca:

Podemos dizer que no caso da pesca, o domínio da arte exige um período de experiência mais longo que nas outras formas de artesanato. Se compararmos o pescador artesanal a um artesão de moceis, constatamos algumas diferenças importantes. Este adapta seus instrumentos de trabalho a uma matéria-prima relativamente

homogênea: a madeira. Já o pescador artesanal é obrigado a dominar o manejo de diferentes instrumentos de capturas utilizados para diferentes espécies, num meio em contínua mudança (DIEGUES, 1983, p. 193).

Sobre tal fato, Diegues (1983), ao caracterizar o pescador artesanal, diz que o ponto definidor deste não se resume ao ato de viver da pescaria, mas dominar, plenamente, os meios de produção da pesca. O que possibilita a mariscagem a autonomia de trabalho, pois o saber-fazer compreende o controle dos processos de confecção e conserto dos instrumentos e conhecimento da mariscagem, que permitem gerar esse sentimento de ser liberto, por apresentar a qualidade de certa “independência” no que concerne ao “mundo externo” à pesca.

*“A melhor coisa é trabalhar com as coisas que é seu, trabalhar com as coisas dos outros é ruim, é muita humilhação”
(Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).*

Os instrumentos ou métodos que permitem a captura de peixe, molusco ou crustáceo exprimem o estado da arte dos pescadores/marisqueiras. São referências e estão carregados de significados, no universo econômico, cultural e artístico, que marcam e tipificam os espaços da pesca (DIEGUES, 1983).

As artes de pesca agregam as “artes passivas e artes ativas” (AMORIM, 2001, p.231). As passivas são aquelas postas à espera dos peixes e alguns crustáceos, que se dirigem, voluntariamente, para as armadilhas, enquanto, as artes ativas o pescador e a marisqueira dirigem-se ao encontro dos peixes, crustáceos e moluscos, a fim de capturá-los, o que implica a detecção dos cardumes, ostras, sururu, para serem apreendidos pelas redes de conhecimento.

Embora a “produção artesanal pesqueira” esteja inscrita na chamada pequena produção mercantil simples – portanto, subordinada desde sua gênese histórica ao “tempo do relógio” (THOMPSON, 1998) – é possível dizer que os pescadores artesanais ainda tecem seu próprio tempo num ritmo dissonante do ritmo urbano-industrial (MALDONADO, 2000), pois suas vidas seguem os movimentos próprios da natureza – das marés, das espécies, dos astros e da atmosfera.

Essa situação é observada na Ilha das Fontes, sua população percebe a variação das marés através de critérios temporais, sendo um ciclo mensal e um ciclo diário

(DIEGUES, 2000). O primeiro e mais longo, refere-se às alternâncias semanais orientadas pela lua, enquanto que o segundo se refere às alternâncias de curto prazo, num período de um dia. Deste modo, o ciclo mensal varia, segundo a percepção da população, entre “maré grande” e “maré pequena”, como observado na narrativa de Solange:

“Mas quando ela tá pequenininha, ela não toma a praia toda não. Você nunca foi à praia não? De maré pequena? Que você vê que ela não toma a praia toda, ela vem até certo meio e desce. E tem maré grande que ela vem enchendo e enche a praia todinha, ali o lugar que toma banho em Salvador, tem maré grande que ela enche todinha, não é? Fica cá no batedouro, no costeiro. E tem maré pequena que ela não vem, vem até certo lugar e volta. A maré boa pra coroa é a maré grande!”
(Solange, 56 anos, setembro de 2011).

No período de “maré grande”, o volume de água aumenta e diminui em toda a sua capacidade, de modo que todo o mangue é inundado pelas águas, a maré “lava o mangue”. Em períodos de “maré pequena”, não há muita variação, “a maré não enche e nem vaza toda, fica fraca, não corre muito”, ou seja, não chega a alagar completamente o mangue.

No período de um dia, a maré varia entre “maré de enchente” e “maré de vazante”. Isto corresponde à variação diária da maré em períodos alternados de seis horas (DIEGUES, 2000). A saída para mariscar é regulada pela maré baixa, pois a lama do mangue fica descoberta de água. Deste modo, a população define duas outras classificações das marés: “maré cedoira” e “maré tardeira”.

“A maré amanhece enchendo não presta pra mariscar, que a maré como tá começando a encher, quando você chegar na maré, no mangue de manhã, se a maré começar enchendo ela vai encobrindo os mariscos que você tá ali vendo. Ou você espera ela vazar ou você não vai pra maré. Maré boa é maré que amanhece seca, já amanhece vazando, um exemplo assim: de 7 horas a maré começar a vazar, aí tá muito bom para você mariscar, 2 horas a maré tá de enchente, aí é maré boa pra

mariscar, porque dá tempo de mariscar, você marisca sem pressa. E quando é maré cedeira, eu já sai pra mangue 4 horas da manhã, para dar tempo de quando a maré vem enchendo, maré cedeira demais, para dar tempo de poder pegar alguma coisa, pra trazer” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Observa-se que tais classificações correspondem ao que Evans-Pritchard (2005) trata como tempo ecológico que é definido pelos ciclos do ambiente, de modo que o ritmo ecológico acaba por regular as atividades sociais. Assim, estes ciclos de marés orientam a vida e a rotina local, sobretudo, a rotina diária das mulheres marisqueiras.

Outra característica do manguezal reconhecida é a diferença entre os tipos de lama. São encontrados dois tipos de lama, a depender do local: “lama dura” e “lama mole”. O “lamarão” é uma variação da lama mole, é mais movediça que as outras. Sobre a cobertura vegetal do manguezal, as marisqueiras atribuem algumas características e qualidades diferenciadas entre os tipos que são encontrados no local. A classificação diferencia o mangue vermelho e branco através de suas características e qualidades reconhecidas. O mangue vermelho e o mangue branco ficam, às vezes, misturados um ao outro (DIEGUES, 2000). No entanto, há diferença no tamanho, no formato e na cor das folhas como explicado por Vera:

“O mangue é tudo assim, tem mangue branco e tem mangue vermelho. É saraiba branco, e aqui é mangue vermelho, a madeira fica vermelha” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

Observa-se que na Ilha das Fontes a cultura acaba por definir formas de interpretação e compreensão dos recursos naturais, sistematizadas na atividade da mariscagem. Este “fazer” é ligado a um saber que organiza e classifica o ambiente, e vice-versa. Fazer e saber ambos se retroalimentam conforme a perspectiva dialógica entre cultura e conhecimento (MORIN, 2005).

Além desses conhecimentos, o ser marisqueira tem uma carga emotiva, faz parte da história de quem dela vive. Sua consideração a partir da significação ganha importância no entendimento das duas instâncias que permeiam o processo de apropriação do trabalho - o material e o simbólico (BOURDIEU, 1989).

“A pessoa que assim, já viveu desde criança, aprendeu a trabalhar, a pessoa não consegue ficar em casa, tem que trabalhar nisso, mariscar, trabalhar para vender, para comprar qualquer coisa. Eu já gosto de mariscar” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

É notório que o saber fazer da marisqueira, sua habilidade e talento permeiam a bagagem de conhecimentos que esta adquiriu ao longo de sua vida, porém este saber-fazer do trabalhador ganha proporções ainda maiores quando o horizonte é concebido como uma expectativa futura de sobrevivência,

“Se a pessoa não aprende isso aqui pequena ia fazer o que quando crescer?” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

As artes de pesca acima listadas representam o processo do exercício de captura realizado pelos pescadores e pescadoras no território de pesca – o oceano/mar. Essas artes de pesca, pelas suas especificidades, vão atender demandas pesqueiras, as quais, indissociavelmente, se atrelam a geomorfologia do fundo oceânico, às espécies a serem capturadas, à conjugação da confecção do utensílio com a matéria-prima ideal à preparação da arte e o manuseio dos trabalhadores/pescadores. Essa teia de significações compreende uma malha simbólica que nos remete à característica da “praticabilidade” do senso comum ou do “saber coloquial” discutido por Geertz (1997). Tais fatores terminam por caracterizar os aspectos socioculturais do trabalho da pesca e indicam que dominar essa cadeia de fatores compõe o universo de uma boa marisqueira, tornando-a “uma artista”.

A liberdade do trabalho no território das águas

A ideia de liberdade dos pescadores nasce, em suas representações, vinculada à noção de arte de pesca. De fato, “reside nessa arte de pesca, como meio de produção (característica do fator trabalho), um fator fundamental na compreensão da resistência à proletarização tantas vezes demonstrada pelos pescadores artesanais” (DIEGUES, 1983, p. 202). Além disso, o imaginário sobre a liberdade que o pescador possui emerge sempre em oposição a outros trabalhadores. Até mesmo quando o pescador não é

proprietário de embarcação e rede, isso não faz com que ele deixe de dominar todas as etapas ligadas ao processo de trabalho, revestindo sua atividade de uma qualidade incomum, pois o mesmo se sente sujeito ativo das decisões de seu trabalho.

“Acordei e não estava com corangem de catar não, ontem eu ia pra maré de novo pegar ostra, ai disse ‘estou cansada, rastei lama’, já tinha até arranjado a canoa, ai depois eu não fui, Jacque também não foi.” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

O principal aspecto positivo é o fato de trabalharem para si mesmos, além de não terem horário fixo. Neste sentido, identificam a liberdade como uma das características da atividade de mariscagem. Essas relações emergem em um contexto de liberdade, compreendida como o poder fundamental que se tem de ser o sujeito de todas as experiências, não se distingue de sua inserção no mundo. (MERLEAU-PONTY, 1999).

No processo de reprodução social (BOURDIEU, 1989) dos pescadores artesanais/marisqueiras enquanto grupo social produz seu território em um meio aparentemente sem divisões e de grande mobilidade, pressupondo uma interação extensa e contínua com a natureza, resultando a partir da sua apropriação, a construção dos territórios de pesca.

“Já sai daqui da Ilha, já morei em Cabuçu e em Saubara, em lugar que tem mar, em Santo Amaro também, São Francisco, eu mudava assim porque eu morava lá com um rapaz e às vezes para passar a semana tinha que acampar com barraca, ele trabalhava de rede e eu ficava pegando marisco” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

É nesse contexto que as marisqueiras e pescadores seguem os movimentos da natureza e das espécies, explorando seu território produtivo, social e cultural de modo peculiar. Neste sentido, suas atividades, além de dependentes e integradas aos ciclos da natureza, aparecem estreitamente associadas às demais dimensões da vida cotidiana.

“A gente cata com a televisão ligada, assiste a novela, conversa um pouco, só levanto para jogar as cascas lá fora. É bom, até

me distraiu. Aqui já olho os meninos, paro um pouquinho pra arrumar alguma coisa, é bom” (Germina, 49 anos, dezembro de 2011).

A liberdade do trabalho na maré não é determinada exteriormente, imposta por gerências, mas interiormente, de natureza subjetiva, determinada pelas condições sociais de sobrevivência. Dessa forma, quando há falta de alimento para a família ou dinheiro para gastos relativos à sobrevivência, tais necessidades econômicas impõem os ritmos de trabalho e vida nas comunidades pesqueiras.

4 CORPO-QUE-TRABALHA-NA-MARÉ

"É a transferência de minhas intenções para o corpo do outro, e as intenções do outro para meu corpo, esta alienação do outro por mim e de mim pelo outro que torna possível a percepção do outro" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 37).

Para desvendar os caminhos desse corpo-que-trabalha-na-maré me permiti a experiência de não apenas estar em campo a observá-las em seu cotidiano de trabalho, mas fui conduzida a mariscar, conhecer no meu corpo o que me propus a interpretar. E nessa experiência do ‘outro em mim e de mim no outro’ meu corpo e o corpo do outro foram acoplados como uma ação a dois. Eu a imitava em seus gestos, posturas e atitudes na maré, na tentativa de aprender e apreender um pouco desse universo da mariscagem. E nessa conduta de aproximar a distância do meu trabalho e do dela, eu o fiz meu, criei minhas próprias estratégias, vivenciei minhas/nossas dificuldades, para poder retomar e compreender o corpo-que-trabalha-na-maré. E reciprocamente, sei que os gestos, posturas e atitudes que passei a executar foram também objeto de observação para o corpo do outro.

Nessa abordagem para compreender o corpo-que-trabalha não busco um corpo objeto, mecanizado, mas, o concebo dentro de um aparato simbólico onde o envolvimento de gestos, posturas e mímicas corporais são “d’escritos como um texto” revelando traços sociais e significação cultural (LE BRETON, 2003, 2007).

Através das narrativas das marisqueiras e das minhas “lentes”¹¹, que buscam conhecer, vivenciar, compreender e interpretar o fenômeno, com o suporte da análise ergonômica (GUERIN et al, 2005), o trabalho da marisqueira de Ilha das Fontes contempla em geral sete etapas (Figura 9). Um dia o trabalho pode iniciar-se às 7 horas da manhã e findar-se 12 horas depois, noutro a saída é feita com o dia ainda escuro só retornando ao fim da tarde. Tanto as saídas como os retornos dependem da maré, a descobrir e encobrir a fonte de sobrevivência dessa gente que dela vive. Em meio a essa jornada de trabalho permeiam outras, pois a elas cabem o cuidar dos filhos e companheiros, os afazeres domésticos e o preparo da alimentação.

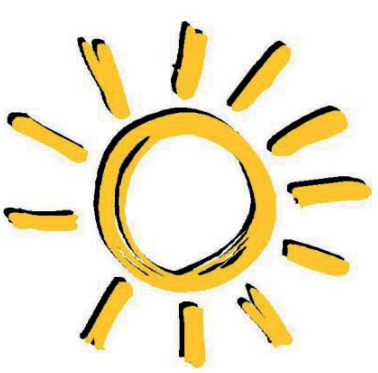
¹¹ Lentes de quem acredita existem inúmeras formas de ver e interpretar o que é visto, considerando-se que valores e comportamentos formadores de diferentes identidades permeiam essas formas diversas de olhar o outro e de, a *posteriori*, como refletindo a imagem de um espelho, tecer novo olhar sobre si mesmo (GERBER In RIAL et al, 2006, p. 126).

Fazer a feira

Venda do marisco aos sábado +/- 5 horas



Preparo dos instrumentos +/- 10 min



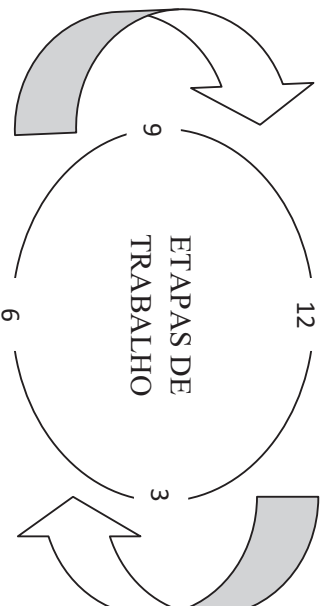
Armazenamento do marisco +/- 10 min

Cuidar dos Filhos

Ida a maré +/- 20min

Preparar refeições

Cuidar do marido

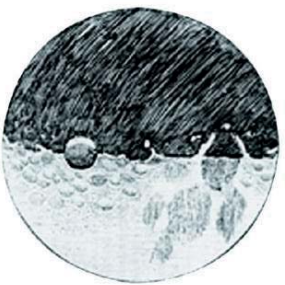


Lavar roupa



Coleta do marisco +/- 5 horas

Cata do marisco +/- 6 horas



Cozimento do marisco +/- 30



Retorno da maré +/- 30 min

Arrumar a casa

Figura: 9: Fases, tempos e afazeres

A ideia desse ciclo, representada de maneira simplificada, busca mostrar as interações entre o ciclo do dia, o ciclo da maré e o ciclo produtivo. A integração desses ciclos com a casa, a natureza e o cotidiano, reflete a existência de relações sobrepostas entre o trabalho na maré e a vida de uma marisqueira. Esse esforço de trazer o todo e as partes através de um esquema representam uma estratégia de compreensão da teia de relações muitas vezes implícitas inerentes ao mundo da pesca artesanal, mais especificamente, na atividade de mariscagem.

A compreensão das etapas que constituem o trabalho na maré, neste caso o marisco “chumbinho”, é apreendida no lócus da atividade, na interpretação das narrativas e na experimentação do corpo em atividade através de minha experiência na Ilha das Fontes.

As etapas do trabalho

1ª etapa: a preparação para o trabalho – o que vestir, o que levar, o que comer?

“De longe avisto Dona Vera acompanhada por um de seus filhos, Fernando e sua neta, Leninha. Dona Vera é uma marisqueira negra, corpo magro e com uma musculatura de braços e pernas definidas, de cabelos trançados, escondidos embaixo de um chapéu preto, usa blusa de manga, saia próximo ao joelho e uma sandália de dedo. Apresenta um sorriso grande e de poucos dentes. Fala embolada, em alguns momentos incompreensíveis. Carregava um balde médio, dentro do balde um facão, uma garrafa de água e uma vasilha de margarina vazia”. (Diário de Campo, janeiro de 2011).

O corpo frágil construído sócio-culturalmente para a mulher perde significado nas comunidades pesqueiras. Corpos que ganham forma e força não pela construção metódica e racionalizada por meio de exercícios programados, alimentação balanceada, ingestão de substâncias sintéticas ou cirurgias, mas pelo trabalho manual/braçal realizado na maré. Esse corpo forte no trabalho é comparado ao corpo do homem, capaz de realizar “atividades de homem” como explica Tatiana:

“Às vezes eu digo que ela não precisa de homem, que ali é como se fosse um homem pra trabalhar, eu digo para ela, Vera você não precisa de homem não, você vive sozinha!” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Corpo que se veste para o trabalho utilizando os recursos que lhes são disponíveis para amenizar os riscos a que são expostos. Corpo que define o abastecimento nem sempre o necessário para a manutenção da longa jornada na maré, mas o possível economicamente ao dia de trabalho, como revelam Tatiana e Vera:

“Já cansei de ir para o mangue sem tomar café da manhã, ficava até tarde. Quando tem a gente leva, quando não tem, a fome aparece e morre no corpo, às vezes quando a gente chega em casa já não tá mais com fome” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

“A maré cansa a pessoas, a gente passa da hora de comer, na hora que vai comer a comida já, a fome já morreu no corpo. A água salgada mata a fome, a água salitra”. (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

Esse corpo também confecciona e improvisa os instrumentos de trabalho da mariscagem. Nessa relação de ‘pertencimento’ (HALL, 2005) transparece a expressão de independência e autonomia do trabalhador da maré/mariscagem. Para realização do trabalho da maré basta-lhe seu corpo e a projeção dele realizada por instrumentos de baixo ou nenhum custo como uma colher ou faca para retirada do marisco e um balde para o transporte. Essa passagem é observada na fala de Jacqueline ao lembrar-se do trabalho na pescaria com necessidade do barco de seu ex-companheiro e a atuação na mariscagem.

“A melhor coisa é trabalhar com as coisas que é seu, trabalhar com as coisas dos outros é ruim, é muita humilhação. Ele ficava humilhando as pessoas dizendo que o material não era meu, era

dele. Eu comecei a tirar foi meu marisco, era sambá, procurava tapu, rala-coco” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).



Fonte: fotos da pesquisa, Thais Dias Gomes, 2011.

Figura 10: Instrumentos de trabalho

2ª Etapa: ida à maré

Juntei-me aos três e seguimos em direção à coroa. A distância é de aproximadamente 1 km, passando por dentro da mata, guiados por um estreito caminho de chão batido. Em alguns momentos da trilha, os galhos das árvores parecem nos abraçar, um abraço arranhado, nos braços, nas pernas, no rosto, tanto “carinho” da mata exige de nós um pouco mais de atenção, para que seus galhos não batam no olho. Ao chegar aos corais o limo existente nas pedras aumenta a necessidade de atenção por risco de queda (Diário de Campo, trajeto à coroa, janeiro de 2011).

Na Ilha das Fontes, diferente do que ocorre em outras regiões pesqueiras, o trajeto à maré é facilitado pela proximidade das casas às áreas de extração dos mariscos. Porém, não a isenta do olhar atento aos perigos do trajeto. O corpo muitas vezes

descoberto está sujeito a pequenos ferimentos provocados pelos galhos ou insetos. O uso de óleo diesel¹² na pele é frequente para inibir a picada dos mosquitos. Segundo Guérin et al¹³ (2005), o contexto geográfico influencia as condições de deslocamento ao local de trabalho e, portanto, as interações entre sua atividade de trabalho. Na maré, as vantagens e desvantagens variarão de acordo com o tempo longo ou curto do trajeto, e algumas particularidades das regiões rurais como a presença de animais soltos (boi, cavalo), ou conflitos como demarcações territoriais impedindo o acesso à maré realizada por latifundiários ou pela Marinha, etc. Realidade esta ainda não observada na Ilha das Fontes.

A depender do local de coleta e do tipo de marisco coletado encontram-se novas dificuldades, o corpo deve ser preparado para enfrentá-las. As vestimentas, os esforços, a habilidade do corpo ao transitar em regiões de mangue, o transporte realizado com canoa são salientadas, como relata Solange e Mônica:

“A gente marisca nessas canoas de madeira, não é nessas de motor que você tá vendo aí não, a gente encosta a canoa e solta na lama” (Solange, 56 anos, setembro de 2011).

“Eu já sai daqui pra ir pra lá remando, 10 horas de remo, e eles na canoa, já cheguei até a dormir lá, pois não tinha condições de voltar com o vento e mar na cara” (Mônica, 40 anos, setembro de 2011).

3ª Etapa: coleta – a mariscagem propriamente dita

Ao chegar ao local de trabalho na maré “coroa”, algumas marisqueiras já exerciam seu ofício. *É debaixo do sol de 8 horas que me pus a mariscar, juntei-me a algumas que já estavam na coroa desde as 7 da manhã. A maré ainda estava baixa, o que representava muito trabalho pela frente” (Diário de Campo, maio de 2011). O*

¹² Segundo dados do National Institute for Occupational Safety and Health (NIOSH, 1988), a exposição ao óleo diesel pode provocar câncer.

¹³ Guérin et al (2005) são utilizados como referências na análise ergonômica do trabalho para auxiliar na compreensão e interpretação do trabalho na maré.

tempo tomado pelo trabalho era quase absoluto. Dispensava-se qualquer treinamento extra.

O corpo ali aprende silenciosamente os gestos, a utilização de forças, as estratégias de trabalho, o melhor local para retirada do marisco. Aprende a lidar com os ciclos do corpo da mulher (menstruação, gravidez, amamentação) e o trabalho na maré. Surgem mitos impressos no corpo da mulher, o útero que interioriza a lama do mangue como me explica Tatiana:

“Diz que no mangue a mulher não pode mariscar porque a mulher tem útero, e para mariscar no mangue é mais arriscado que o homem, minha mãe contava de uma moça que morreu e no exame transvaginal o médico viu o útero dela cheio de lama de mangue, ela mariscava abaixada, o vapor do salitre às vezes caía no buraco, a lama introduzia e entrava, passava às vezes com lama na cintura, ela terminou se prejudicando” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Uma característica da prática médica é não se basear em um conhecimento propriamente dito quando se trata de explicações das classes populares (BOLTANSKI, 2004). A comunicação médico-paciente esbarra-se nas barreiras linguísticas e analogias feitas para facilitar a compreensão, porém as explicações são geralmente vagas e o confundimento propicia os mitos em relação ao corpo-que-trabalha-da-maré.

A marisqueira construiu um modelo explicativo sobre a metáfora associada à falha na comunicação do médico, conforme Artur Kleinman (1978) e Cecil Helman (2004), causa da doença (*illness*) foi o contato com a lama, provocando uma agressão ao organismo da marisqueira que teve como desfecho a morte. O modelo explicativo associa à vida na lama do manguezal que penetra no útero percorre assim a cultura das marés e estabelecendo sua relação com o corpo feminino.

As falas abaixo representam algumas compreensões acerca desse corpo:

Menstruação:

“Quando eu estava menstruada não tinha problema, eu ia para maré e não me molhava, quando chegava em casa eu tomava

banho e me trocava, o problema é para quem tem cólica, ai se tiver muito forte nem sai de casa que não aguenta” (Germina, 49 anos, dezembro de 2011).

“Eu não vou quando tô menstruada porque eu sinto muita cólica, se eu for um dia na maré menstruada e com cólica eu não vou nem trabalhar, nem vou deixar os outros trabalhar, porque eu vou querer ir para casa e o povo que vai comigo vai querer me trazer, para não deixar eu vim só” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Gravidez:

“Eu fui para maré faltando poucos dias pros 9 meses, eu já estava com um barrigão já, às vezes de noite sentia dor no pé da barriga, mas todo dia eu ia para maré. Fui para ostra dela, com um barrigão, agora meu marido não me deixava, eu parava em um só lugar, com balde, ostra e facão. Eu batia na ostra enchia o balde ele ia carregando e botando a ostra lá na canoa, para poder eu não sair do lugar, e eu andando ali com cuidado! Porque se eu metesse o pé ou na ostra ou no buraco podia até prejudicar ela dentro de minha barriga” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Amamentação:

“ela estava com 3 meses, sabe como foi que eu fiz, fui mariscando, essa menina que tá comigo ficou sentada lá na beira da maré, botei o guarda-chuva e fui tirando o marisco e ela olhando a menina, quando a menina chorava ela falava ‘minha tia, tá chorando venha dar mama’, eu largava o marisco lá e ia dar mama para ela, depois voltava de novo para mariscar” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011)

A imagem vista configura-se como um mosaico de corpos, ora com a coluna fletida, apoiando-se em uma das pernas, ora agachadas e sentadas sobre os calcanhares “cócoras” (FIGURAS 11 e 12). Ao extrair o marisco algumas preferências quanto ao uso do instrumento, colher ou faca/facão, ficam evidentes, já que interfere na agilidade da coleta.

*“Minha mãe sabe tirar ostra com faca rapidinho, se ela tivesse aqui já tinha tirado um balde, eu sou mais com a colher.”
(Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).*

No momento da coleta o tronco é inclinado “envergado” para frente, apoiando-se com um braço sobre uma das pernas o que lhe permite um leve descanso. O outro fica livre para segurar o instrumento que dá continuidade a sua mão. Essa inclinação perdura por horas, cotidianamente, feito raízes de manguezais. Observam-se rápidos e precisos movimentos com as mãos¹⁴, chegam a uma frequência média de 9.800 movimentos repetitivos por hora na atividade de extração de “chumbinho” identificados na minha observação. Esse achado corrobora com a média de 10.200 movimentos/hora encontrados na atividade de extração do “chumbinho” realizada em outras regiões de mariscagem (PENA et al, 2011).

*“Com o corpo envergado para frente e segurando uma colher realiza movimentos rápidos com as mãos, as informações tátil, auditiva e visual informam a presença do marisco. Enquanto uma mão cava em busca do marisco a outra armazena até enchê-la e em seguida depositar no balde. Devido a minha profissão de Fisioterapeuta talvez a função tátil seja mais percebida, no entanto necessito dos outros sentidos para acompanhar a agilidade característica desse ofício e principalmente, nosso objeto difere em forma e natureza”
(Diário de campo, janeiro de 2011).*

¹⁴ Ver no anexo III a descrição da Crônica do Trabalho.



Fonte: fotos da pesquisa, Thais Dias Gomes, 2011.

Figura 11: Coleta ‘coluna fletida’ e ‘agachada’



Fonte: fotos da pesquisa, Thais Dias Gomes, 2011.

Figura 12: Coleta com presença de crianças

A coleta de um determinado marisco não impede que outros sejam incluídos no montante coletado e muitas vezes o sol forte e o silêncio são primordiais para a visualização e escuta de outros, como é o caso do “sambá”.

“O sol já estava a maltratar nossos corpos, porém era um dos mais esperados, pois quanto mais quente melhor, já que o sambá precisa dele para ser visualizado” (Diário de campo, abril de 2011).

“Agora só falta o sol esquentar mais um pouco para o sambá, porque quando faz sol eles começam a mijar” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

“Esse marisco é conhecido como mijador, por liberar pequenos jatos de água à medida que o sol esquenta. É preciso muita habilidade, consegui durante esse dia pegar apenas 3 espécies desse marisco” (Diário de campo, abril de 2011).

Nos locais de mangue o corpo assume outras posturas, pois o ambiente exige mais dele, exige equilíbrio e agilidade para não cair ou atolar. *“Uma vez atolada só com a ajuda de alguém para nos tirar do buraco que nosso corpo desenhou na lama. (Diário de campo, setembro de 2011).* O risco de afogamento na lama revela os perigos do mangue e a preferência pelo trabalho na costa “coroa”. Solange me fala sobre as vestimentas, os esforços, a habilidade do corpo na lama e compara o trabalho no mangue e na coroa:

“Veste calça, o sapato, puxa lama, a lama vem até aqui (aponta a cintura), o único lugar melhor de mariscar é na coroa! Lá é tudo laje, a gente marisca abaixada, mas ali não tem muita lama, mas no mangue se você for, ai ai ai, a lama é funda, tem um rio aqui, Rio da Ceara” (Solange, 56 anos, setembro de 2011).

A disposição das pessoas no espaço interfere no processo de coleta, e o movimento dos corpos pode fazer perder o marisco.

Esse aí (aponta para o filho) para tirar rala-coco é ruim, para não ficar pisando no lugar, o bebe-fumo não pode tá pisando que desce, quando a maré descobrir aquele lombo dali eu vou para aquela pedra ali. Tem uma poça aqui que seca, eu não sei se vai secar hoje” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

Esse movimentar-se também exige habilidades e estratégias do corpo, mobilização de saberes tradicionais, pois transitar por sobre o limo implica em dominar certos procedimentos como explica Vera, “*Prenda os dedos na sandália, assim ô*”, e como se estivesse segurando o chão com os dedos do pé consegui me deslocar com um pouco mais de agilidade e acompanhá-las no deslocamento sobre a coroa.

O corpo exposto ao sol possui outros agravantes, como já foi dito o uso de óleo diesel é frequente, associado a pouca proteção dos raios ultravioletas, pois não se observa o uso de protetor solar, apenas um boné a recobrir uma parte do rosto. Os riscos de desenvolverem câncer de pele são evidentes (NIOSH, 1988), pois são mínimos os recursos utilizados à proteção da radiação solar.

“Ela suava, erguia-se, abaixava, acocorava-se¹⁵, no meu corpo todas as juntas já doíam, porém o corpo dela se expressava com poucas queixas, a face demonstrava que algo a incomodava, mas logo o trabalho lhe chama para retornar, pois a maré não tardaria a subir. Com a indiferença do “habitus”, como se a dor fosse comum e estivesse presente em todas, que vivessem assim dobradas, ela suava, erguia-se, abaixava, acocorava-se” (Diário de campo, abril de 2011).

Segundo Le Breton (2011), a socialização conduz a esse monismo da vida cotidiana. Assim, o corpo se faz invisível, ritualmente apagado pela repetição incansável das mesmas situações e a familiaridade das percepções sensoriais (LE BRETON, 2011).

¹⁵ Para Marcel Mauss (2003), a posição acocorada é uma possibilidade de repousar o corpo, uma posição conservada por toda a humanidade, exceto nossas sociedades, sendo um erro privar uma criança desse aprendizado.

“Mariscamos por mais de 5 horas, aquele sol já me causava tonturas, que associado ao fato de não ter comido nada até aquele horário piorava ainda mais o desgaste. De vez em quando parava para contemplar a vista, vista que não vejo no meu trabalho habitual. Com o passar do tempo à frase antes dita pela marisqueira também se torna minha ‘a fome morre no corpo’, talvez por estarmos consumidas pelo trabalho na maré ou quem sabe Vera esteja certa ‘a água salgada mata a fome’”
(Diário de campo, agosto de 2011).

“Como então poderia eu supor que há atrás dessa aparência que está diante de mim alguém que experimenta seu corpo como eu experimento o meu?” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 32, 33). Diante desta questão proposta por Ponty (1984), pode-se supor que o corpo do outro ao realizar gestos, transmitir sinais e signos, emitir palavras, expressões fisionômicas se apresenta para mim como uma espécie de deciframento. Ao me projetar no outro o que sinto do meu próprio corpo, seja por uma associação de ideias ou um julgamento pelo qual interpreto o que percebo, transfiro ao outro essa experiência que possuo em meu próprio corpo.

Por ser um trabalho realizado em ambiente aberto, as marisqueiras estão sujeitas às mudanças de temperatura. A umidade, as temperaturas instáveis, a maresia, deveria haver ali uma aprendizagem, uma educação, sobretudo uma auto-educação (ZOLA, 1979) dos sentidos, para suportar as dificuldades do ofício. Auto-aprendizagem para sobreviver. E assim como os mineradores de Émile Zola, o corpo da marisqueira com o tempo também parecem gastar menos energia, internalizam os códigos da economia de força sem nenhuma explicação científica, mas tão somente essa enorme capacidade que tem o ser humano de adaptar-se para não morrer, antes de buscar as formas de transformar, para daí viver (ZOLA, 1979).

Diferente da construção hierárquica da representada pelo conhecimento biomédico, da anatomofisiologia, que individualiza e segmenta o indivíduo, nas comunidades pesqueiras a integração das partes que constituem o todo é primordial na execução de uma atividade. As técnicas corporais se definem como: “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade em sociedade, de forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (MAUSS, 2003, p. 401).

A consciência que faço do meu corpo é expressa como um esquema corporal, percebido através da posição adotada pelo meu corpo e sua inter-relação com o meio ao qual pertença. Os diferentes domínios sensoriais (visuais, táteis, cinestésicos, outros) que são de interesse para a percepção do meu corpo, não se oferecem a mim como regiões estranhas uma às outras, mas apresentam-se interligadas, formando um sistema (MERLEAU-PONTY, 1999).

4ª Etapa: retorno da maré

Ao avançar da maré, avança-se com os instrumentos de trabalho. Ao final da coleta lava-se o marisco na água do mar para retirada do excesso de areia, uma estratégia para reduzir o peso carregado durante o percurso de retorno da maré (FIGURA 13). O mesmo trajeto é percorrido, porém com o sobrepeso do marisco que pode variar entre 20 ou 40 quilos, a depender da maré.

“Corpos de postura admirável, ‘desfilam’ em direção a suas casas com balde cheio de marisco, ora na cabeça ora nos braços. Técnicas corporais de sustentação de peso com manutenção do equilíbrio adquiridos com o tempo de trabalho, músculos que permanecem contraídos, olhos que buscam a horizontalidade, passos precisos em solo úmido. O risco de queda existe, principalmente em dias de chuva” (Diário de campo, maio de 2011).

E assim no retorno da maré o corpo se percebe sujo e é percebido pelos que lá não estavam como sujo. Há uma rejeição, um conflito com isso, que não está na dimensão corporal. Há um conflito na própria identidade de marisqueira, que se faz não apenas pelas habilidades que adquiriu na maré, mas porque ela é aquela que vai ao mangue e que fica “*suja, com mau cheiro*” e vira mangue também, essa relação segundo Diegues (2000) qualifica-se como verdadeira simbiose.

Os odores da vida cotidiana representam a intimidade mais secreta do indivíduo: fragrâncias do corpo, das roupas, das casas, dos ambientes. Para percebê-los é necessário, com efeito, o contraste, a indiferença (LE BRETON, 2011). Aliás, é através do odor que imediatamente se recorre quando se trata de difamar ou discriminar o outro,

como relata Tatiana sobre os dizeres de Raimundo, pescador indiferente ao trabalho do mangue,

“Olha o safado descendo, Raimundo. Eu não falo com ele não, ontem ele estava dando sutaque falando que o cachorro vinha cheirar minha pele que estava tomando faro fedendo, com mau cheiro, ele pegou o boi que eu não xinguei ele, isso sim, deixa para próxima vez!” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

O discurso social estigmatiza antes os odores como “maus” e associa a feminilidade à presença de cheiros doces, diferente do cheiro do corpo que trabalha no mangue. O odor corporal que exalado pelo corpo constitui a “assinatura de sua presença no mundo” (LE BRETON, 2011, p. 180). Dessa forma Vera nos explica esse pertencimento ao mangue próprio do ofício da mariscagem.

“Não é todo mundo que vem aqui não, para ser marisqueira tem que mariscar, entrar no mangue, se atolar – [risos] (Diário de campo, maio de 2011).

Na saída da maré as fotografias são poucas, algumas não me permitem reproduzir a imagem desse ‘*corpo sujo e de mau cheiro*’, apenas fotografo o que foi coletado durante a jornada de trabalho. Outras percorrem o trajeto ao som de zombarias dos que não entendem o trabalho na maré, como se observa na fala de Tatiana relatando um acontecimento ocorrido no tempo que morava em Santo Amaro:

“Quando a gente passava o povo zombava, os que tinham dinheiro, ainda começavam a zombar da gente. Começava a zombar porque a gente passava com os mariscos na cabeça ‘rapaz, essas mulheres tão doidas, todo dia fica enfiada dentro do mangue’, mas não sabendo a nossa necessidade” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).



Fonte: fotos da pesquisa, Thais Dias Gomes, 2011.

Figura 13: Retorno da maré

5ª Etapa: o cozimento do marisco

Ao chegar à casa outra etapa se inicia (FIGURA 14). Arruma-se o marisco em uma panela para fervê-lo no fogo a lenha. Lenha que é extraída previamente nos arredores da Ilha. Corta-se a lenha ou fazem uso de galhas que já encontram ao chão. *“Com o fogão a lenha ao lado da casa de lona, Tatiana cozinha seu marisco. Para que a panela não fique muito cheia e o marisco cozinhe direito, ela divide em partes menores. Depois de cozido, carrega-se a panela com o corpo envergado, com o peso nos braços para depositá-los na bacia da cata” (Diário de campo, maio de 2011).*

Na casa de Vera o fogão a lenha fica em uma área coberta aos fundos da casa, a fumaça invade os poucos cômodos existentes. Uma fumaça¹⁶ que invade não só a casa, mas nosso corpo, após a inalação a tosse não demora a aparecer. Com toda aquela fumaça os meus olhos ardem, o nariz irrita, mas com o passar do tempo o corpo parece se acostumar como se observa na fala de Vera,

¹⁶ Segundo Maria Moreira et al (2008), a exposição à fumaça de lenha são compatíveis com o aparecimento de sintomas respiratórios e alterações da função pulmonar, com riscos de desenvolvimento de DPOC.

“É tosse, por causa da fumaça, fico assim. Tenho que preparar o fogo, eu boto é na lenha não é no fogão não. Meu gás foi minha ‘fia’ que inteirou de dia das mães, acabando não vai ter dinheiro tão cedo para comprar, tem que ser na lenha. A fumaça entra nos olhos, aquela fumaçada, os olhos ardem. Depois passa” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

O momento do cozimento e da cata sobrepõe-se no ir e vir de cozer marisco, inalar fumaça, carregar panela e despejar na bacia perdura, até que o último marisco seja catado. E assim, com o corpo impregnado pela fumaça começamos a catar. *“Nessa semana foi pau para mim, eu sozinha tive que cozinhar ostra. Tive que pegar o saco, dividir em duas partes para poder cozinhar a ostra. Eu ali sentada, catava, levantava, escorria e ia catar, sentava, levantava, escorria para poder vim catar de novo” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).*



Fonte: fotos da pesquisa, Thais Dias Gomes, 2011.

Figura 14: Cozimento do marisco

6ª Etapa: a cata do marisco

“Eu cato assim, com a TV ligada, desde 3 horas da manhã ela tá ligada aê” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

Não é apenas a TV que está “ligada” desde as 3 horas da manhã, como também o corpo de Vera. Ligada ao trabalho que se estende ao ambiente doméstico. Ainda na madrugada Vera inicia seu trabalho, principalmente quando há uma demanda grande de mariscos a serem catados. Após um café ela prepara o forno a lenha e segue com o cozimento e cata do marisco. Essa jornada acontece com certa frequência, pois Vera marisca todos os dias e tem pela sua agilidade sempre extrai uma quantidade considerável de mariscos. Sua casa é uma continuidade do processo de trabalho da mariscagem, na casa estão as ostras, o sururu e também vestígios da lama do mangue. Há de se espantar que após uma longa jornada na maré ainda se tenha forças no corpo para resistir a essa etapa, que também envolve repetição de movimentos, posturas de corpos já cansados que buscam relaxar.



Fonte: fotos da pesquisa, Thais Dias Gomes, 2011.

Figura 15: Cata do marisco

“Ela cata sentada ao chão, onde também estão os marisco depositados em pequenas vasilhas, além de animais (gatos ou cachorros) a transitar” (Diário de

campo, outubro de 2011). Le Breton (2007) afirma que nos comportamentos de higiene também repousam sobre uma simbólica do limpo e do sujo, do propício e do nefasto; elas também são culturalmente condicionadas. As condutas cotidianas das camadas populares frequentemente funcionam, não há uma ausência de higiene, mas uma outra relação com higiene e prevenção (LE BRETON, 2007). Em comunidades tradicionais os modos de prevenção dependem da cultura comum e suas exigências são lembradas pelos mais velhos, como explica Vera,

“mamãe explicava como ferver o marisco e ensacar, agora a gente coloca na geladeira e ele não estraga, depois a gente leva para vender” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

Rodeada pelos mariscos a vida parece não ser guiada por nenhuma lógica de tempo. O trabalho termina quando a última ostra é aberta. Nesse cenário observo Vera a me explicar sua habilidade na cata da ostra e sua jornada de trabalho,

“Eu cato ostra ligeiro, catei um bocado de ostra, eu comecei duas, três horas, acordei cedo e tô aqui, a bichinha dá trabalhado para catar. É vapt vupt, só cato assim, um dia eu catei uma ruma de ostra assim ô, na casa de minha filha, de tanto eu catei. Já está acostumada a catar ostra não é?! Já estou acostumada a catar, todo dia, só paro quando terminar aqui. De noite eu não cato não, por causa das vista, de dia eu cato, mas de noite não” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

O conhecimento prático ao qual Vera se refere é um dos domínios das técnicas corporais. Segundo Le Breton (2007), esse conhecimento é resultado da competência profissional sedimentada em um conjunto de gestos de base, assim como um grande número de movimentos coordenados nos quais o homem cristaliza, com o passar dos anos, sua experiência secular. “Trata-se de modalidades de ação de sequencias de gestos, de sincronias musculares que se sucedem na busca de uma finalidade precisa” (LE BRETON, 2007, p. 39). Segundo Merleau- Ponty “a aquisição do hábito é sim a apreensão de uma significação, mas é a apreensão motora de uma significação motora” (1999, p. 198).

Ao finalizar uma bacia de marisco, ergue-se o corpo para despejar as cascas no quintal e apanhar a nova remessa. *“Eu a ajudava durante o processo de cata, mas minha dificuldade no manuseio e ‘desconcha’ refletiam que o costume antes dito por Vera é essencial. Enquanto ela era rápida em seus movimentos, habilidosa no manuseio da faca que precisamente atingia a ostra e possibilitava a retirada do marisco, eu ainda tentava encontrar a posição certa” (Diário de campo, outubro de 2011).*

As técnicas corporais apreendidas ao longo da vida e evidenciam um *habitus* cultural, simbólico (BOUDIEU, 1989) que produz a eficácia prática. Não bastava apenas estar ali catando, faltava-me esse aprendizado prático, que segundo Le Breton (2007) é fruto de um condicionamento social apreendido de maneira informal entre a percepção sensorial sentida pelo outro e esse sistema de referência novo para mim. “A percepção dos inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante é função do pertencimento social do ator e de seu modo particular de inserção no sistema cultural” (LE BRETON, 2007, p. 56).

Todos os processos da ostra pareciam ser mais difíceis, sua coleta, seu transporte, seu cozimento e sua cata. *“Minha experiência com o chumbinho e com o siri foram mais gratificantes. Minhas mãos pareciam mais treinadas a ‘desconchar’ o chumbinho e a quebrar a casca do siri. Sentada na companhia de Solange catávamos e para isso fizemos uma pequena divisão do trabalho, ela retirava a carne da ‘cabeça do siri’ e eu ficava com ‘as patas e as bocas’. Uma jornada que durou aproximadamente 3 horas e meia, mas que transcorreu de forma rápida e regada a longas conversas” (Diário de campo, agosto de 2011).*

Como ser corporalizado (MERLEAU-PONTY, 1999), em minha experiência na mariscagem, não constituo um mundo particular ao delas, pessoal e independente. Percebo um mundo comum a nós, no qual me relaciono e me comunico com os demais, não somente ao nível da fala, mas no plano mais profundo e invisível, familiar, cultural (MERLEAU-PONTY, 1999). As atitudes ocidentais negligenciam frequentemente os sistemas simbólicos que dão o contorno e o sentido à vida em comunidades humanas afastadas de nosso modo de existência.

É no momento da cata que o corpo encontra no ambiente doméstico, não só a catar, mas intercalar com o cuidar dos filhos que já retornaram da escola, o cuidar da comida e dos afazeres da casa. Apesar do esforço repetitivo inerente a etapa, este é o momento mais agradável. *“Muitas vezes me vi ‘mergulhada’ na cata a conversar sobre os assuntos mais diversos. Era o momento que elas perguntavam sobre minha vida e eu*

sobre a delas, a interação e socialização permitidas nessa etapa, sem os intempéries e riscos presentes na coleta, amenizava a repetição dos movimentos, permitia pequenas pausas, tornando-a mais prazerosa” (Diário de campo, maio 2011). Ao final da cata o marisco é ensacado e armazenado na geladeira, aos poucos vão aparecendo os quilos que serão vendidos em Candeias.

7ª Etapa: a venda

E nesse cotidiano de trabalho a semana passa, para aos sábados ocorrer o deslocamento para Candeias, local onde acontece a venda do marisco. Lá, também são realizadas as feiras da semana, com o próprio dinheiro adquirido com a venda do marisco. Vende-se um alimento para comprar outros alimentos.

“Eu vendo em Candeias, tudo aqui vende em Candeias, quem vende é minha filha. Eu tiro e ela vende” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

O corpo cansado da jornada de trabalho semanal não pode deixar de atravessar a Ilha em direção a Candeias, lá a feira é movimentada. Em barracas o marisco se mistura às verduras, às frutas, ervas medicinais e tantos outros pequenos produtos para consumo. A venda também acontece na própria Ilha, como relata Tatiana: *“os fregueses aparecem, tem muita gente que compra. Aqui a Ilha é mais visitada pelo turista que compra, em tempo de festa mesmo, muita gente passa festa, ai já compra na nossa mão mais caro” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).*

No entanto, há de se ressaltar que para as marisqueiras, não há férias, descanso semanal e feriados remunerados. A decisão do não trabalho implica na perda da produção correspondente. Um dia que não seja dispensado ao trabalho muitas vezes representa ter que desinteirar o quilo já armazenado.

“Às vezes quando falta tem que desinteirar, para no outro dia inteirar de novo, nem sempre a gente tem o que comer, eu não nego isso, todo mundo aqui sabe que eu preciso mesmo” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Os caminhos que conduzem às entranhas do trabalho na maré expressaram-se temporariamente em meu corpo e cotidianamente no corpo da marisqueira nos dias de intenso labor, mas também transparecem prazer, identidade, pertencimento. Há um domínio sobre seu processo de trabalho, pressionadas pela contingência da vulnerabilidade social. Esse corpo só é conhecível por mim pela sensação que me dá, assim o corpo-que-trabalha-na-maré não é apenas um conglomerado de sensações e memórias. Ao assumir esse fenômeno, percebo mais do que sensações e memórias, há um ‘todo’ significado e fundamentado pelas experiências na maré.

Esse trabalho expresso nas adversidades do campo, realizado sobre condições extremas de esforço e jornada de trabalho exaustiva; sujeito a intempéries e acidentes na maré é percebido pelo corpo com dores e odores. Ao tempo vivencia a vulnerabilidade social em que se inserem as comunidades pesqueiras, mantêm-se na sua tradição oral, perpassando gerações e possibilitando a sobrevivência da população que dela vive.

A DOR NO CORPO-QUE-TRABALHA-NA-MARÉ

Ao realizar uma profunda análise do *habitus*¹⁷ corporal relacionado à saúde de trabalhadores provenientes de classes sociais distintas Luc Boltanski (2004), atribuiu relevantes observações no que diz respeito à conduta dos operários frente à doença. Segundo este autor, a conduta é moldada pelo tipo de uso do corpo ou de trabalho. Seus estudos revelam que as classes populares têm com o corpo uma relação instrumental, portanto, vêem a doença como uma limitação à execução do trabalho (BOLTANSKI, 2004). O trabalho e a força física utilizada na execução da atividade determinam em certo ponto a compreensão e a experiência das enfermidades.

Dessa forma, a posição social e o trabalho são fatores importantes na análise do corpo, os usos do mesmo e as compreensões de saúde e doença. As representações contidas no imaginário social expressam e definem significados diversos à doença e à saúde. Imprimem com isso *habitus* e estratégias diferenciadas em relação aos cuidados com o corpo.

“A gente toma muita frieza, pode acontecer alguma inflamação”: teorias leigas e a experiência de doença (*illness*)

As teorias leigas sobre doenças (*illness*) fazem parte de concepções mais abrangentes sobre a origem dos problemas em geral. São baseadas em crenças relacionadas à estrutura, ao bom funcionamento e ao mau funcionamento do corpo, como a saúde e a doença e remetem a ideia de incapacidade à possibilidade de se manter produtivo. (BOLTANSKI, 2004). Nesse mundo que o corpo trabalha as experiências de doença (*illness*) surgem e são interpretadas a partir de uma rede de símbolos que articulam conceitos biomédicos e culturais (KLEINMAN, 1980; ALVES, 2006).

De acordo com Cecil Helman (1994), os modelos leigos geralmente possuem consistência e lógica internas, que auxiliam na compreensão do que lhe ocorreu. Em geral as teorias leigas situam a etiologia dos problemas de saúde no universo “do paciente”, “do mundo natural”, “do mundo social” e “do mundo sobrenatural”.

¹⁷ Influenciada pelo pensamento de Pierre Bourdieu, sua argumentação é pautada no conceito de *habitus* corporal, compreendendo a experiência de esquemas implícitos que regem a relação dos indivíduos com seus corpos. Essa noção de *habitus* corporal seria então o princípio explicativo das diferenças de consumo médico e estético por parte dos membros dos diferentes grupos sociais (BOLTANSKI, 2004).

(HELMAN, 1994). Ao resgatar o exemplo do mundo natural presente nas narrativas de Germina e Solange. A natureza; o trabalho da maré realizado no frio, no calor, na umidade; ambiente que representa e significa seu contato com a doença:

“Tem maré que eu não aguento mariscar muito no mangue, pois eu tenho problema nessa perna, ai se eu tomar muita frieza me incomoda, dói e eu não ando, fico sem andar. O médico mandava eu tomar menos frieza e me cuidar” (Germina, 49 anos, dezembro de 2011).

“Frieza dá gases, se a gente tiver problema de gases não pode ficar com o pé muito tempo na frieza não, porque à noite ela vai acumulando. Gases não é brincadeira, deixa falta de ar, faz muita coisa” (Solange, 56 anos, setembro de 2011).

Observa-se que as narrativas apresentam uma relação com o externo, as condições climáticas são consideradas causadores de gripes; resfriados; “doenças nos osso”; o andar descalço no chão frio que provoca “acumulo de gases”. Segundo Cecil Helman (1994), essas metáforas são, de certa forma, incorporadas e internalizadas por quem as empregam, passando a fazer parte do modo como os indivíduos vivenciam e dão sentido às experiências em seu corpo.

Durante o período de permanência em campo, Jacqueline apresentou uma paralisia facial. Ao levar seu filho ao médico o enfermeiro do posto percebeu o ocorrido e a encaminhou à médica. A narrativa fornecida por Jacqueline traduz sua compreensão frente ao ocorrido, sendo a precariedade de sua moradia um fator determinante para o adoecimento:

“Eu estava com a boca muito torta, a boca inchada, o corpo doendo como que, parece que o rapaz já disse que eu tô melhor. Mas é que moro numa casa de lona, lá faz muito frio, ai essa frieza não é boa” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

Para construir uma explicação mínima para o fenômeno da doença, os indivíduos não necessitam do conhecimento biomédico. Ao contrário, as imagens

fornecidas pela sua cultura compõem a rede de significados que lhe permite entender os diferentes eventos (GEERTZ, 1978), como por exemplo, a doença. Assim, não lhes basta somente conhecer os agentes causadores, através de técnicas de diagnóstico. A experiência da doença não se resume ao sucesso ou insucesso desta ou daquela forma de diagnosticá-la e tratá-la, mas, sobretudo retrata uma visão e posição no mundo daqueles que a vivenciam (ALVES e SOUZA, 1999).

A teoria leiga, na maioria das culturas, faz parte de uma complexa herança popular, muitas vezes embasada em conteúdos dos meios de comunicação e do modelo médico (HELMAN, 1994). Através do relato de Tatiana sobre um dos episódios de dor grave que a vez ir para o hospital, observa-se a relação existente entre trabalho, alimentação e a condição do suor.

“Eu já estava em casa, estava suada, não sabia, fui chupar melancia, chupei melancia e pouco depois começou uma dor na minha barriga, uma dor fina. Eu disse, ‘mãe, to sentindo uma dor muito forte em minha barriga, faz um chá de boldo para mim’. Ela disse, ‘se não passar amanhã a gente vai pro hospital’. Eu fui por médico, quando chegou lá o médico me examinou toda e disse, ‘sua filha comeu alguma coisa Dona Marina?’ Minha mãe disse, ‘não, ela estava mariscando na maré, quando chegou ele chupou um pedaço de melancia e estava suada’. Ele disse, ‘só pode ser isso que deve ter prejudicado sua filha’. Mas só que o povo de lá onde a gente morava disse que eu estava assim que era bactérias, porque a comida que a gente deixa lá às vezes pousa mosca, mosquito e ali a gente come” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Nota-se na interpretação do “suor” (decorrente do corpo que ficou exposto ao sol) e da "frieza", certa proximidade à teoria dos miasmas, de grande importância no discurso médico de determinado período, para se entender a transmissão de alguns tipos de doenças. A narrativa de Tatiana traz também uma aproximação com a medicina bacteriológica interpretando o discurso biomédico a partir de significações do adoecimento do corpo e a vulnerabilidade presente em seu contexto social.

Como proposto por Kleinman (1980), Alan Young (1982), a enfermidade (*illness*) é construída por um processo interativo representado pela doença vivida, percebida e significada pelo paciente enquanto experiência subjetiva de um estado de descontinuidade no desempenho de papéis sociais e na sua forma de “estar no mundo”. Para François Laplantine (1991), o avanço no debate do estado de “mal-estar” (*sickness*) é necessário, uma vez que ela se propõe a articular as condições sociais, históricas e culturais de elaboração das representações do doente e das representações do médico.

A relação corpo/cultura vai além da questão do sofrimento físico (KLEINMAN, 1980), ele serve como uma matriz simbólica que organiza experiência corporal e mundo social e natural. Não se separa significado e sensação, assim a experiência corporal só pode ser entendida como uma realidade subjetiva onde o corpo, a percepção dele e os significados se unem em uma experiência que vai além do ‘corpo em si’.

“O cansaço que eu falo é o cansaço da maré”: quando todo o corpo dói

De acordo com Kleinman et al (1978), o *modelo explicatório* é construído por noções elaboradas a partir da experiência de doença e em referência aos tratamentos utilizados, distinguindo-se o modelo dos profissionais e os que são utilizados pelo doente e seus familiares. Entretanto, algumas críticas quanto a seu limite às práticas curativas e a sua perspectiva de saúde como ausência de enfermidade são destacadas Alan Young (1982). Seu conceito é utilizado neste estudo para compreender os significados da dor no corpo-que-trabalha-na-maré.

Cada atividade laboral impõe diferentes demandas ao corpo do trabalhador, com diferentes respostas desde o cansaço (fadiga) à dor muscular aguda ou crônica. No estudo apresentado, a percepção da doença é possibilitada por sinais e sensações corporais como cansaço e fraqueza, indicando que algo impede o funcionamento “normal” do corpo.

É de extrema relevância o conhecimento desse corpo no trabalho, para que se compreenda de quais tipos de cansaço (fadiga) estamos falando. No ofício de mariscagem a fadiga corporal geral (*disease*) entendida pelo modelo biomédico são diagnosticadas através de presença de movimentos repetitivos, posturas adotadas no trabalho da maré (PENA et al, 2011), pretende-se nesse estudo ampliar signos e significados expressos nesse cansaço da maré.

“Ao corpo é exigido tamanha precisão nos movimentos que na retirada do ‘sururu’ não há só o movimentar-se do braço para arrancá-lo da lama do mangue, mas também movimentos finos das mãos, com destreza, para tirá-lo sem que este afunde e com isso deixe de ser extraído, conhecimentos prévios sobre o ofício, representações do mangue, necessidades de sobrevivência”.
(Diário de campo, junho de 2011).

Como descrito no capítulo anterior, a maré impõe ao corpo uma continuidade de etapas, longa jornada, carregamento de peso, posturas, gestos, movimentos repetitivos. Ao narrarem o ‘cansaço da maré’, Solange e Mônica revelam seu aparecimento principalmente após as etapas desenvolvidas fora do ambiente doméstico, um cansaço que cessa com o repouso, mas muitas vezes impede a continuidade do trabalho:

“A manhã toda na maré. Quando chega, chega cansada. O cansaço que eu falo é o cansaço da maré. Os braços cansados de remar porque a canoa é de madeira não tem canoa de motor não. As pernas cansadas de puxar lama. Cansaço é assim, aquele esmorecimento nas pernas, depois vai passando”
(Solange, 56 anos, setembro de 2011).

“Cansaço, a gente vai para maré, chega lá a gente solta na lama para tirar ostra, vai carregar balde de ostra pesado para colocar na canoa, quando chega em casa tá arreventado. Quando chega tem que descarregar a canoa, trazer para casa, tudo é peso, aí a gente sente cansaço, tem dias que nem aguento fazer muita coisa. (Mônica, 40 anos, setembro de 2011).

O cansaço é expresso no corpo, pois mesmo à noite, enquanto “os demais operários cansados do labor diurno metem-se na cama para passarem comodamente à noite, num sono reparador, as noites dos pescadores estão cheias de trabalho e insônias” (RAMAZZINI, 1985). O trabalho acompanha o fluxo das marés, (DIEGUES, 1983; PENA et al, 2011) dessa forma, “à noite também realizam procedimentos ligados à pesca/mariscagem, como a captura do caranguejo e colocação de armadilhas ‘monzuá’

nas áreas de mangue. Mesmo retornando para casa com o dia amanhecendo, as marisqueiras de Ilha das Fontes continuam os afazeres que lhe cabem no ambiente doméstico” (Diário de campo, junho de 2011).

Essa forma de perceber a doença bem expressa à importância social do corpo como meio de existência para aqueles que dele dependem para sobreviver. Não somente uma parte do corpo dói, este corpo dói por inteiro, é o ‘cansaço da maré’, percebido como físico, mas também mental. Segundo Diegues (1983), o trabalho exige o reconhecimento e identificação dos mariscos, além de um vasto conhecimento de espécies, fluxos da maré, estratégias de trabalho em um ambiente em constante modificação. Vera nos explica alguns dos conhecimentos necessários para a cata da ostra, demonstrando a exigência não só física, mas um vasto conhecimento no processo de trabalho das marisqueiras e que é necessário estar com a ‘cabeça boa’ para aprendê-lo,

“Tem que tá com a cabeça boa não é? Para aprender isso aqui. A gente tira ostra, a gente sabe que é na ‘sapata’ que fica, ai bate e tira. Se bater o machado ai quebra, corta e vem inteiro” (Vera, 60 anos, novembro de 2011).

O cansaço também é observado nos relatos de uma respiração cansada pela inalação da fumaça durante o cozimento do marisco, *“Eu estava cansando, tive que tomar nebulização, mas a médica disse que era da fumaça do fogo que eu cozinho o marisco” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011)*. Uma fumaça que também *“entra nos olhos e ardem”*, com expressa Mônica em sua narrativa,

“A fumaça entra nos olhos, aquela fumaça toda, os olhos ardem, depois passa. Meu pai hoje tá com catarata, tá precisando fazer a cirurgia, praticamente ficando cego, e é assim, devido o problema mesmo de maré. Quentura que a gente recebe muito nas vistas para cozinhar o marisco” (Mônica, 40 anos, setembro de 2011).

Trata-se do Modelo Explanatório Leigo (KLEINMAN et al, 1978), a releitura do texto ganha ressonância na fala de Mônica. A fumaça interpretada como causadora da

catarata¹⁸ é uma forma de explicar seu aparecimento, pois é durante o cozimento que “os olhos ardem”. Conforme salienta LUZ (2003), é importante compreender o papel da re (significação) da saúde e adoecimento, pois é na construção de novos significados que o entendimento do processo histórico envolvidos nos projetos de cura dos doentes assume um espectro maior que os de ordem psicobiológica.

Nesse contexto, o trabalho acontece, o cansaço desaparece para novamente reaparecer após um novo dia de trabalho. Com o passar dos anos de trabalho, essa fadiga torna-se sinal de fraqueza impedindo a continuidade do trabalho como relata Tatiana: *“Eu estava fraca, chegava em casa tinha vez que eu nem catava no mesmo dia, não aguentava mais” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011)*. E assim, Vera questiona-se sobre a necessidade de parar, pois o corpo já não mais consegue dar conta de tantas fadigas acumuladas no trabalho. *“A maré cansa a pessoa, tendo a idade assim é mais para continuar na maré?” (Vera, 60 anos, novembro de 2011)*.

A sobrecarga de trabalho, associada às mínimas condições materiais, limita a vida dessas trabalhadoras das águas a movimentos de revolta às situações insuportáveis dentro das fronteiras que aprenderam a tolerar, onde a violência que os atinge é sutil, é escamoteada no cansaço, na dor e nos acidentes que os atinge.

Naturalizações e tolerâncias: a dor normal e a dor dos acidentes

Durante o trabalho de campo o contexto e particularidades da Ilha das Fontes delinearão os caminhos percorridos nesse capítulo. O que outrora se justificava pela busca dos significados da dor atribuída por marisqueiras necessitou ampliação do olhar e do sentir, pois muitas vezes a dor permanecia silenciada e tolerada (BOLTANSKI, 2004; HELMAN, 1994).

“Eu já senti dor nas costas, dor nas pernas, senti o corpo inteiro, mas não podia deixar de ir, pois não tinha nada em casa, tinha que ir. A gente consegue suportar a dor porque não é uma dor grave de ir pro hospital.” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

¹⁸ Segundo Dall’Oca (2004) e , a execução de trabalho a céu aberto submete o pescador artesanal ao excesso de sol durante o trabalho, com possíveis implicações no aparecimento de cataratas, lesões degenerativas na pele, queimaduras, envelhecimento precoce ou até dermatites.

Corroborando com a narrativa de Tatiana, Solange nos explica sua compreensão acerca dos possíveis impedimentos ao trabalho na maré e sua tolerância aos problemas de saúde,

“Quando a gente tá sentindo alguma coisa a gente não vai pra maré. A não ser que seja assim uma dor de cabeça, uma dor que não empate não é? Porque tem coisa que a gente sente e tem que ir! Eu estou dizendo assim, às vezes a gente tá com uma dor de cabeça fraca, dá pra ir. Às vezes a gente tá se sentindo mal, com problema de pressão. Se a pessoa não fica tonta, dá pra ir, não é? É assim. Nada me impedia de ir pra maré, o que tá impedindo agora é isso¹⁹” (Solange, 56 anos, setembro de 2011).

Segundo Pimenta e Portnoi (1999), o conceito atribuído à dor compreende três componentes: o sensitivo-discriminativo (sensação física), o afetivo-emocional (emocional) e o cognitivo-avaliativo (pensamento). Esse conceito descreve a dor como uma informação transmitida da periferia para o Sistema Nervoso Central, que interagem com fatores emocionais e culturais e podem modificar a percepção da informação inicial. A partir da narrativa apresentadas, observa-se que a experiência da dor é um sintoma presente, muitas vezes decorrente de uma jornada de trabalho extensa, percebida, porém tolerada (HELMAN, 1994; PIMENTA e PORTNOI, 1999) em decorrência de necessidades básicas de sobrevivência e da centralidade do trabalho na vida dessas mulheres.

Para resistir a este contexto de trabalho, as marisqueiras criam estratégias de continuidade do trabalho mesmo com dor em decorrência de cortes na maré, como nos relata Tatiana:

“Eu com um saco na cabeça e de barriga, sai correndo e passei o pé na ostra, chega deu para ver o negócio, o nervo do pé.

¹⁹ Solange foi diagnosticada com Câncer Bilateral de Ovários, no momento da entrevista aguardava a cirurgia, sem saber do diagnóstico, do qual só foi informada após o procedimento.

Mesmo assim no outro dia eu fui de novo com esse pé inchado, cortado, sangrando, fui assim mesmo noutra dia. O pé inchado, amarrei um pano, calcei a bota, fui tirei ostra novamente” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

No entanto, por mais que a dor seja tolerada, outros indícios são percebidos por Tatiana. O antes compreendido como dor privada, normal, torna-se pública e anormal (HELMAN, 1994), com o aparecimento dos sinais de inflamação, justificando a necessidade do relativo repouso da maré: *“No terceiro dia eu não aguentei ir mais, porque já estava me dando febre, me deu íngua também” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).*

O tipo de trabalho determina a forma com que os indivíduos cuidam do corpo e da saúde. Para Luc Boltanski (1994), para quem os indivíduos que possuem uma relação instrumental com o corpo, devido à natureza das atividades laborais, tendem a prestar menos atenção aos fenômenos corporais. Isto se dá: *“talvez porque o estabelecimento de uma relação reflexiva com o corpo é pouco compatível com uma utilização intensa do corpo” (BOLTANSKI, 2004, p.157).*

Em alguns momentos realizam pequenas pausas para alívio da dor na coluna devido às posturas realizadas na maré. Dor esta que depois do cansaço generalizado referido no processo de coleta, configura-se como uma das mais narradas, como se observa nas fala de Jacqueline:

“Levantar um pouquinho, a coluna retou, vou descansar um pouquinho se não eu não aguento. A coluna não tá deixando não, já to agoniada. Essa dor começou no dia que eu fui pro mangue tirar ostra, fui carregar o balde na cabeça, tive que ficar descansando, sentada na canoa, até a hora de vir. Quando eu cheguei em casa não aguentei mais, nem a ostra eu carreguei para terra, que eu não aguentei mais a coluna” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

A dor descrita por Jacqueline não é interpretada apenas como decorrente do trabalho, continuando a narrativa ela explica o processo ao qual desencadeou a referida dor: *“Eu também recebi um chute nas costas, sentada catando o marisco, o rapaz veio*

de lá para cá por causa de fuxico e sem esperar recebi um chute no meio das costas, recebi essa traição do cara que eu morava, a partir da pancada a dor começou. Eu vinha pro trabalho e a dor aumentava” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011). A dor da violência doméstica aplicada à mulher é na maioria das vezes naturalizada, tolerada e não denunciada.

Há também a dor que marca as lembranças das dificuldades na maré, uma dor que pouco se tolera, e por isso é relegada ao esquecimento. Falas das suas histórias de acidentes que permanecem na invisibilidade social, e que sentem até hoje no corpo as mazelas de uma injusta história. Essa dor marcada em Mônica e Jacqueline são narradas pelo acidente com o barco que virou com seus filhos ainda pequenos:

“Marcas eu tenho do perigo que já passei com as crianças em canoa, já virei canoa com eles, carregada de material de pesca, às vezes até com marisco, eles pequeno, ai eu tive que jogar para dentro do mangue para poder salvar eles, ma., oi, tem coisa que eu não gosto nem de lembrar, que foi muito difícil para mim!” (Mônica, 40 anos, setembro de 2011).

Levei ele para maré, ele caiu da canoa. Se sujou todo de lama, ele e a menina, ela ficou pendurada no ‘berço’ da canoa e ele caiu, minha realza foi que a maré estava baixa” (Jacqueline, 34 anos, outubro de 2011).

Observa-se que além dos aspectos sociais, a religião também exerce forte ligação na compreensão da dor, sua naturalização, tolerância e na maneira como as pessoas percebem os problemas de saúde (HELMAN, 1994). A narrativa de Solange traduz essa interface da religião com o problema de saúde que vem enfrentando:

“Eu sempre vou para igreja, porque eu vejo muita gente sendo curada e nem precisa operar. Eu fui hoje na igreja do Iguatemi²⁰, porque tem coisas que Deus faz e tem coisas também

²⁰ Solange é protestante e com certa frequência desloca-se a Salvador para assistir ao culto na Igreja Universal localizada na Avenida Luis Eduardo Magalhães.

que Deus livra. E quando eu vim de lá eu sai até melhor, proque minha barriga aqui, ela fica assim ô, alta, alta assim. E hoje ela estava vazia, parece que já saiu alguma coisa, assim de dentro. Deus leva as doenças” (Solange, 56 anos, setembro de 2011).

Para Pimenta e Portnoi (1999), as religiões desempenham um importante papel importante no processo de socialização ao moldar a percepção do indivíduo sobre si mesmo e também a sua resposta a dor. Por isso, são a partir das relações que os indivíduos estabelecem com o corpo, o *habitus* corporal dos membros de um grupo, que são expressas e definidas as práticas de intervenção e procura dos possíveis tratamentos, pautadas na relação estabelecida entre os profissionais de saúde e o paciente.

Entre terapêuticas e comunicação médico-paciente: aproximações necessárias

Assim como vastas são as possibilidades de tolerância a dor, são vastos os artifícios, ensinamentos e caminhos para tratá-las. As alternativas permeiam em torno da ‘prática informal’ (automedicação, aconselhamento com outras pessoas, assistência em igreja e cultos), passando pela ‘alternativa popular’ (curandeiros), até chegar ao ‘setor profissional (fisioterapeuta, enfermeiro, médico)’ (KLEINMAN, 1978; HELMAN, 1994). Consiste nessas alternativas a eleição de diferentes sistemas de “cura” ou a integração das diversas assistências.

As mães, atentas à saúde dos filhos, sabem reconhecer através de certos sintomas o estado de saúde ou doença (BOLTANSKI, 2004). Guiadas pelo comportamento da criança elas direcionam a conduta de tratamento em casa ou no posto de saúde. A relação com o tratamento da doença exprime uma compreensão e atitude frente ao seu repertório de doenças assimiladas ao longo da vida.

“Meus meninos é tudo sadio, graças a Deus. Não tive trabalho de remédio com os meninos, o remédio deles era chá e a vacina que naqueles tempos que tomava. Às vezes estava com tosse que levava no posto e dava xarope. O meu menino tinha um que cansava, mas o remédio era chá caseiro. Eles tão sadio assim graças a Deus. Não saia as carreiras para médico nenhum a gente tem que pedir a Deus é saúde. No dia que Deus achar que

*eu deve ter dinheiro eu tenho, ao meu suor, do meu trabalho”
(Germina, 49 anos, dezembro de 2011).*

Os itinerários terapêuticos podem ser entendidos como ações humanas que se constituem pela junção de atos distintos que compõem uma unidade articulada, capaz de gerar significações no curso de suas ações (ALVES et al, 1999). A prática médica oficial relatada por Germina, quanto ao uso de vacinas próprias da infância, complementa a prática médica familiar representada pelo uso de chá caseiro. Sobre o uso de chás Tatiana nos explica algumas folhas medicinais utilizadas por ela nos cuidados à saúde:

“Para as pessoas que sentem a dor de cabeça tem o vick, agora não vou te amostrar o pé do vick que minha irmã levou para plantar na casa dela, é vick mesmo, você pega a folha, esfrega a raiz na mão e pode cheira para você vê, ali já serve para dor de cabeça, dor no corpo, faz o chá, às vezes você pode botar para ferver, botar um ‘pinguinho’ de nada de açúcar e tomar, tem também a cidreira, se você tiver muito cansada da maré e não tiver com sono pode fazer o chá de cidreira e tomar, o chá de ‘melisia’, você pode tomar porque é calmante e vai te dar sono. Também tem ‘amesca’, que eu já falei da ‘amesca’, tem a folha do mangue mesmo, que se você tiver com dor de barriga pode mastigar uma folha madura, e tem também a ‘bezetacil’, o ‘arroizinho’, aqui mesmo tem muito ‘arroizinho’ lá na frente, ele é bom para inflamação” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Vários significados, importância e tratamentos foram gravados no corpo através dos séculos, nas diferentes sociedades e culturas. Algumas práticas populares surgem como consequência da necessidade de se resolver problemas diários e “(...) pelo fato de darem certo se transformam em convicções, em crenças e são repassadas de um indivíduo para outro e de uma geração para outra (...)” (SILVA, 1996, p. 75), assim consideramos crenças como o conhecimento advindo do senso comum repassado de geração a geração, adquirido de forma empírica e que faz parte da cultura popular.

Essas crenças transitam em explicações simbólicas de interpretação e tratamento como a observada na fala de Tatiana, após um corte com a ostra, “*eu pensei que tivesse até cortado a veia do meu dedo*” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011). O conhecimento popular transmitido pelos pais perpassa no uso dos recursos contidos no próprio meio natural como forma de tratamento:

“Botei dentro da água salgada e aí o sangue começou a sair. Meus pais sempre diziam que se tivesse um corte de maré a gente pegava o próprio marisco ou a lama do mangue, botava dentro do talho que a gente levava no pé que era para cicatrizar ligeiro e não dá danos maiores” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

O corte na maré é visto como perigoso, “*se você toma um talho grande mesmo e a maré tiver seca você morre ali*”, mas inúmeras são as estratégias e teorias para conter o sangramento, no episódio narrado por Tatiana um vasto arsenal terapêutico foi apresentado como sua compreensão sobre a contenção de um corte para permitir a continuidade do trabalho:

“Peguei um pedaço de pano do meu vestido mesmo e amarrei bem apertado que é para poder estancar o sangue. Quando vi meu dedo gelando eu digo, é já passou. Que dizem que quando a pessoa amarra apertadamente e o dedo gela o sangue já parou de correr no local para sair. Aí quando tá gelado desamarra e volta a trabalhar de novo” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

No ambiente doméstico outras terapias são adotadas, o uso de frutas cítricas também é considerado cicatrizante como complementa Tatiana,

“Eu cheguei em casa, peguei o limão com sal que também é bom para cicatrizar ligeiro. Marrava um pano e era assim, não precisei ir para posto não, não fiz curativo, não fiz nada, fui

botando limão, limão com sal até que cicatrizou” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Em outra passagem de sua narrativa Tatiana nos explica um dos vários episódios de dor abdominal e diarreia, relatando sua forma de amenizar a sensação e poder retornar ao ofício:

“Quando eu vou para maré é uma dor de barriga, diarréia, de as pernas da pessoa ficar franca mesmo, de você cair. Eu já cai dentro do mangue assim ô, oi, oi, oi, e a dor de barriga em cima ali ô, sem sair de você ali, e você suando frio, uma dor insuportável, tomando minhas pernas toda, que eu estava com as pernas fraca, que eu achei até que eu ia cair no mangue. Foi que eu mastiguei a folha do mangue, me sentei um pouquinho e depois foi aliviando a dor de barriga e eu consegui trabalhar, a gente que mora aqui conhece um bocado de folha” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

O modelo explicativo leigo (KLEINMAN, 1978; HELMAN, 1994) de tratamento utilizado por Tatiana é definido como um conjunto de ideias construídas como resposta a experiência de doença (*illness*). Essas práticas se justificam principalmente por meio da crença na ação terapêutica dos recursos utilizados. Ao se tratar de experiências vivenciadas dentro do processo saúde-doença é impossível desapropriar os sujeitos das concepções e representações arraigadas ao saber cultural.

Outras alternativas são observadas como o uso de massagens terapêuticas para alívio da dor na coluna:

“Eu passo dotozinho, ai eu sempre dou massagem , boto meia e passa. Tempo frio mesmo eu não aguento muita frieza.” (Germina, 49 anos, dezembro de 2011.).

“Quando eu chego da maré eu vou deitar, eu tenho que botar água quente nas minhas costas, molhar um pano assim, botar a água para ferver, molhar o pano e botar ele úmido, bem quente

em cima de minhas costas para aliviara dor. Quando é assim eu também faço umas massagens com as mãos” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Essa relação entre práticas científicas e populares encontra inúmeras dificuldades, principalmente no que concerne o discurso do médico-paciente (BOLTASNKI, 2004). Como é observado na narrativa de Tatiana sobre o contra ponto entre o discurso médico e o conhecimento popular sobre a relação entre dor e fraqueza:

“Eu fui no médico, ele somente passou vitamina, sulfato ferrosos. Eu acho que sulfato ferroso é para quem tem anemia. E eu preciso me fortificar, preciso é de uma vitamina de cálcio pros ossos. Eu acho que to com fraqueza nos ossos, porque minha mãe sempre me dizia que quem sente muitas dores nas pernas é fraqueza nos ossos, precisa de um cálcio” (Tatiana, 27 anos, outubro de 2011).

Observa-se que o primeiro trabalho na construção das representações populares da doença, vai consistir em trazer o desconhecido ao conhecido, injetando sentido nos termos emprestados pelo discurso médico. Para que seja possível o sentido esses termos devem coincidir com categorias cuja manipulação lhes seja familiar (BOLTANSKI, 2004). Algumas das dificuldades e conflitos na relação médico-paciente frente aos membros das classes populares são reflexos da reserva em fornecer-lhes uma informação única clara a respeito de sua doença e do tratamento prescrito, como se observa na fala de Germina,

“Quando eu era pequena eu sempre ficava entevada em cima da cama, eu não andava. Eu sentia muita dor nos braços e nas pernas, ai eu ia pro médico nos braços dos outros. Ai eu cuidei, entrei em tratamento tomando injeção, toma injeção de três em três dias, eu tomei umas 15 de bezetacil, ai eu enjoiei e disse assim, eu não vou tomar mais. Voltei no médico e ele me perguntou se eu tomei direito e falou ‘você tem que cuidar dessa perna, você pode ficar alejada’. Eu acho que foi doença no osso

mesmo, que dói por dentro, eu acho que é nos nervos, aí quando eu tomo frio ataca.” (Germina, 49 anos, dezembro de 2011).

Segundo Luc Boltanski (2004), essas explicações variam em função da classe social do paciente. A atitude médica frente às classes populares centra-se em dar ordens sem comentários, em vez de conselhos argumentados. Dessa forma, estabelece-se uma relação de autoridade, onde o não cumprimento das prescrições sanções estabelecidas acarretará consequências à saúde física da paciente.

A frequência e a intensidade das relações que os doentes mantêm com o médico crescem quando se sobe na hierarquia social, quando diminui a distância social entre o médico e seu paciente (BOLTANSKI, 2004). As classes populares estão afastadas devido às diferenças que separam sua língua da língua das classes cultas. A compreensão e memorização do discurso médico pelas classes sociais são feitas por meio de um trabalho de reinterpretação (de forma a fazer sentido). Neste sentido, reproduzem o que é diverso pela comparação e analogia, substituindo as categorias da medicina científica por categorias populares, simples e antigas. Sendo que, cabe ao médico saber explicar ao paciente utilizando palavras com as quais este esteja familiarizado.

Com base na teia de significados presente nas narrativas das marisqueiras entrevistadas observa-se que o corpo e os problemas de saúde, relativos tanto ao trabalho como às doenças em geral, são representados, resignificados e passíveis de diferentes leituras, consoante ao contexto social e aos diferentes campos do saber que devem atuar mutuamente.

OUTRAS PALAVRAS

Embora alguns trabalhos sejam vistos, pelo ‘observador externo’, como empobrecidos, esvaziados de conteúdo ou difícil, ainda assim, há algo que estabelece um elo afetivo dos trabalhadores com seu ofício. Mesmo em trabalhos dotados de poucas opções e satisfação de necessidades mais amplas, há fortes vínculos afetivos entre o sujeito e sua atividade de trabalho. Como uma arte, a mariscagem extrapola e recria os significados do trabalho, que vai além da necessidade de sobrevivência, possibilitando liberdade e prazer para as mulheres que dela vivem.

Durante muito tempo as mulheres transitavam no mundo da pesca artesanal invisibilizadas, o que contribui na existência da questão de gênero no trabalho nas comunidades pesqueiras (BECK, 1989). Como observado na Ilha das Fontes, as atividades na terra são exercidas por mulheres, além de possibilitar a inclusão do trabalho de crianças, idosos e pessoas com necessidades especiais. São reconhecidas como marisqueiras e exercem uma atividade que envolve tradições, tecidas geração após geração, desvendando os caminhos da arte de ser marisqueira. Detentoras de um vasto arsenal de saberes marítimos, elas criam e recriam um modo de ser no mundo, através do *habitus* de vida (BOURDIEU, 1989) que tece a teia de significação do corpo-que-trabalha-na-maré.

As marisqueiras da Ilha das Fontes são trabalhadoras populares que exercem seu labor com instrumentos artesanais e a partir de uma dinâmica não capitalista de produção numa sociedade regida pelo capital. Basicamente, todas as etapas produtivas – preparação para o trabalho, ida a maré, coleta, retorno da maré, cozimento, cata, venda – são artesanais, escrevendo no corpo a dinâmica e os ensinamentos da maré.

A experiência de campo apresentada envolve o corpo, a mente, a intencionalidade e a relação dos sujeitos ali presentes. Para decifrar a linguagem do corpo-que-trabalha-na-maré foi preciso revelar e (re) construir as narrativas corporais, através das minhas narrativas. A começar do questionamento sobre os significados desse corpo que resiste a uma jornada de trabalho intensa e longa, às intempéries naturais e se mantém hábil para seguir na jornada doméstica. Tomei como norte nessa trajetória o caminho das técnicas corporais (MAUSS, 2003), internalizadas em nossa cultura, até a recuperação, na memória corporal viva, individual e coletiva (LE BRETON, 2007) das experiências marcantes e dos saberes corporais prévios das

marisqueiras da Ilha das Fontes. Nesse cenário surgem mitos sobre o útero, estratégias para realizar o trabalho durante a menstruação, a gravidez e a amamentação.

As estratégias de naturalização da dor durante os longos anos de trabalho inscreve no corpo limites que são expressos com o avançar da idade. Um envelhecimento também desamparado de garantias sociais próprias a um trabalhador. Esse “diálogo” realizado na e pela linguagem do corpo possibilitou, não somente conhecer mais o mundo da pesca artesanal, mas compreender como a dor se expressa no trabalho na maré.

Nesse estudo, entendemos *doença* no sentido predominantemente refletido na expressão *illness* (KLEINMAN, 1978; HELMAN, 1994), como reflexo da combinação de aspectos da experiência das marisqueiras e situações socioculturais do mundo da pesca artesanal. Observa-se nas narrativas de uma dor no corpo generalizada e significada como um cansaço, que não as impede de exercerem o ofício. Nesse contexto a dor é naturalizada e tolerada, pois as condições de sobrevivência impõem a continuidade do trabalho, mesmo com a presença da dor no corpo pelo cansaço ou ferimentos. A partir do Modelo Explicativo Leigo (KLEINMAN, 1978; HELMAN, 1994) vivenciado na comunidade, as práticas e itinerários terapêuticos são conduzidos e emergem como forma de manutenção do corpo em atividade.

A complexidade de interpretar outra cultura, trabalho e significados da dor, na Ilha das Fontes revelou cenário diferenciado das demais comunidades pesqueiras da Baía de Todos os Santos. As políticas assistenciais desenvolvidas no município de São Francisco do Conde (PAS e bolsa família²¹) configuraram-se como estratégias que permitem às comunidades pesqueiras um subsídio auxiliar para sobrevivência. No entanto, as políticas públicas necessárias à continuidade e reconhecimento da atividade extrapolam o assistencialismo, avançando em perspectivas como a valorização do trabalho da pesca artesanal/mariscagem.

As reflexões contidas nesse estudo permeiam horizontes extremos de mesmo cenário. De um lado o desamparo social que impõe às marisqueiras um estado constante de vulnerabilidades. Do outro, o amparo circunscrito na riqueza das tradições orais, na liberdade do ofício, no domínio dos meios de produção, o que lhes permitem sair da linha tênue da extrema miséria às condições mínimas de sobrevivência. Sem garantias de políticas públicas específicas à pesca artesanal, muitas vezes pelo total

²¹ Programa do Governo Federal

desconhecimento das necessidades reais das comunidades pesqueiras, os recursos são mal utilizados e as ações voltadas para o mercado da pesca industrial.

As implicações desse estudo ao trabalho na maré ratificam a necessidade da compreensão sociocultural e valorização da tradição e do prazer na arte de mariscagem para proposição de medidas preventivas ao trabalho. As ações articuladas com o Programa de Saúde da Família devem ser pautadas nessa perspectiva de construção das relações entre profissionais de saúde e a comunidade, quando esta vai à busca de auxílio biomédico. Compreender o trabalho para transformá-lo (GUERIN et al, 2005) faz-se necessário a medida que as intervenções de caráter preventivo na comunidade sejam condizentes com o *habitus* de vida e trabalho. A imposição de práticas como pausas, alongamentos, exercícios não garantem a adoção destas práticas pela comunidade, pois a maré não segue a lógica da ginástica laboral em uma empresa. As negociações de ações preventivas são articuladas em campo, em conjunto com elas, estabelecendo limites e possibilidades à sua realização.

Não buscamos discussões especulativas com relação ao fim da atividade pesqueira artesanal, pois inúmeras seriam as repercussões não apenas nas comunidades que dela vivem, mas também para às regiões que consomem o produto final de seu trabalho, o marisco. Assumir a discussão da pesca artesanal, em especial do trabalho exercido pelas mulheres na mariscagem, permitiu uma aproximação desse corpo-que-trabalha-na-maré, não apenas com o olhar da avaliação biomecânica realizada pela Fisioterapia, mas extrapolando esse olhar sistemático para compreender o corpo em sua dimensão subjetiva e cultural. Um corpo forte, moldado pelo trabalho braçal, impregnado de lama do mangue, e por isso sujo e com odores, mas que tolera a dor no trabalho para continuar sobrevivendo dele.

As devolutivas do estudo seguem como prioridades na continuidade dos estudos desenvolvidos em comunidades pesqueiras, visando melhorias nas condições de vida e trabalho. Um importante passo foi dado no que concerne à compreensão do cenário da mariscagem na Ilha das Fontes. As proposições aqui levantadas emergiram nesse contexto e dessa forma, possibilitarão a ampliação de novos debates.

REFERÊNCIAS

- ALVES, P. C; SOUZA, I. M. Escolha e avaliação de tratamento para problemas de saúde: considerações sobre itinerários terapêuticos. In: RABELO, M. C; ALVES, P. C. e SOUZA, I. M. **Experiência de doença e narrativa**. Editora Fiocruz, Rio de Janeiro; 1999, p 125-38.
- ANDRADE, Mario de. **O baile das quatro artes**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.
- ARNASON R. General Profile. In: ILO -International Labors Organization. **Encyclopedia of Occupational Health and Safety**, 1998. Acesso em: 18 jan 2011. Disponível em: http://www.ilo.org/safework_bookshelf
- ARROYO, M. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAHIA PESCA. **Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina**. Estado da Bahia: [s.n.], 2005.
- BRASIL. **Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura – Brasil 2008 - 2009**. Ministério da Pesca e Aquicultura, Brasília, 2011, 100 p.
- _____. **Decreto nº 6.040**, de 07/02/2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em: 20 jul 2011.
- _____. **Lei 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9605.htm>. Acesso em: 20 jul 2011.
- BECK, A. **Lavradores e pescadores: um estudo sobre o trabalho familiar e trabalho acessório**. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1979.
- BECK, Anamaria. **Pertence à mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina**. Rio Grande do Norte, Natal: 1989. (Programa de pesquisa e conservação de áreas úmidas do Brasil, IOUSP – F. Ford – IUCN) Fórum de discussão sobre o universo social da mulher, a pesca e sua relação com a ecologia. [s.n].
- BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004
- BOUYER, G.C. A “nova” ciência da cognição e a fenomenologia: conexões e emergências no pensamento de Francisco Varela. **Ciência e Cognição**, Ano 03, v.07, mar/2006.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BUDO, M. L. D., NICOLINI, D., RESTA, D. G., BÜTTENBENDER, E., PIPPI, M. C., RESSEL, L. B. A cultura permeando os sentimentos e as reações frente à dor. **Revista da Escola de Enfermagem, USP**, v. 41, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080_05&lng=en&nrm=iso, Acesso em: 12 fevereiro 2012.

CASTRO, Edna. Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2000, p 165-182.

_____ (Coord.) Inventário de Valença e Camamu. In: _____ **Povos e águas: Inventário de áreas úmidas**. Inventário de áreas úmidas do Brasil, versão preliminar. São Paulo: USP/F. Ford/UICN. 1990.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS JOSUÉ DE CASTRO. **Trabalho da mulher pescadora em comunidades pesqueiras do litoral de Pernambuco**: sistematização preliminar para correções/reformulações. In: Taller latino-americano sobre gênero e o trabalho da mulher em comunidades pesqueiras costeiras. Recife, maio 2000.

DALL’OCA, A. V. Aspectos socioeconômicos, de trabalho e de saúde dos pescadores do Mato Grosso do Sul – MS. 2004. 72 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ática, 1983.

_____ A Sócio-Antropologia das Comunidades de Pescadores Marítimos no Brasil. **Etnográfica**, v. 3, n. 2, p. 361-375, 1999..

_____ **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3 ed. Hucitec: São Paulo, 2001.

_____ **A pesca construindo sociedades**: leituras em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004.

_____ Aspectos Sócio-Culturais e Políticos do uso da Água. In: **Plano Nacional de Recursos Hídricos**. Ministério do Meio Ambiente, 2005.

_____ **Pesca e marginalização no litoral paulista**. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, 1973.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Ed. Centauro, 2002.

FAO, **Food and Agriculture Organization of the United Nations**. The State of World Fisheries and Aquaculture. 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____ **O Saber Local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. Mulheres e militantes. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, ano 5, n. 2, 2º semestre 1997, p. 349-364.

GOLDMAN, Marcio. “Alteridade e Experiência: Antropologia e teoria etnográfica”. **Etnografia**, v. 10, n. 1, p. 161-173. Universidade de São Paulo, 2006.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir - corporeidade e educação**. Campinas . Papyrus, 1994.

GUÉRIN, F. et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. São Paulo: Edgard Blucher, 2005.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

_____ **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu de Silva e Guacira Lopes Louro. 5ª ed. Rio de Janeiro: DPeA, 2005.

HELMAN, C.G. Dor e cultura. In: *Cultura, saúde e doença*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994. p. 165-75.

HOBBSAWM, E.J. **Os trabalhadores:** estudo sob a história do operariado. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

IBAMA. **Monitoramento da atividade pesqueira no litoral do Brasil - Projeto ESTATPESCA:** relatório final. Convênio SEAP/IBAMA/ FROZZE nº109/2004, Brasília, 2006.

_____ Roteiros Metodológicos – Plano de Manejo de Uso Múltiplo das Reservas Extrativistas Federais. **Edições IBAMA:** Brasil, 2004.

IUCN. Global Status of Mangrove Ecosystems. **Commission on Ecology Papers.** International Union for Conservation of Nature and Natural Resources, Gland, Switzerland. nº. 3, 1983.

IVO, Anete Brito Leal. **Pesca: tradição e dependência.** Um estudo dos mecanismos de sobrevivência de uma atividade ‘tradicional’ na área urbano-industrial de Salvador. 1975. n de folhas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

KLEINMAN, A., 1978. Concepts and a model for the comparison of medical systems as cultural systems. **Social Science and Medicine**, 12 (2B): 85-93.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** São Paulo, Editora Brasiliense, 2003.

LAPLATINE, F.; RABEYRON, P.L. **Medicinas paralelas.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

_____ **A Sociologia do corpo.** Editora Vozes. Petrópolis- Rio de Janeiro, 2007.

LEITÃO, Maria do Rosário Andrade. **O Papel da mulher no desenvolvimento local.** Recife: Editora FASA, 2009.

LÉVI- STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado.** Lisboa: Edições 70, 1986

_____ **Mito e Significado.** Tradução Antônio Marques Bessa. Coletivo Sabotagem, 1978.

_____ **As estruturas elementares do parentesco.** Petrópolis, Vozes: 1982.

MALDONADO, S. C. No mar: Conhecimento e Produção. In: DIEGUES, A. C. **A imagem das águas.** Hucitec/Nupaub: São Paulo, 2000.

MALDONADO, S. C. **Pescadores do Mar.** Ática: São Paulo, 1986.

MANESCHY, M. C. A. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do

- Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v.11, n.2, p. 145 - 166, 1995.
- MARONI, Amnéris Ângela. **E por que não?** Tecendo outras possibilidades interpretativas. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2008.
- MARTINS, J. C. de O. **Cultura e cultura organizacional: pressupostos das ações no turismo**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2002.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**, v. 1, livro 1. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.
- _____. **A expressão obrigatória dos sentimentos**. São Paulo: Ática, 1979, p. 147-53.
- _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003
- MATTA, R. da. **Uma introdução a Antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MINAYO, M.C.de S. Saúde-doença: uma concepção popular da etiologia. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.4, n. 4, 356-362, out/dez. 1988.
- MINAYO, M.C.S. et all. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- MORIN, Edgar. **O método IV: habitat, vida, costumes, organização**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4º ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MOURÃO, F. **Pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo**. São Paulo. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 1971.
- MPA, Ministério da Pesca e Aquicultura. **Boletim Estatístico da Pesca e Aqüicultura - 2008 e 2009**, 2011.
- MUSSOLINI, G. O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião. **Sociologia: Revista didática e científica**, v. 7, n. 3. p. 135-147, 1945.
- NETO, E. **Etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade no litoral norte baiano: um estudo de caso entre os pescadores do Município do Conde**. Universidade Federal do Alagoas, 1998.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unes, 1998.
- PENA, P. L. Relatório de pesquisa sobre condições da pesca artesanal de mariscos, riscos ocupacionais e doenças relacionadas ao trabalho na comunidade de Bananeiras, Ilha de Maré/BA, 2007.
- PENA, P. G. L; FREITAS, C. CADIM, A. Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, Bahia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 8, 2011.
- PIMENTA, C.A. de M. & PORTNOI, A.G. Dor e cultura. In: Carvalho, M. M.M.J. de (org.) **Dor: um estudo multidisciplinar**. São Paulo, Summus, 1999. p. 159-73.
- PROST, Cathérine. Resex marinha versus polo naval na baía do Iguape. **Novos Cadernos NAEA**, v. 13, n. 1, p. 47-70, jul. 2010.

- RAMALHO, C. W. R.. **A Arte de fazer-se pescador artesanal**. In: II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-graduação em Ambiente e Sociedade (ANPRAS), Indaiatuba, São Paulo, 2004.
- RAMAZZINI B. **As doenças dos trabalhadores**. São Paulo: Fundacentro - Ministério do Trabalho; 1985.
- RIAL, Carmen. Revisitando a etnografia Mar-de-dentro: pesca, turismo e a transformação do espaço social. In: RIAL, Carmen; GODIO, Matías (Org.). **Pesca e turismo: etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul**. Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC, p. 21- 37, 2006.
- RICOUER, P. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- RICOEUR, P., 1994. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papirus.
- OLIVEIRA RIOS, A. de; REGO, R. C. F; PENA, P. G. L. Doença dos trabalhadores da pesca. **Revista baiana de saúde pública**, v.35, n.1, p.175-188 jan./mar, 2011.
- SARTI, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde soc.** São Paulo, v.10 n.1, Jan./July 2001.
- SILVA, L.G. 1996 **A faina, a festa e o rito**. Gentes do mar e escravidão no Brasil (sec. XVII ao XIX), Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História, Universidade de São Paulo
- SILVA, T. E.; TAKAHASHI, L. T.; VERAS, F. A. V. **As várzeas ameaçadas: Um estudo preliminar das relações entre as comunidades humanas e os recursos naturais da várzea da Marituba do Rio São Francisco**. Programa de Pesquisas e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil. Universidade de São Paulo, 1990.
- SIQUEIRA, Teresa Cristina Barbosa. A construção da intersubjetividade em Merleau-Ponty. **Revista Educativa**: v. 5, n. 1, jan/jun, 2002.
- SCHUTZ, Alfred. O mundo das relações sociais. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). **Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 123-193.
- THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VANNUCCI, Marta. **Os manguezais e nós: uma síntese de percepção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- VELHO, G. Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.
- YOUNG, A. The anthropologies of illness and sickness. **Ann. Rev. Antropol.** 1982; 11:257-285.

ANEXO I**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****PROJETO: MULHERES DAS ÁGUAS: SIGNIFICADOS DO CORPO-QUE-
TRABALHA-NA-MARÉ**

Estou convidando você para participar de uma pesquisa sobre o corpo no trabalho da maré. O objetivo deste estudo é compreender como as marisqueiras significam o corpo-que-trabalha-na-maré. Eu como mestranda da Universidade Federal da Bahia, através do Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho, sou responsável por este projeto que foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira.

Estão sendo convidadas para participar deste estudo as marisqueiras da comunidade de Ilha das Fontes. Serão feitas entrevistas, observações das atividades, fotografias e ou filmagens. Neste momento, você está sendo convidada a responder uma entrevista, que será gravada e transcrita posteriormente. Nesta entrevista faremos uma questão aberta sobre seu trabalho de mariscagem aqui na Ilha das Fontes.

Sua participação é voluntária e muito importante. As informações obtidas serão mantidas sob sigilo, sendo estritamente confidenciais e somente serão utilizadas para este fim. Se você precisar de qualquer esclarecimento adicional sobre a pesquisa estes serão fornecidos em qualquer tempo do seu curso.

Consentimento: Eu, _____ li ou ouvi a leitura do consentimento informado. Tive a oportunidade de perguntar questões sobre o projeto e elas foram respondidas adequadamente. Sou voluntária em participar deste estudo.

Salvador, _____ de _____ de 2011.

Assinatura do entrevistado

Assinatura do entrevistador

ANEXO II

O julgamento de Zé da ‘Costa’

Era cedo, a segunda-feira que geralmente se inicia tranqüila devido às comemorações do domingo parecia às avessas. Já se observava desde o outro lado da Ilha um tumulto na praça, muitos homens, um falatório, um vai e vem de pessoas, cenário bem diferente dos outros dias de calma e labor.

O barqueiro disse que era roubo. “Entraram no bar de Renato e levaram quatro mil essa madrugada. Pegaram um cara perambulando aqui perto, nunca vi por aqui. Deve ser da Costa. Agora tão lá apertando pra vê se ele fala alguma coisa”.

O que de longe era tumulto de perto estava muito bem organizado. O suposto acusado Zé da ‘Costa’, nome pelo qual ficou conhecido, estava sentado no banco da praça cercado por um pequeno júri composto pelo irmão de Renato e Tonho, aparentemente calmos. A platéia era representada por quase todos os homens da Ilha, a priori todos da platéia o condenavam. Duduca, um jovem rapaz com problemas mentais, vigiava o acusado. Agitado e com o celular em punho estava Renato, a vítima, a ligar para alguns conhecidos da polícia.

Ao lado do bar de Renato tem o de Rafael e de sua esposa Wilma. Neste dia apenas Wilma presenciava o movimento de forma ativa, porém dentro de seu bar. Gritava a todo o momento “Soltem o rapaz, você não sabem se ele roubou, não batam nele”. E era isso o que mais acontecia, Zé da ‘Costa’ apanhava da platéia mais afoita, pois a função de Duduca era só vigiar, não tinha ninguém para proteger o réu, apenas os gritos de Wilma.

Entre tapas, empurrões e alguns murros sempre chegava uma ‘bombinha’ de cachaça vinda do bar de Renato. Bebia o réu, o júri e a platéia. A vítima bebia vinho no bar de Wilma. Zé da ‘Costa’ alegava “Só digo quem foi quando a polícia chegar!” e a platéia gritava “Ele sabe quem foi e não tá querendo dizer!”, “bate que ele fala!”. E lá ia mais uma cena de tapas, empurrões e alguns murros e novamente a rodada de cachaça acompanhada de amendoim.

O sol que antes despertava ao leste agora se encontrava acima de nossas cabeças, o cenário permaneceu quase intacto, quase, pois agora todos estavam embriagados, réu, júri, platéia e vítima. Cambaleantes os tapas, empurrões e alguns murros já surgiam seu

motivo. “Quero urinar” gritou Zé da ‘Costa’. “Acompanha ele Duduca, mas fica de olho se não ele foge”. “Fugir para onde? Olha como ele tá, não consegue nem andar, deixe o rapaz em paz” retrucava Wilma. “Ele só sai daqui quando falar o que sabe” dizia Renato que ainda ligava, porém nada da polícia chegar.

Passou um pescador que compadecido com o estado de Zé da ‘Costa’ se aproximou, tirou dois reais do bolso e falou “Vá lá e compre sua cachaça”. Cambaleante Zé levantou e pediu a bombinha que foi oferecida aos demais. Todos muito solidários, novamente beberam.

A tarde passou e a noite já se aproximava. Duduca ainda vigiava o réu, a platéia tinha diminuído, porém ganhou a presença de algumas mulheres, como Del, Dalice e Quequel. Acompanhando o coro de Wilma as três pediam para não baterem e conversavam entre si sobre o acontecido, o roubo do bar de Renato. “Roubaram três mil, acho”. “Sabe o que é... Renato não deixa o dinheiro em casa pra mulher não pegar, isso é que dá. Escondeu de um e deu pra outro” disse uma delas, todas riram. Todas observavam a situação da porta do bar de Wilma, Del, a mais curiosa, se aproximava para ver o estado do rosto de Zé da ‘Costa. “Ele tá com o nariz sangrando, bateram demais, porque ele não conta logo? Ou diz que não viu nada..., fica ai dizendo que vai contar pra polícia, tu é doido”.

Já era noite, a platéia estava esgotada, Renato já não sabia mais para quem ligar, passou o dia todo com o celular no ouvido e um copo de vinho na mão. A essa altura já não pensava mais nem tanto no dinheiro perdido, mas no seu prestígio que não foi valorizado. Ele um homem com contatos na polícia não tinha conseguido um para resolver seu problema. Até um barqueiro ficou aguardando para transportar os policiais, passou o dia sem beber nada.

Com o anoitecer veio a chuva, as 21:00 um carro da polícia parou do outro lado da Ilha. Rapidamente o barqueiro foi em sua direção. O suspense pairou no ar. Renato se alegrou, a platéia animada, todos na expectativa da intervenção. Zé da ‘Costa’ respirava calmo, mal abria o olho e não conseguia passar mais de cinco segundos em pé.

Antes que o barqueiro conseguisse chegar à margem para atracar, o carro dos policiais deu partida para seguir. O ânimo de desfez, até Zé da ‘Costa’ se abateu, o que ele tanto guardou para contar para os policiais estava prestes a deixar de ser dito. O barqueiro conseguiu arrancar algumas palavras de um dos policiais. “Se vocês acham que ele é culpado atire-o ao mar amarrado a uma pedra!” O eco da frase chegou antes mesmo do barqueiro. O barulho recomeçou, todos falavam ao mesmo tempo,

indignados com a atitude dos policiais e a possível sentença. “Ele não vem aqui e ainda manda a gente matar o infeliz, e se ele não for culpado é a gente que paga depois”, “Oxe, como ele pode falar isso”, “Jogou a responsabilidade dele para a gente”, “Como é que fala isso, quem vai fazer uma coisa dessas”. Quando a confusão ficou um pouco mais contida Zé da ‘Costa’ se pronunciou após tomar mais um gole da cachaça. “Eu ia falar..., eu ia falar pra eles que eu não vi nada!” Após a fala caiu ao chão. Duduca não mais o vigiava, a platéia se esvaziava e a vítima assumiu o papel de juiz e decretou a sentença pondo um fim no julgamento de Zé da Costa. Zé estava livre para voltar à Costa, embriagado, mal se agüentava em pé, feliz e pela primeira vez valente. “Pode vim todo mundo que eu bato, eu bato...”

Todos cambaleantes seguiram para suas casas, apenas as mulheres permaneceram aguardando a chuva passar e observando se Zé conseguiria mesmo ficar em pé.

ANEXOS III

CRÔNICA DO TRABALHO DE MARISCAGEM

MARÉ CEDEIRA – CHUMBINHO

5:30 – 6:20 Acordar, escovar os dentes, preparar o café (“café preto com biscoito, quando tem” – Tatiana), retirar o feijão da geladeira, organizar os filhos para deixar com a irmã e arrumar os materiais de mariscagem (balde, colher, vasilhas menores). A roupa destinada a coleta do chumbinho pode ser um short e uma blusa, um pano ou boné na cabeça. Em épocas de muito mosquito passasse gás nas partes descobertas.

6:20 – 6:45 Passar na porta da casa da irmã que irá acompanhá-la na coleta do marisco, iniciando o trajeto até a areia do mar. Caminho de chão batido através da mata, passando por regiões de lama de mangue, com algumas áreas de afundamento do calçado, até o local de retirada em frente a praça principal da Ilha.

6:45 – 6:47 Identificação da área para iniciar a coleta.

6:47 - 11:25 Início da coleta. Durante a coleta observa-se a realização de pequenos intervalos possibilitada pelo deslocamento na maré em busca do marisco. Quando levam alimento e água realizam pequenos intervalos para alimentação ou deixam para o final da coleta. Ao avançar da maré, avançasse com os equipamentos de trabalho. Sujeito a intempéries da natureza (alternância de chuva e sol), com continuidade do trabalho de coleta mesmo com a chuva. Ao final da coleta lavasse o marisco na água do mar para retirada do excesso de areia.

6:47 – 6:55 □	Com a coluna reclinada sobre o corpo e o braço esquerdo apoiado na perna esquerda (com variações para a esquerda durante o ciclo), segurando uma colher realiza movimentos de flexão e extensão de punho, desvio ulnar e radial para retirada da camada de areia que recobre o marisco. A informação tátil, auditiva e/ou visual informa a presença do marisco. Com movimento de pinça da mão direita, que ainda segura a colher, o marisco é retirado da areia e depositado na mão esquerda até enchê-la por completo, que será esvaziada depositando os mariscos em uma vasilha de pequeno a médio porte. □ (variando em decorrência do local, às vezes com muito marisco o que reduz o tempo de enchimento da mão esquerda, ou com pouco marisco, o que aumenta o tempo para enchimento)
6:55 – 6:58	Enchimento da vasilha de pequeno a médio porte, alteração da postura para deslocamento até o balde onde serão depositados os mariscos para lavagem no mar, após o fim da coleta.
6:58 – 7:13	Retorno a coleta, iniciando o ciclo de enchimento da mão esquerda e vasilha de pequeno a médio porte.
11:18 – 11:25	Lavagem do marisco no mar deposita o marisco na saca de cebola vazia para retirada da areia, retorno do marisco ao balde, caso

	retorne a coleta para encher mais um balde, ou permanecendo na saca dentro do balde.
--	--

11:25 – 12:10 Trajeto de retorno a casa com o balde ou saca de marisco na cabeça ou sustentado pelo braço. Peso aproximado de 25 kg, retorno com chuva.

12:10: - 12:15 Passa na casa da vizinha (ama de leite) que ficou com seu filho durante o dia e o leva para casa.

12:15 - 13:05 Chega em casa para ferver o feijão, preparar o marisco já catado quando não tem a carne ou o frango para fazer parte do almoço. Muitas vezes desinteirando do quilo já embalado que precisará ser repostado. Neste dia teve carne salgada, pois seu esposo mandou pelo barco.

13:05 – 13:20 Almoço

13:20 – 13: 38 Lavar os pratos na bacia fora da casa de lona em cima de uma mesa improvisada com pedaços de madeira. Uso de uma bacia para lavagem e um balde de água para enxágüe dos pratos.

13:38 – Amamentar filho e cuidar das atividades domésticas.

MARÉ TARDEIRA – CATAR OSTRAS

5:45 Acordar, escovar os dentes, preparar o café, retirar o feijão da geladeira.

6:00 – Preparar o forno a lenha para cozimento da ostra, o bambu já encontrava-se recolhido.

6:20 – 6:35 Tempo de cozimento da 1ª panela cheia de ostra. Quanto maior o tempo de cozimento mais fácil sua retirada da casca, no entanto deve-se observar o ponto certo para não esbagaçar a ostra.

6:35 – 6:50 Cozimento da 2ª panela.

7:05 – 11:50 Processo de cata da ostra, sentada ao chão da sala, usando uma faca na mão direita, tendo por perto uma pedra para bater as ostras mais duras, um balde para depositar as cascas e duas vasilhas para colocar a ostra, sendo uma delas com águas para as ostras que estiverem mais moles. Termina esse horário ainda com ostra a catar.

11:50 – 11:55 Retirada do balde com as cascas, com depósito ao lado da casa.

11:55 – 12:05 Aquecer o forno com mais bambu, abanar pegar fogo. Nesse momento a filha mais velha ajuda esquentando o feijão e o arroz no fogão dentro de casa. Os dois filhos não foram à escola, pois a mais velha estava doente (dor de cabeça).

12:05 – 12:20 Cozimento da 3ª panela.

12:20 – 12:35 Cozimento da 4ª panela.

12:35 – 13:40 Continua processo de cata da ostra.

13:40 – Almoço.

13:50 – 19:00 Continua processo de cata da ostra. Durante esse período a filha ajudou aquecendo o forno e colocando mais uma panela.

19:00 – 19:45 Limpeza da sala, retirando as cascas da ostra. Lavagem dos pratos sujos durante o dia.

19:45 – 20:00 Preparo da galinha para os próximos almoços.

22:00 – Aguardar o sono chegar...dormir